

dez/2021 - jan/2022

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA
CONTEMPORARY ART BRAZIL



Fábio Ferreira

Fábio Ferreira

D-ARTE Londrina
 ANO 1 - Edição 1 - novembro 2019

Alto Moraes
 Edy Moraes
 Presidente: Luciano
 Gabriel Conzatti
 Maria Helena de Oliveira
 Maria Angélica Constantino
 Mauro Nobre
 Nilda Pinheiro Zambaldi
 Raphael Bley
 Rogério Sklyab
 Valde Rodrigues
 Wilson Inácio

D-ARTE Londrina
 Caderno de **Literatura**

D-ARTE Londrina
 ANO 1 - Edição 22 - Maio 2019 - 14 páginas

Sua! Tenha de Jesus
 O que é o stress? Resposta através
 do Instagram visual

Isaac Camargo
 REFLEXÕES - Arte e
 mercantilismo

21º Festival
 Mostra de Cinema

MURDO E CIBERBAZ
 INTERNACIONAL HISTÓRICO POP:
 Formosa, Edilene Vasquez
 Francisco Bort

CONHEÇA O PUNTO BRASILEIRO
 DE DIREITOS HUMANOS

REV DOUGLAS
 FÁBIO MOURA
 BARTUQUE NA CARRA
 MOURA MOURA
 PREDIÇÃO SOBREVIVÊNCIA
 BARRA SANTO DANIEL
 MARIO VITOR POZZO
 REAGIR SEM COMBATER
 FESTIVAL DE DANÇA DE LONDRINA
 CARTOON & EXPOSIÇÃO CENÁGRAFADA

D-ARTE Londrina
 Caderno de **Literatura**

Londrina pelo avesso
 Anne Posselt Ayres - "Bênção de Cópia"

Irmãs de palavra
 Daisy Fran e Polly Constantino

Estética Indígenas
 Laila Silveira Constantino e Cassia
 Helena Vilela

"ARRIBA - UMA BIOGRAFIA"
 Projeto "Casa e Passagem"
 Raphael Bort

Flora
 E MAIS

Alto Moraes
 Edy Moraes
 Luciano Gabriel
 Gabriel Conzatti
 Maria Helena de Oliveira
 Maria Angélica Constantino
 Mauro Nobre
 Nilda Pinheiro Zambaldi
 Raphael Bley
 Rogério Sklyab
 Valde Rodrigues
 Wilson Inácio

D-ARTE Londrina

1ª MISS
 BELEZA NEGRA
 LONDRINA 2019

BLACK

Isaac Camargo
 Cia Pedras
 Teatro e Circo

Jaime Santos

COLÉTIPO
 REMOVIDA

RAFAEL

DAIO SOUZA

DEMOSUL

RICARDO FRANÇA
 FUNCART

VITÓRIA MARTINS

D-ARTE Londrina
 Caderno de **Literatura**

D-ARTE Londrina
 Contra a gordofobia
 movimento "corpo livre"
 ganha força na internet

FUNCART
 METRÓPOLIS 2019

ARTE - REFLEXÕES
 Isaac Camargo

RIF Coffin Joe
 ZE DO CAIXÃO

Visite museus do mundo
 logo sem sair de casa

ROGERIO SKLYAB

Hellway Patrol

ECONOMIA CRIATIVA
 Maria Moura

FUTURE-SE

A nova artilharia pesada do
 governo contra a Educação

2019

A estética pop tupiniquim:
 dos antropofagos aos grooves da lama
 por André Camargo Lopes

ARTE ERÓTICA
 AGNES CRVERNA

ALDO MORAES
 CIA PEDRAS TEATRO E CIRCO

Ken Loach - Luiz Gama
 Ricardo R. França - USINA CULTURAL
 VILMA MUNHE - WILSON INACIO

D-ARTE Londrina
 Caderno de **Literatura**

Isaac Camargo
 Camilla Gomes
 Charles Bukowski
 Genilda Cortegoso
 Gabriela Freitas
 Irmãs de Palavra
 João Liberman
 Rogério Sklyab
 Roberto de Silva
 Sueli Bortolin
 Wagner Xavier
 William Blake
 Wilson Inácio

D-ARTE Londrina

A ARTE É UM VÍRUS

ANDRESSA GALVÃO
 ANDRÉ CAMARGO LOPES
 CAROLINA BAGNETTI
 CÍNCIO CORTEGOSO
 IRMÃS DE PALAVRA
 JOÃO ARLINDO DOS SANTOS NETO
 MATEUS JARDIM
 PAULO FÉLIZ
 RAFAEL OLIVEIRA DA CRUZ
 RITA NORDESTINA
 SUELI BORTOLIN
 TAÍS OYA
 VINÍCIUS FONSECA

EDIÇÃO #5 ABRIL 2020

D-ARTE Londrina
 Caderno de **Literatura**

D-ARTE Londrina
 ANO 1 - Edição 46 - Maio 2020

E DAÍ?

D-ARTE Londrina
 Caderno de **Literatura**

D-ARTE Londrina
 ANO 1 - Edição 47 - Junho 2020

Necropolítica

"o poder[...]de ditar quem pode
 viver e quem deve morrer,
 [...]a capacidade de definir
 quem importa e quem não importa,
 quem é 'descartável' e quem não é"

Achille Mbembe

CHEGA DE DOCTRINAÇÃO MARXISTA
 BASTA DE PAU E FOGO

COMUNISTA
 ESTÁ CHEGANDO SUA HORA
 INTERVENÇÃO MILITAR

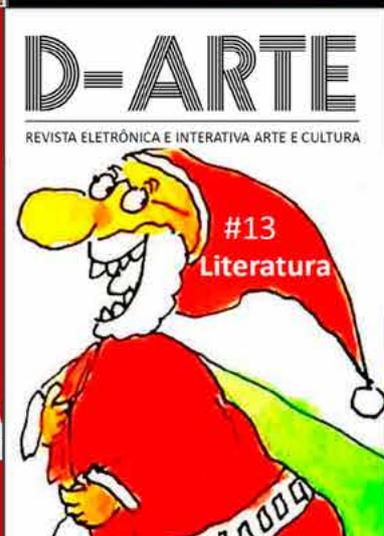
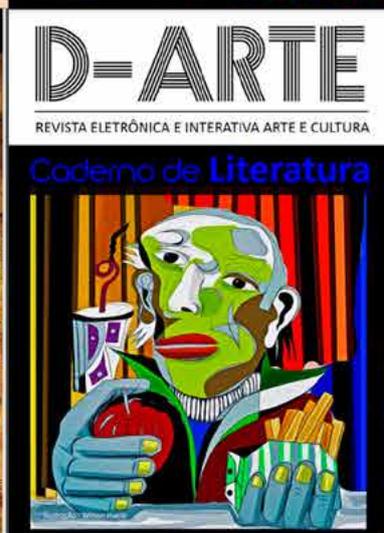
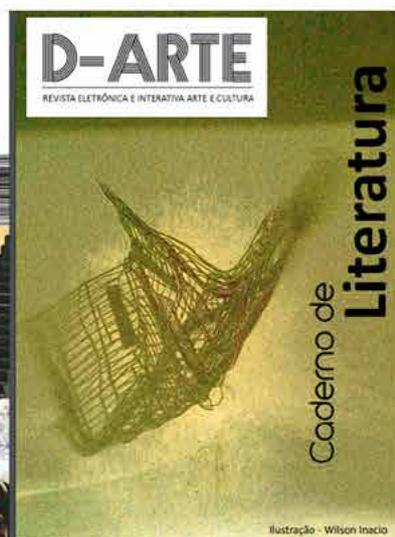
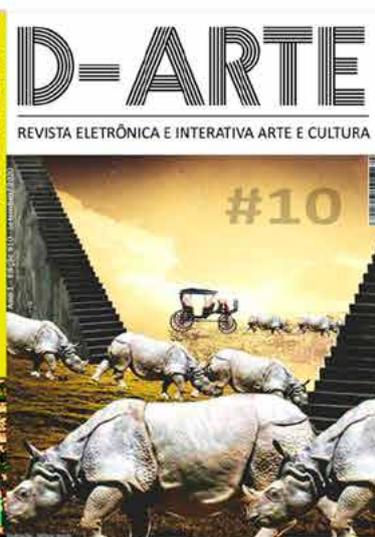
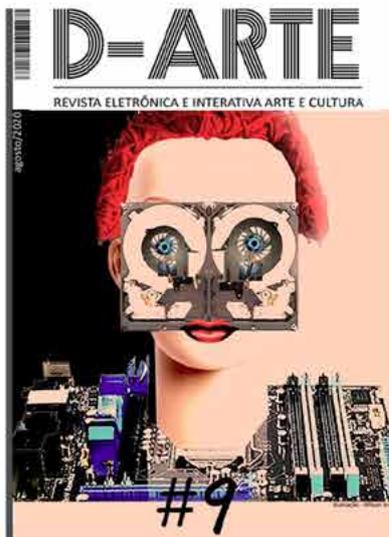
D-ARTE Londrina
 Caderno de **Literatura**

EU NÃO CONSIGO RESPIRAR

COMUNISTA
 ESTÁ CHEGANDO SUA HORA
 INTERVENÇÃO MILITAR

D-ARTE Londrina
 Edição #8
 julho/2020

D-ARTE Londrina
 Caderno de **Literatura**
 #8



D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#18

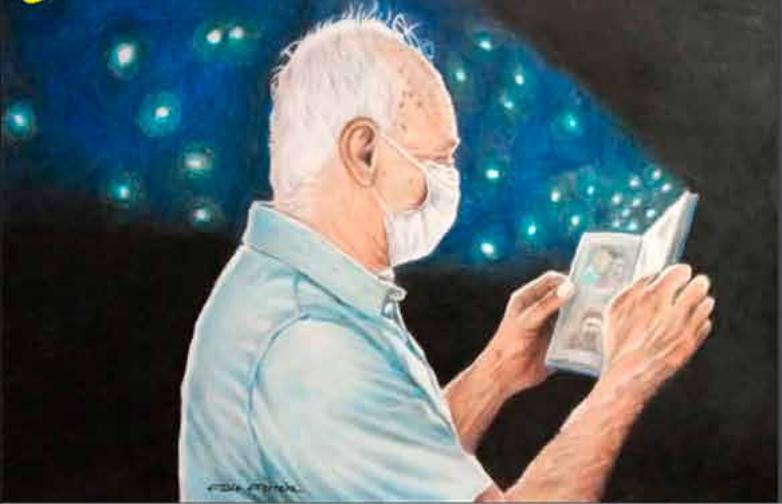


Distração - Wilson Inacio/2021

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#18 CADERNO DE *Literatura*



D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

#19 CONTEMPORARY ART BRAZIL



QUEM SOMOS NÓS NA FILA DO OSSO?

CADERNO DE

Literatura

#19



D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



Aldo Moraes
(43) 99570245

Ronilson Rony
(43) 999923873

Wilson Inácio
(43) 9666341

<https://dartelondrina.wordpress.com/>

e-mail: dartelondrina@gmail.com

Rua Rio Purus, 565 – Jd. Santo Amaro

CEP 86.185-040 – Cambé – Pr

Art. 220 - Constituição brasileira de 1988

Art. 220. A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

§ 1º Nenhuma lei conterà dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social, observado o disposto no art. 5º, IV, V, X, XIII e XIV.

§ 2º É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.

§ 3º Compete à lei federal:

I - regular as diversões e espetáculos públicos, cabendo ao poder público informar sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendem, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada;

II - estabelecer os meios legais que garantam à pessoa e à família a possibilidade de se defenderem de programas ou programações de rádio e televisão que contrariem o disposto no art. 221, bem como da propaganda de produtos, práticas e serviços que possam ser nocivos à saúde e ao meio ambiente.

§ 4º A propaganda comercial de tabaco, bebidas alcoólicas, agrotóxicos, medicamentos e terapias estará sujeita a restrições legais, nos termos do inciso II do parágrafo anterior, e conterà, sempre que necessário, advertência sobre os malefícios decorrentes de seu uso.

§ 5º Os meios de comunicação social não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio.

§ 6º A publicação de veículo impresso de comunicação independe de licença de autoridade



O PENSAMENTO É

LIVRE



Around the World

#20

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

EXPEDIENTE - Revista D-arte

Diretores de Redação : Wilson Inacio, Ronilson Rony

Jornalista: Aldo Moraes (0010993/PR)

Site: dartelondrina.wordpress.com

Email: dartelondrina@gmail.com

Instagram: @dartelondrina

Saudações! Apresentamos nossa 20ª edição da Revista D-arte. Lembramos a todos os leitores que a revista se apresenta de forma interativa, clicando nos ícones e links serão direcionados para as páginas e redes sociais dos artistas. Buscamos mais uma vez, de forma democrática, receber os trabalhos dos artistas, grupos, escritores, autores, pesquisadores e afins, sem qualquer pré-julgamento possibilitando que este ambiente seja plural, diversificado e livre.

email para envio de materiais:
dartelondrina@gmail.com.

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



Realização



Wilson Inacio - Arte & Design

<https://wwidigital.wordpress.com/>



Ronilson Rony

www.ronilsonrony.com.br



BATUQUE
NA
CAIXA

<https://ongartebrasil.blogspot.com/>

Apoio cultural



Instituto Cultural Arte Brasil

A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressão artística, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a expressão artística brasileira.

Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes, podem nos enviar trabalhos para divulgação em nossas edições.

Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista que, apenas, cumpre o papel de publicação dos mesmos. Nosso muito obrigado!

A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico:
<https://dartelondrina.wordpress.com/>

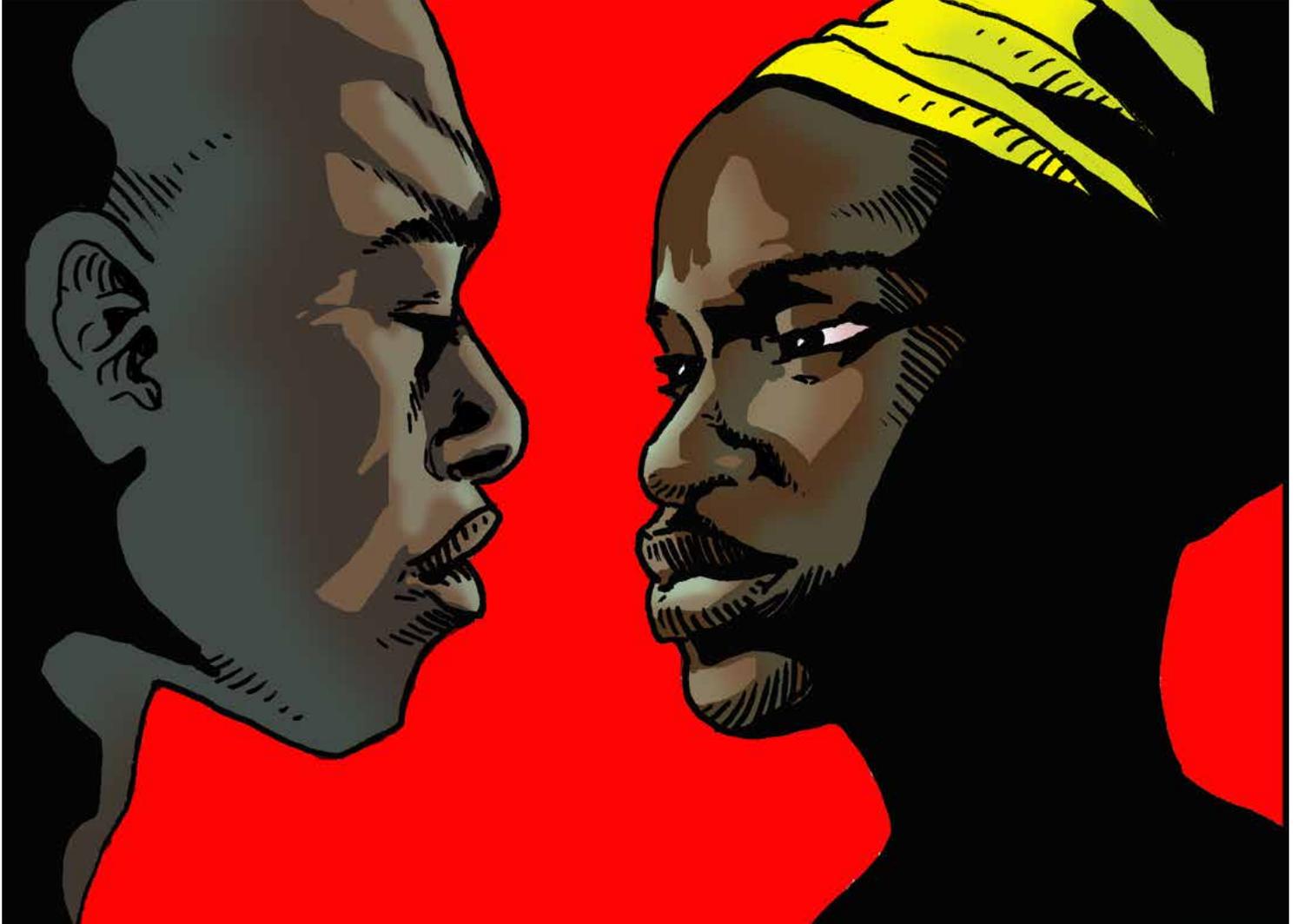
Jader Cardoso Santini

Professor e artista visual. Trabalho com pintura e ilustração de livros e Histórias em Quadrinhos. Natural de Porto Alegre/RS, atualmente morador de São Leopoldo/RS, Brasil.
Meu instagram é: [@jadersantiniartes](https://www.instagram.com/jadersantiniartes).





Digulgação





Por Aldo Moraes

Esta edição da Revista D'arte entrevista três mulheres ousadas e com histórias de superação e sucesso para compartilhar com nossos leitores. **Lia Kanarski** é educadora e utiliza a literatura e a contação de histórias em suas aulas aproximando educação, ludicidade e cultura. **Sabrina Percário** é roteirista, atriz e diretora de cinema em Los Angeles e saiu do Brasil com um sonho na bagagem. Por fim, **Angelita dos Santos** é dedicada à educação e também atua na interface com a cultura pois, é a atual secretária da pasta em Umbaúba, Sergipe onde tem dedicado energia à cultura tradicional e o incentivo à leitura. As três mulheres e suas histórias, desafios e conquistas se cruzam na maneira como enxergam o mundo e no necessário contraponto em decisões onde cada vez mais o universo feminino inova e propõe um novo olhar.



Lia Kanarski



Sabrina Percário



Angelita dos Santos



Lia Kanarski é formada em pedagogia com pós graduação em literatura paranaense e psicopedagogia. Está há 25 anos na educação desde educação infantil, Eja, ensino fundamental 1 e 2 ensino médio e como tutora no curso de pedagogia na faculdade Unopar.

Foi Secretária de cultura do município de palmital, no Paraná, de 2005 a 2008. Atualmente é pedagoga, professora de Eja e professora de apoio de um aluno TGD em Londrina (PR).

Olá Lia, fale um pouco da sua infância

Olá, eu sou a professora e psicopedagoga Bernadete Eliane Kanarski Silva, ou melhor, sou a LIA KANARSKI, pra ser sincera desde que me lembro sempre soube ler e escrever, minha mãe era professora, e o meu contato com livros didáticos, é claro, aconteceu muito cedo, lembro-me da **Cartilha Caminho Suave**, lá tinha uma cantiga, ou quadrinha para ser trabalhado o **NH** com as crianças, e jamais esquecerei, pois até hoje toda vez que encontro minha mãe recito: “Nha Maria é uma velha caipira, ela apanha lenha no mato, NHA,NHE,NHI,NHO,NHU....” kkkk

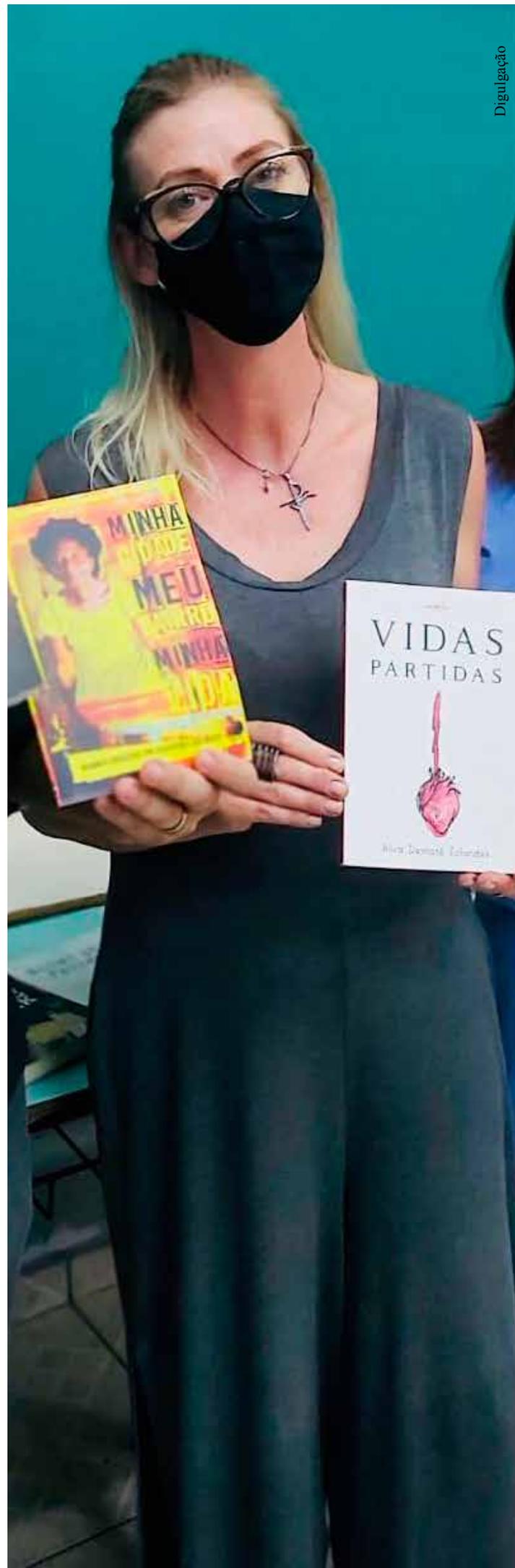
Quando começou o seu interesse pela educação e pela contação de histórias?

O nome da minha mãe , hoje com 82 anos é Maria Beatriz, assim me alfabetizei, lia tudo que encontrava, amava ir para a escola junto com minha mãe. Daí acredito que nasce minha paixão por educar, iniciei minha carreira aos 15 anos, sendo que prestei meu primeiro concurso público aos 16 anos e nunca mais parei... quando fiz o Magistério fui muito incentivada pelo meu professor de português e literatura Sr. Neri Apolinário de Oliveira, pois, ele nos colocava em xeque para apresentar dentro da literatura brasileira os movimentos literários, me encantava ao saber dos fatos históricos, dos acontecimentos e das obras escritas a partir daí, da visão dos seus autores, como Clarice Lispector, Machado de Assis, Paulo Leminski, Monteiro Lobato, onde fiz minha Primeira Emília.

No curso de Pedagogia me aprofundi nas teorias que envolvem a educação, conheci Jean Piaget, Vigotski, Emília Ferreiro e Paulo Freire (aí me encantei pela EJA, Educação de Jovens e Adultos), o mais célebre educador brasileiro que **defendia** como objetivo da escola ensinar o aluno a **“ler o mundo”** para poder transformá-lo. ... **“APROPRIEI-ME** desse objetivo como metodologia de ensino, daí vem as contações de histórias desde a alfabetização até o adulto.

Fale um pouco do seu trabalho com incentivo à leitura e de seus autores preferidos:





Pensando na filosofia de Paulo Freire, que baseia-se no diálogo entre professor e aluno, procurando transformar o estudante em um aprendiz ativo, as histórias permeiam o universo infantil, dessa forma a aprendizagem torna-se significativa, personagens ao vivo trazidos para a criança como EMILIA, por exemplo, faz com que o imaginário infantil libere o querer aprender. Ou porque não um monólogo adaptado, de Monteiro Lobato (A NEGRINHA), apresentado a diversos públicos: alunos do ensino médio, estudantes de EJA, inclusive no sistema carcerário, professores, com uma temática a tanto discutida “ CONSCIENCIA NEGRA.

Porque não valorizar nossos escritores locais, regionais como Nilva Dematê Zolandeck que de seu livro VIDAS PARTIDAS vem a tona um monólogo contando a vida de uma professora, onde na Academia de Letras de Londrina, presenciei o choro de educadores, ou Moacyr Euripes Medri, com toda sua sabedoria, em um dos seus romances TRAVESSIA, a felicidade não mora ao lado trata da vinda dos italianos para o Brasil, nos seus Contos lidos e contados em muitas escolas Municipais e Estaduais, nunca esqueceria de citar D. Maria Helena, figura ímpar, ao mesmo tempo tão frágil e de uma força incalculável, com seu livro MINHA CIDADE, MEU BAIRRO, MINHA VIDA que presenteou meus alunos da EJA mesmo em tempos de pandemia com um vídeo onde a mesma manda uma mensagem para os alunos da importância de estudar e não desistir; bem como aceitar suas raízes e sua cultura. Maestro Aldo Moraes e seu projeto Batuque na Caixa e Instituto Cultural, que proporciona toda essa diversidade cultural a tantos brasileiros. Falaria horas e horas de obras e de autores que influenciam no meu dia a dia, no meu fazer pedagógico.

Como você avalia a educação no Brasil hoje e como está esse processo no interior do Paraná?

A respeito da Educação em nosso país, quando me reporto a Constituição Federal que declara

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Além disso, o § 1º do art.208 da Constituição Federal (CF) assevera que o acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público, e no § 2º do referido artigo, confere ao Poder Público, a responsabilidade de oferecer o ensino obrigatório”.

Me entristece perceber que estamos perdendo esse direito na sua essência, pois, percebo um desmonte da educação Nacional, falta de políticas públicas que assegurem esse direito, falta de valorização e até porque não dizer respeito com os profissionais da educação, que são bombardeados e sobrecarregados como se fossem os únicos agentes responsáveis pela formação dos sujeitos, sendo que a escola é responsável pela difusão de fundamentos formais de ensino, compartilhando saberes científicos, sistematizados e que preparam os sujeitos para atuar em sociedade.



Nesse contexto, torna-se imprescindível que escola e família sejam instituições integradas, a aproximação dos responsáveis na escola propicia um ambiente de ampliação de qualidade das ações a serem desenvolvidas com as crianças, orientando e os preparando para questões extrafamiliares, além disso, a escola passa a desenvolver atividades que estão dentro realidade de seus alunos, integrando espaços de rotina e promovendo a formação integral dos sujeitos. Quando essa interação não ocorre, surgem dificuldades para a elaboração de projetos político pedagógicos eficientes.

Porém, falta o papel do ESTADO, enquanto mantenedor e provedor de políticas educacionais, tudo e todos que estão envolvidos na educação, mas lamentavelmente se pegarmos os planos decenais elaborados nos últimos 20 anos percebemos que o Brasil encontra-se a um século de atraso na educação em relação a outros países, para isso basta analisarmos as metas do PNE de O PNE 2011-2020 e o vigente de 2014 a 2024, onde infelizmente a maioria dos objetivos e metas que não foram atingidas, isso nacionalmente, pois, a dimensão da qualidade da educação que o Brasil precisa está sofrendo ataques constantes do governo ,Bolsonaro, onde os indicadores mostram estagnação educacional principalmente no tocante a alfabetização de jovens, alunos em escola integral e acesso a universidade.



No Paraná, não é diferente, vivemos uma política extremamente opressora no que diz respeito aos profissionais da educação que estão com salários sem reajuste, nem mesmo de inflação anual há 6 anos, o que acaba acarretando em sobrecarga de trabalho para poder manter suas contas em dia, pois, o educador trabalha por amor sim, mas precisa promover o sustento familiar.

Deixe um recado aos leitores da Revista D'arte e os links para que artistas, personalidades, intelectuais e leitores acompanhem seu trabalho

Enquanto educadora, cabe-me acreditar assim como **Freire** que buscava colocar no centro da **educação** pedagógica o direito a uma **educação** emancipatória, em seu livro "Pedagogia do Oprimido" , **Freire** coloca o papel da **educação** como um ato político, que liberta os indivíduos por meio da "consciência crítica, transformadora e diferencial, que emerge da **educação** como uma prática de liberdade".

Despeço-me agradecendo imensamente o Maestro Aldo Moraes, parceiro na arte de oportunizar a cultura e a educação, A REVISTA D ARTE com seus incansáveis defensores de cultura para todos WILSON INÁCIO E RONILSON RONY.

Não sou uma professora tecnológica, tenho publicado alguns trabalhos apenas na minha página do facebook, também na página ronilsonrony vocês poderão ter acesso há alguns trabalhos.
Muito Obrigada!

LIA KANARSKI

Sabrina Percario é atriz e produtora vencedora de vários prêmios, conhecida por filmes como *Julia* (2016), *Be (lie) f* (2019) e *Mojave Shadows* (2019).

Sabrina recebeu o prêmio de Melhor Atriz Principal no UIFF (United International Film Festival), Melhor Produtora no LAIFFA (L.A Independent Film Festival Awards) e Melhor elenco no (Actors Awards, Los

Angeles).

Ela agora é a produtora e atriz principal do próximo longa-metragem *Living The Dream* e produtora do próximo longa-metragem *Happy*.

Natural de São Paulo, de nacionalidade italiana, seu propósito é tocar o coração das pessoas, inspirá-las e espalhar uma boa mensagem positiva por meio de seus personagens e filmes que produz.



Conte como começou seu interesse pelo cinema e como você iniciou seu trabalho nos Estados Unidos?

Meu interesse pelo cinema começou na adolescência mas naquela época eu não dei vazão ao meu sonho. Acabei me formando em Biomedicina e trabalhei por quase 10 anos com Medicina Tradicional Chinesa. Em 2010 eu me inscrevi na Escola Superior Célia Helena e aquele sonho adormecido, finalmente despertou. Eu me formei no Célia e na sequência comecei a trabalhar dando aula na Casa do Teatro. Em 2013 durante às minhas férias eu fui para Nova Iorque fazer um curso de atuação para cinema, foi ai que percebi que o cinema era o meu lugar. Quando voltei pro Brasil, fiz uma audição para a New York Film Academy e recebi bolsa para fazer o Mestrado em Atuação para Cinema.

Naquela época eu não tinha nenhum portfólio em cinema, tinha apenas trabalhado com teatro. Mas como meus pais me ensinaram, foco na solução, preparei dois curtas, gravei meus monólogos e me preparei para o Toefl test (Teste de Inglês), uma exigência da Universidade. Após enviar todo o material para a NYFA (New York Film Academy), foi questão de alguns meses para me preparar e começar o

Mestrado. Naquela época minha mãe disse: - Filha, eu já vi, já deu certo. Essa foi uma das ultimas conversas que tivemos, ela faleceu em Fevereiro de 2014. Foi um susto para todos, meu maior conflito era deixar meu pai para seguir um sonho? Meu pai disse: - filha eu vivi a minha vida, vai viver a sua, seus irmãos estão aqui para cuidar de mim. Após receber as bençãos dos meus pais, em Setembro de 2014 eu comecei a minha jornada em Los Angeles, California.

O Mestrado teve duração de quase 2 anos, e como Tese de graduação, fiz um filme em tributo a minha mãe, *Julia*. Em 2016, eu tive a opção de trabalhar na área por 1 ano, e foi graças ao sucesso do *Julia* no circuito de Festival, que recebi convite para atuar e produzir diversos projetos naquele ano. Todos os projetos em que estive envolvida, receberam prêmios, o que meu deu a oportunidade de dar entrada no visto de artista, O-1B. Em 2017 meu visto foi aprovado, com duração de 3 anos. Eu percebi que meu propósito era trabalhar com filmes que inspirem às pessoas, filmes que trazem reflexão e conscientização. 100% dos meus projetos, estão conectados a esse propósito. Em 2018 fui convidada para trabalhar como produtora principal na *Touch A Life Productions*. Em 2020 meu visto foi renovado e atualmente, estou dando entrada no Green Card.



Fale um pouco das suas produções e o contato com o cenário do cinema norte-americano (atores, diretores, técnicos):

Uma coisa que eu aprecio nos EUA é a meritocracia. Eu sou exemplo de uma pessoa que conquistei o mercado pelo esforço e trabalho competente, a cada projeto em que estive envolvida, era convidada para trabalhar no próximo. Los Angeles, é uma fabriquinha de fazer filmes, a cidade é preparada para o cinema. Aqui você encontra diversas empresas para alugar ou comprar equipamentos de gravação, objetos para cenário, figurinos, estúdios de gravação, enfim, opção não falta. Eu tive oportunidade de trabalhar com diretores e atores que estavam começando a sua carreira assim como veteranos, em ambas às situações pude perceber um profissionalismo e um sistema para fazer às coisas, o famoso "By the book", ou seja, estritamente de acordo com às regras. Acredito que nós Brasileiros podemos agregar com a nossa habilidade de adaptar. Tudo é um equilíbrio.

Você tem acompanhado o cinema brasileiro. O que pode dizer a respeito?

Tenho me impressionado de forma positiva com às novas produções de filmes e seriados Brasileiros. Vejo um olhar poético e finalmente acredito que estamos quebrando os estereótipos ao introduzir atores brasileiros de diversas origens e assuntos diversos para além de violência nas favelas, carnaval e futebol.

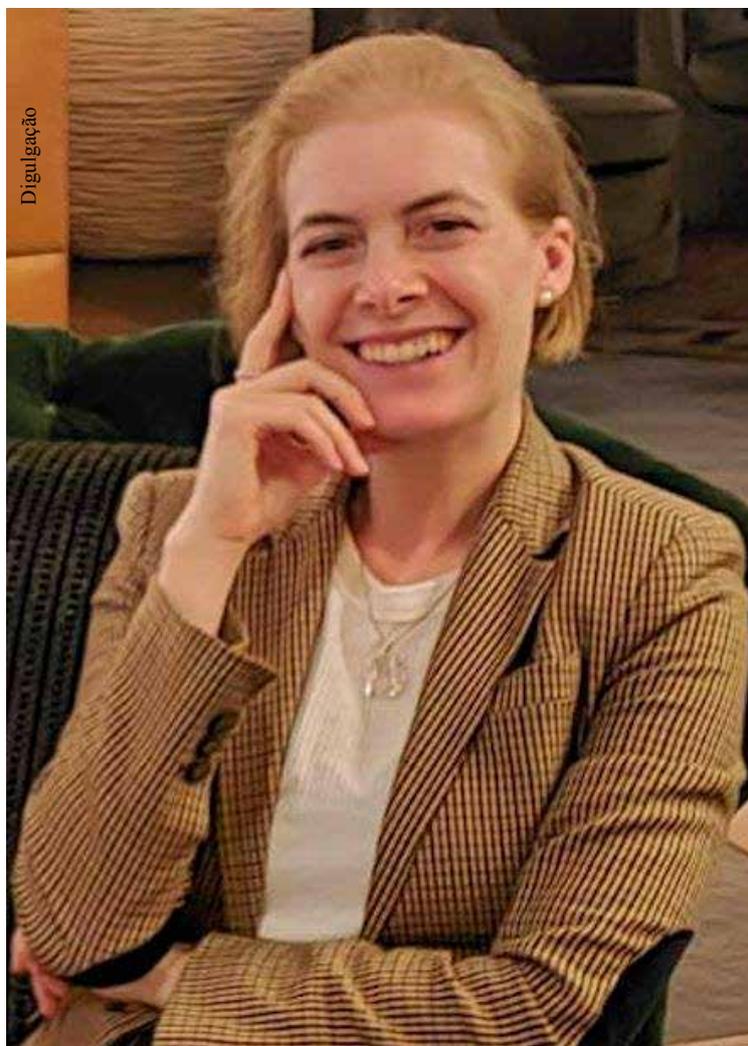
Sou músico e compositor. Como você situa a trilha sonora na produção audiovisual? E quais seus compositores preferidos?

A composição para o cinema é mais uma peça fundamental no quebra cabeças. A música conta histórias, enfatiza sentimentos e situações e toca o coração de quem escuta. Sem falar que muitas músicas compostas para filmes, hoje quando a escutamos, lembramos do filme na hora. Alguns exemplos de filmes como Gladiador e O Rei Leão, composta por Hans Zimmer ou Garota de Ipanema composta por Antonio Carlos Jobim, essa música se tornou Mundialmente conhecida, tocada em vários filmes, seriados e mini series.

Qual o impacto da pandemia na produção de filmes nestes 2 anos? O que fica de ensinamento para o futuro?

Em 2020 as grandes produções pararam até o final da metade do ano, depois houve uma mudança nas regras aonde para se gravar qualquer projeto, todos os envolvidos tinham que fazer teste de Covid e no set de filmagem uma nova posição foi criada o "Covid Supervisor" para garantir que cada departamento esteja seguindo às regras de distanciamento social, higiene e o uso de máscaras. Atualmente é exigido a apresentação da carteira de vacinação do Covid.

As produções ficaram um pouco mais caras e os roteiros sofreram adaptações, mas o ser humano pela natureza, se adapta e busca alternativas, acredito que em 2021 o fluxo de gravação voltou a um bom ritmo. Se antes da pandemia fazer um filme já exigia



tempo e planejamento, agora com a pandemia, esse planejamento têm que ser feito com mais cautela, não podemos arriscar a nossa equipe nem atores, não dá pra ter pressa, a saúde vem em primeiro lugar. Durante as gravações é essencial manter a higienização dos equipamentos, não dá para descuidar e deixar de usar a máscara ou comer sem lavar as mãos. Mas acredito que a pandemia veio fazer um chacoalhão nas pessoas, independente da área de atuação.

Eu pessoalmente, mudei alguns hábitos como usar menos o carro, me tornei vegetariana, passei a me exercitar mais, hoje pratico yoga e meditação todos os dias, sempre com o foco na solução, ou seja, fortalecer o meu sistema imunológico.

Deixe um recado aos leitores da Revista D'arte e os links para que artistas, personalidades, intelectuais e leitores acompanhem seus filmes e entrevistas. Obrigado

Siga seus sonhos, não importa a idade ou de onde você é. A única pessoa que pode falar não para você, é você mesma, e se você sabe o que quer, siga em frente. Comece acreditando em você primeiro. Os obstáculos e desafios vão sempre existir, encare-os como uma oportunidade de crescimento e reflexão sobre aonde quer chegar. Links:

<http://www.imdb.me/sabrinapercario> <https://touchlifeproductions.com> <https://www.sabrinapercario.com> <https://vimeo.com/157391301>



A sergipana **Angelita dos Santos** possui Pós-doutorado em Psicologia Positiva pela Universidade Nacional de Salamanca, na Espanha (2019), Doutorado em Ciências da Educação pela Universidad Tecnológica Intercontinental (UTIC) no Paraguai (2015), Doutorado em Gestão e Política Universitária do Mercosul na Universidade Lomas de Zamora em Lomas de Zamora na Argentina (2009) e Mestrado em Ciências da Educação pela Universidad del Norte em Asunción-PY (2009).

É Psicopedagoga pela Faculdade de Negócios de Sergipe em Aracaju/SE, Pedagoga pela Universidade Tiradentes de Aracaju/SE e Licenciada em Letras Português-Inglês pela Universidade Tiradentes de Aracaju/SE. Possui Especialização em Didática e Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade São Luiz de França e Especialização em Educação Especial - Libras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Candeias (FAC).

Atua como Coordenadora da Secretaria de Educação de Umbaúba em Educação Especial, Coordenadora de Cursos de Pós-graduação das Faculdades Amadeus e Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Candeias (FAC), Reitora da Faculdade Regional do Centro-Sul de Sergipe (FARSUL), Secretária Municipal de Cultura e Turismo de Umbaúba/SE, Membro Honorário nº 5 da Academia Cristinapolitana de Letras e Humanidades de Sergipe de Cristinápolis/SE.

EDUCAÇÃO

Nascida em 1960, na cidade de Umbaúba (SE), Angelita dos Santos relata que enfrentou muitos desafios ao longo da vida e que a educação foi fundamental para superar. Ela considera que os recursos e a energia investidos no setor por governos, famílias e a sociedade são os elementos que podem realmente mudar a sociedade transformar o Brasil.

Isso fica demonstrado toda vez que mais jovens, sobretudo das periferias, conquistam uma vaga em um curso superior. É uma conquista que devemos preservar, comenta Dra Angelita.

CULTURA POPULAR

Como secretária de cultura em Umbaúba, Angelita esteve à frente do enorme desafio no contexto da pandemia e comandou os processos da Lei Aldir Blanc em 2020 e 2021. A secretária destaca o apoio

do prefeito Humberto Maravilha e a alegria em premiar importantes e tradicionais manifestações da cultura sergipana como o reisado, as quadrilhas juninas e o artesanato popular.

Ela não mediu esforços para que os recursos fossem amplamente distribuídos e de forma democratizada. Também considera importante valorizar e auxiliar na preservação da cultura tradicional, que hoje é verdadeiro patrimônio do Brasil.

LITERATURA

Dra Angelita dos Santos entende que o incentivo à leitura é passo decisivo para introduzir as crianças no gosto por livros e histórias. Ela estimula as práticas de formação na Faculdade Farsul, nas ações da secretaria de cultura e recentemente ao iniciar a criação da Academia de Letras de Umbaúba. O evento foi realizado em outubro deste ano, no salão do Rotary Club da cidade e com a presença de agentes culturais, escritores (as), educadores (as) e pessoas da comunidade.

“Estou muito feliz e enxergo que iniciamos um processo de valorização da história de Umbaúba e um legado cultural para as novas gerações”

SERGIPE

Apaixonada pela história, cultura e as belezas do Sergipe; Dra Angelita dos Santos é uma pessoa que gosta de gente e isso faz toda a diferença nos trabalhos que desenvolve. Ela pode ser vista na biblioteca onde está sediada sua secretaria, na praça dialogando com as pessoas, nas feiras e nos eventos realizados em várias cidades de Sergipe. Circulando por Umbaúba, Cristinápolis, Indiaroba e Aracaju a professora se identifica com o povo e conhece sua linguagem e necessidades.

“Gosto de estar entre as pessoas e ouvir as histórias, provar nossa culinária popular nas feiras e entender o sentimento do povo. O coração do povo pulsa nas ruas. A sabedoria popular é uma das nossas maiores riquezas”



LINKS

<https://www.umbauba.se.gov.br/site/paginadynamica/paginadynamica-060820201244202098-Secretaria-da-Cultura-e-Turismo>

<https://www.farsulse.com.br/>



Mateus Gonzales

Diguilgiação

Por Aldo Moraes

Nosso convidado tem sua trajetória profissional intimamente ligada à música instrumental e tem realizado importante trabalho neste segmento, como produtor e artista. Mateus Gonzales nasceu em Londrina; estudou Piano Erudito com Magali Kleber, Harmonia com Mário Loureiro e Regência com Maestro Othônio Benvenuto.

Formado em MPB e Jazz no Conservatório Dramático e Musical Dr. Carlos de Campos de Tatuí. Participou de shows e gravações de diversos grupos como: Londrina Jazz Big Band, Manifesto Instrumental, Bernardo Pelegrini, Orquestra sinfônica da UEL (OSUEL), Quarteto Descobertas e foi professor de piano em diversas edições do Festival de Música de Londrina.

Desde 2010, juntamente com o percussionista Marcello Casagrande, integra o Duo Clavis e o grupo instrumental - Mateus e CIA, criado para a prática da improvisação musical. Em 2013 criou o Mateus e Cia Jazz que participou do Festival de Música de Londrina. Seu mais recente CD: Mateus Gonzales Trio, gravado em 2016 e lançado em 2017, é seu primeiro trabalho autoral. Já foi apresentado em Londrina e em São Paulo tocando na Emesp, JazzB e Madeline.

Em 2016 com o Duo Clavis participou no I Festival Só Vibras - Encontro de Vibrafones, realizado na Central das Artes em São Paulo; realizou concerto/ masterclass no 14o. Festival Internacional de Percussão da Patagônia na

Argentina; apresentou-se no Johnny Pacheco Latin music and Jazz Festival e no NYC KoSA Percussion Day em Nova York, USA.

Em 2017 com o Duo Clavis participou do VII Vibraciones – Festival Internacional de Vibrafone e Marimba – em Lima, Peru; realizou o show Um Encontro de Timbres junto ao acordeonista Toninho Ferragutti na programação do Festival de música de Londrina; e também um show convidando o saxofonista Derico Sciotti no Jazz in Festival em Londrina.

Em 2018 o Duo Clavis foi selecionado para os Showcases da Feira Internacional de Música do Sul (FIMS) em Curitiba-PR e apresentou um concerto/masterclass no 2o Festival Internacional de Percussão de Curitiba (FIP Curitiba).

Em 2020 gravou o segundo álbum do Duo Clavis: “Time Lapse” onde apresentam composições autorais e arranjos originais de grandes nomes da música instrumental, como Hermeto Pascoal, Letieres Leite e Brad Mehldau.

Ainda em 2020 gravou o segundo Álbum chamado Alquimia de Mateus Gonzales Trio lançado em junho de 2021. Aqui, o músico conversa com a Revista D’arte sobre cultura, pandemia e as perspectivas para os próximos anos:

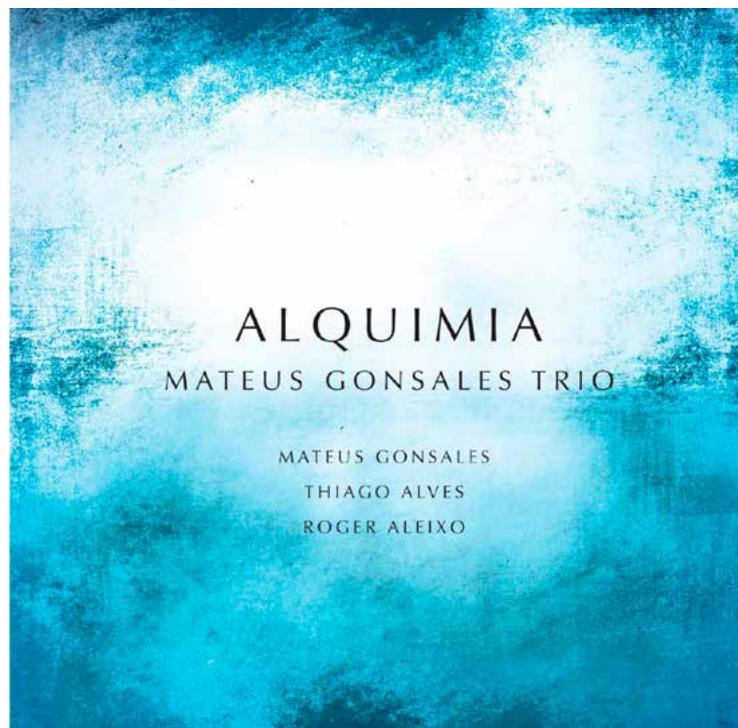
Olá Mateus conte como começou seu interesse pela música e como você iniciou os estudos no piano?

Sou filho de maestro de coral, desde pequeno envolvido com a música. Aos 9 anos meus pais me colocaram pra estudar piano.

Fale um pouco das suas produções musicais e o contato com o cenário da música.

Minhas duas últimas produções foram dois álbuns que fiz com meu trio chamado Alquimia e o outro com Duo Clavis chamado TimeLapse. Sempre fui envolvido com o cenário musical instrumental Londrinense. Vitor Gorni me chamou ainda quando era adolescente para participar de sua BigBand e estou nela até hoje.

Você tem acompanhado a música instrumental produzida atualmente. O que pode dizer a respeito?



Sim, acompanho bastante. Minha última viagem à Nova York (setembro de 2019) acabei ficando quase um mês lá, tendo aulas com grandes professores. E sem dúvida lá é o melhor cenário mundial da música instrumental.

Qual o impacto da pandemia na suas atividades musicais nestes últimos 2 anos? O que fica de ensinamento para o futuro?

Foi terrível, tivemos que parar vários projetos em andamento. A parte financeira foi terrível também, e tivemos que adaptar com esse “novo normal”. E o que mostrou nessa pandemia é que o que vale é o amor, que realmente é importante para as nossas vidas. Representada pela família, amigos e tudo que vem da simplicidade. A arte em todas as suas áreas e pra mim a música.

Deixe um recado aos leitores da Revista D’arte e os links para que artistas, personalidades, intelectuais e leitores acompanhem seu trabalho musical.

Obrigado Gostaria de agradecer o convite de participar na Revista D’arte pelo querido Aldo Moraes e dizer que sou muito grato por todos que acreditam em nossa música e na nossa maneira de fazer arte!

Meus links são: Instagram: @mateusgonzalesmusic
Facebook e YouTube: Mateus Gonzales
Spotify https://open.spotify.com/album/7262aSljZgqjcNYVZgXg6t?si=6_kWEUEZQOCQOb5gNis_ug&utm_source=whatsapp&dl_branch=1

Espero q vcs escutem nas plataformas digitais, me sigam nas redes sociais. Um abraço pra todos vocês leitores da Revista D’arte.

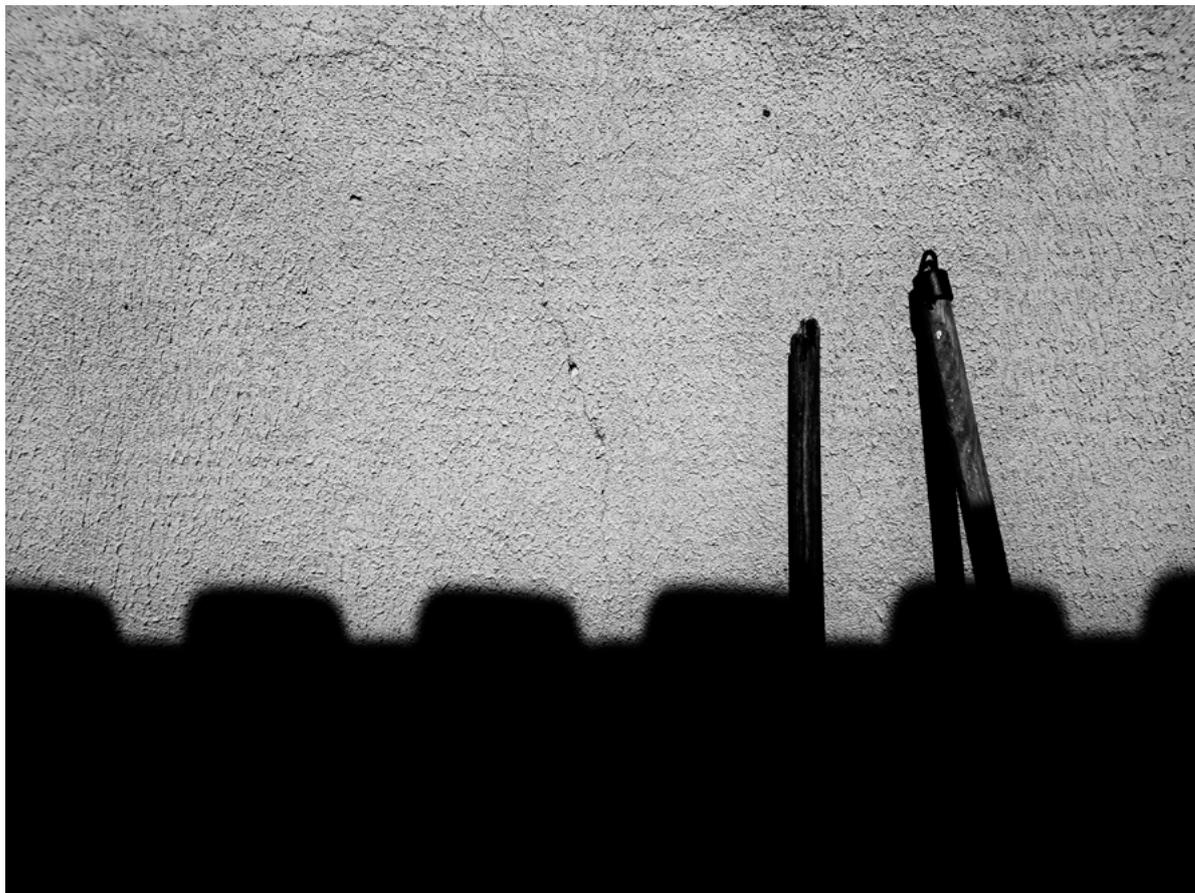
Discografia de Mateus Gonzales:

- *2004 - CD Manifesto Instrumental Quarteto
- *2015 - CD Duo Clavis. Duo Clavis: vibrafone & piano.
- *2016 - CD Mateus Gonzales Trio
- *2020 – CD Time Lapse. Duo Clavis: vibraphone & piano.
- *2020 - CD Mateus Gonzales Trio Alquimia

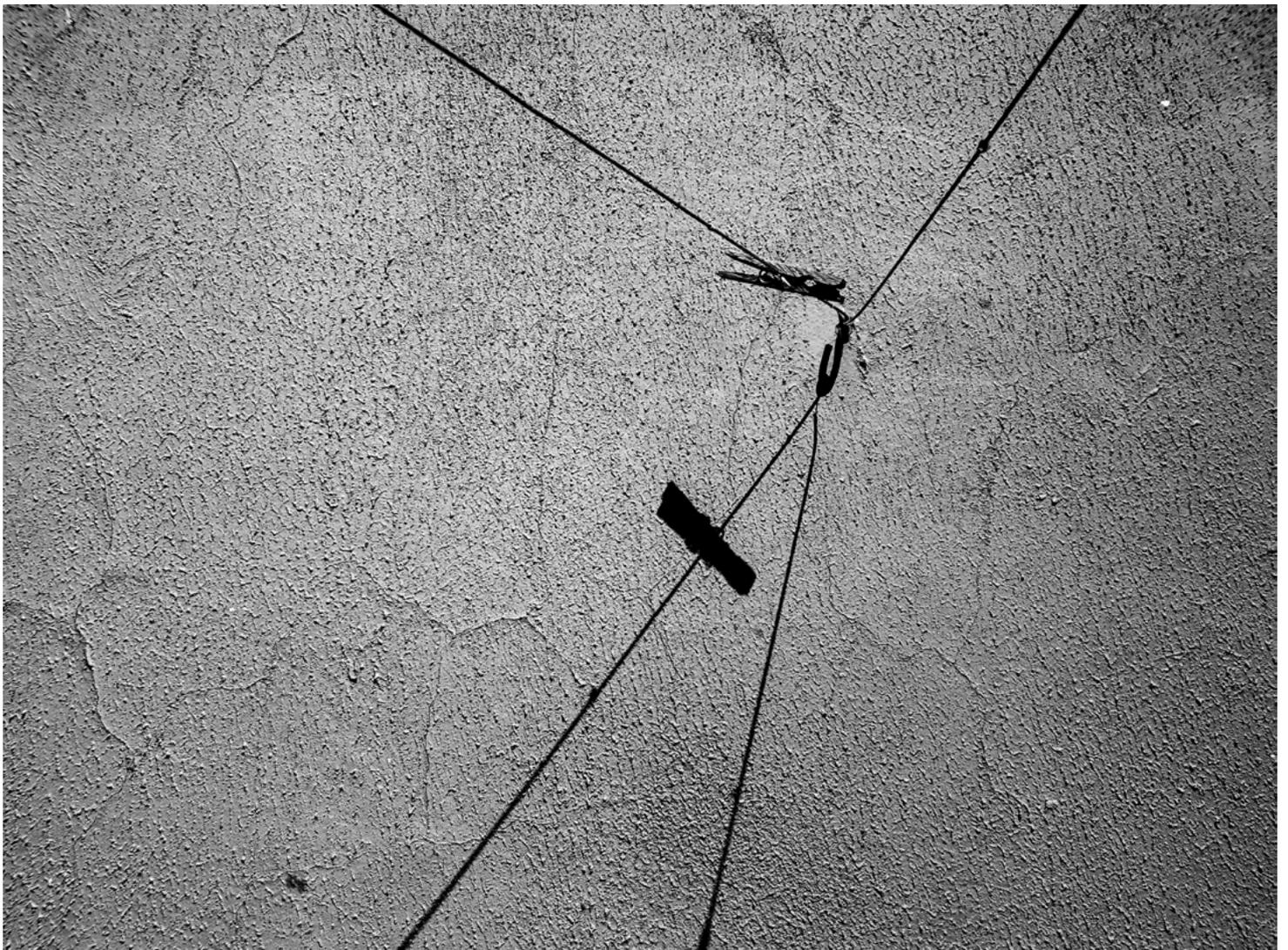
André Camargo Lopes

SOMBRAS E FORMAS

Apresentação do material: A luz se inscreve nos corpos, recriando-os em novas possibilidades perceptivas. São massas de preto contrastando com as mais diversas texturas luminosas. São achados e escolhas sobre o que e como olhar, convertidos em imagem.





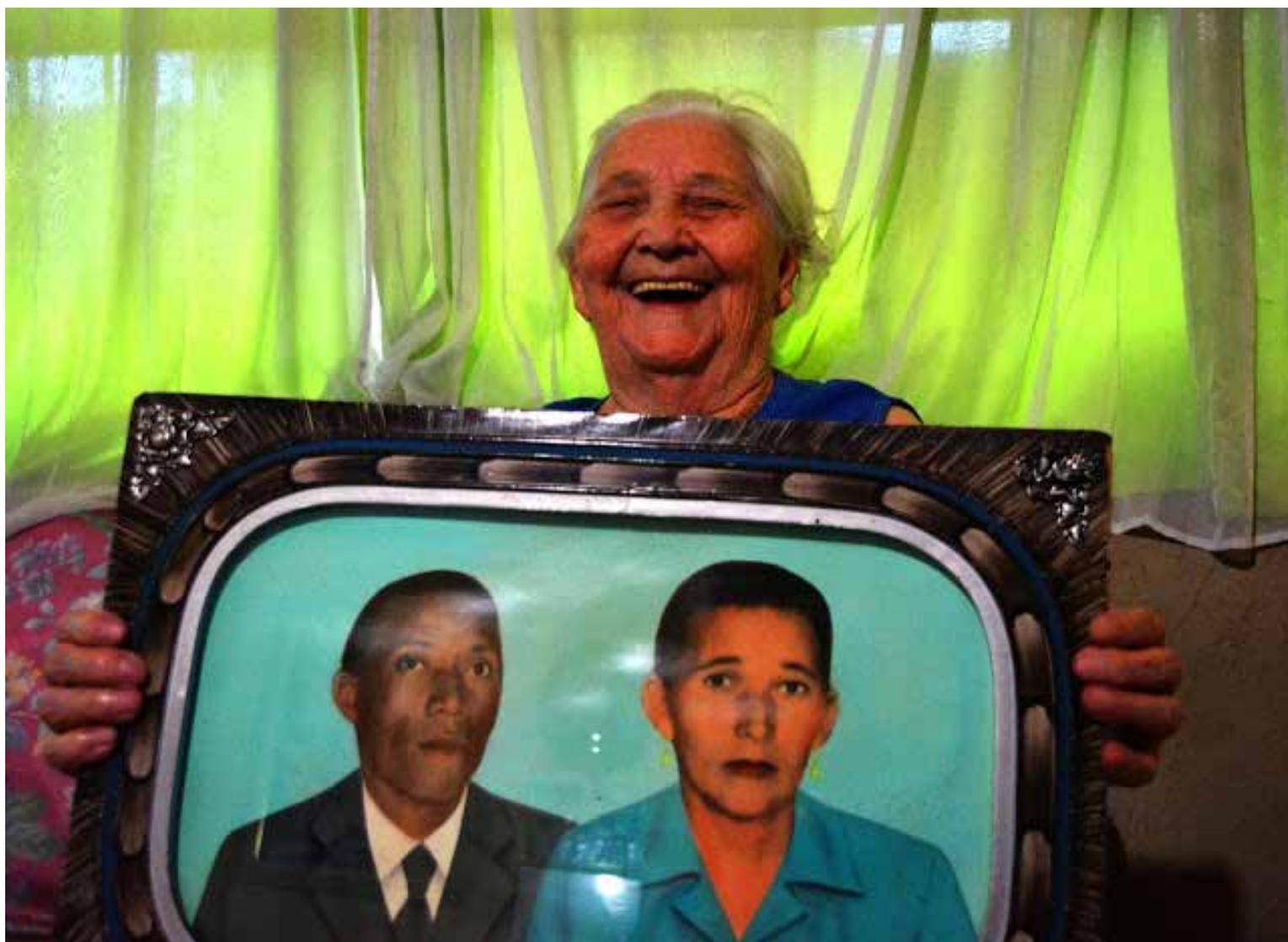




André Camargo Lopes

O que dizem as fotografias?

O tempo suspenso na imagem fotográfica: entre o retrato e sua narrativa



Uma fotografia emoldurada em uma parede estreita da casa. Entre duas portas. Estreita, mas central. A parede vista por todos aqueles que visitam a residência. Na composição, o casal de moradores do espaço: José Camargo Filho e Benedita Alves Camargo. Esse espaço narra o tempo de uma existência na região, a constituição de uma família e a sensação de superação.

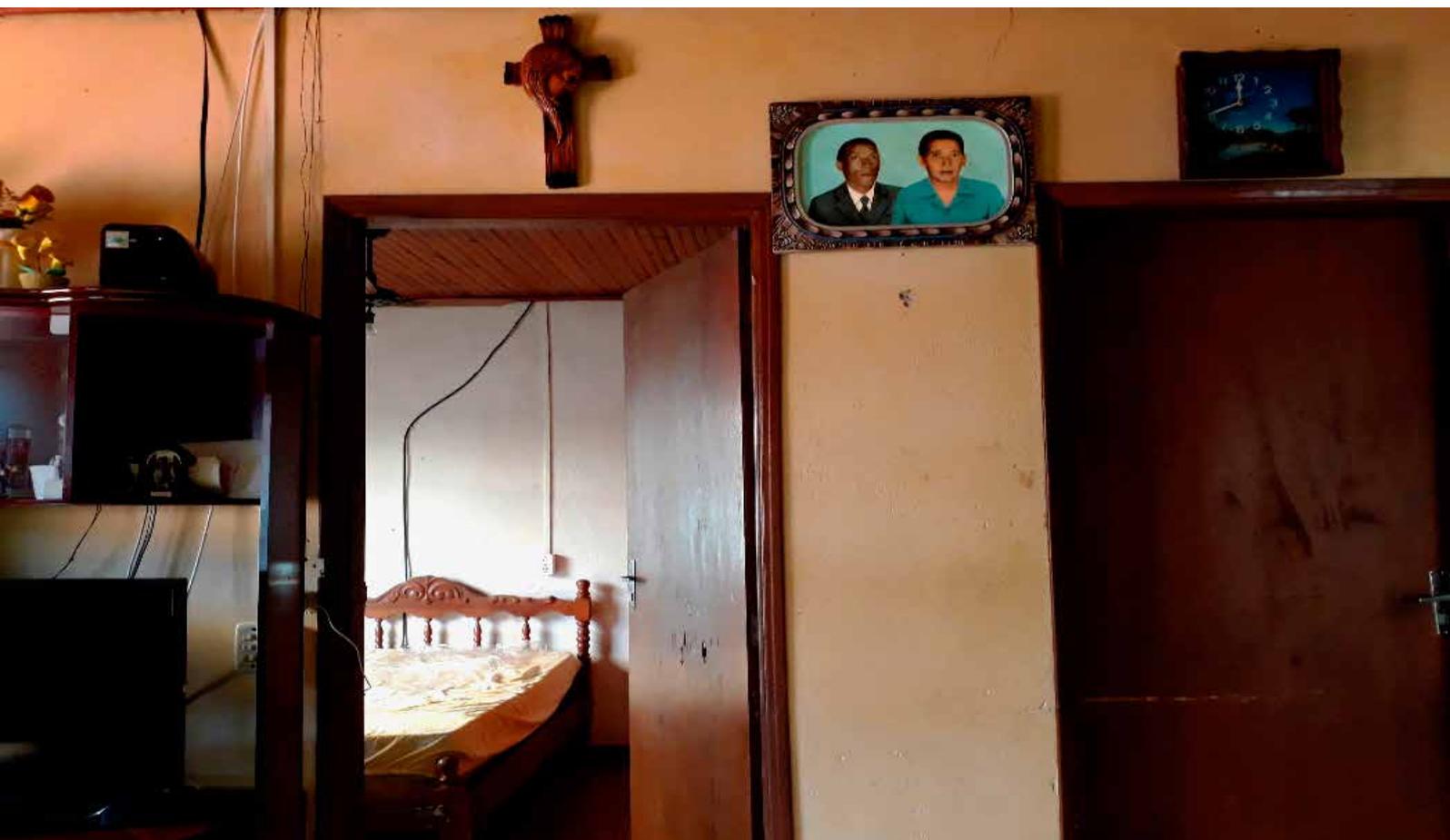
Moradores no Jardim Paulista desde 1957, a parede no qual o retrato é exposto, diz em partes sobre a história dos retratados. A alvenaria é do final dos anos de 1990. Até então o retrato decorava a cabeceira da cama do casal na antiga construção em madeira.

Trata-se de uma fotopintura emoldurada, encomendada por Vera Lúcia, uma das filhas do casal, ao falecido José Fotógrafo, antigo morador do bairro, e fotógrafo desde a década de 1960.

De acordo com o relato da filha a fotografia seria um presente ao quinquagésimo aniversário de casamento, ou seja, a imagem chegou alguns panos antes da reforma.



Camargo Filho e Benedita Alves Camargo em passeio ao Cinema na Av. Paraná em Londrina (PR)Fonte: Acervo André Camargo Lopes



Está à entrada da casa, em sua sala, às vistas de toda visita. Neste retrato o tempo foi suspenso. José Camargo (1928-2009), já falecido, decora a parede da sala em outras fotografias. Nesta, o casal permanece jovem, tal qual o período em que a imagem original fora registrada. Celebra-

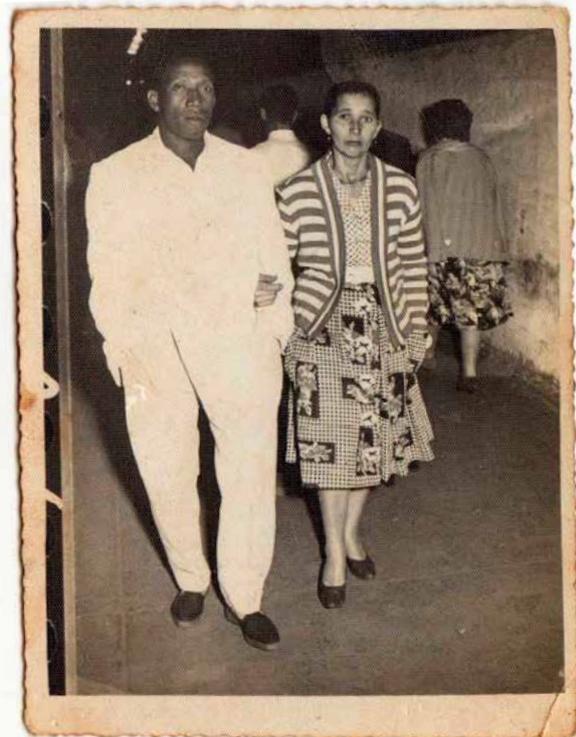
se o tempo, não com a velhice, mas sim, com a juventude eternizada. A juventude ausente do álbum de família. Em todo o acervo fotográfico há apenas uma única fotografia do casal juntos. E foi essa fotografia que a filha se apropriou para a montagem da composição.

imagem em questão, é uma fotografia registrada no início dos anos de 1960, um pequeno pedaço de papel fotográfico fosco de corte irregular de mediadas de aproximadamente 8,5 cm X 11,4 cm. Há ausência de anotações assim como em outras fotografias preservadas na caixa de recordações do casal, em seu verso não apresentava nenhum escrito que desse pistas do lugar, período e intenção.

O que se tem é um jovem casal em um passeio noturno. A pose nada mais é que resultado de uma abordagem rápida, uma lembrança de algo significativo. Um momento juntos.

Uma vida juntos.

Ao pensar a temporalidade presente na imagem fotográfica, Susan Sontag (2004, p. 122), a define como um fragmento, apenas um resquício de um referente existente em um tempo e um espaço registrado na ação fotográfica. Esta definição retira da fotografia enquanto materialidade visual todo o seu peso de elemento verídico, e transfere sua carga moral e emocional ao uso que se faz da imagem. Afinal a fotografia por mais próxima que esteja de seu referente, é uma imagem. E na condição de imagem, muda de acordo com o contexto em que é vista logo o seu significado último, move-se em seus usos.



Camargo Filho e Benedita Alves Camargo em passeio ao Cinema na Av. Paraná em Londrina (PR) Fonte: Acervo André Camargo Lopes

Tal definição se conforma com as reflexões metodológicas de Mauad (1996) e Loizos (2002) ao afirmarem que os textos visuais (dentro estes a fotografia) são resultados de um jogo de expressão e conteúdo que envolve três componentes básicos a serem considerados na análise destes documentos: o autor, a imagem e o leitor. É o condicionante cultural que envolve estes três elementos que deve ser questionado e tomado para a compreensão do documento. Dentro desta perspectivas de usos e valores culturais, assim, também são as palavras, que tal qual a fotografia se inscrevem no tempo, nascem e morrem dentro das práticas sociais, têm seus contextos, seus agentes, seus espaços e são reativadas por questionamentos associativos. Ambas as linguagens referidas se completam como fontes em estudos histórico-culturais quando acionadas para a composição do mosaico que se forma a partir das muitas memórias que compõem em determinados espaços e os hábitos que se consolidaram nestes espaços em um determinado momento histórico.

Uma foto noturna

A fotografia que serve de matriz para a montagem da composição da fotopintura, traz uma informação implícita sobre hábitos noturnos de londrinenses (não que isso seja específico de Londrina) ao longo do período de sua produção: o footing. É uma composição noturna, e a partir das narrativas que envolveram a fotografia (Vera Lúcia e Benedita Alves Camargo), na Avenida Paraná, área

central da cidade. Rua comercial e com o badalado Cine Ouro Verde.



Proprietário: Benedita Alves Camargo
Acervo: André Camargo Lopes / Clube da Fotografia. Londrina (PR), 1958.



Proprietário: Benedita Alves Camargo. Acervo: André Camargo Lopes / Clube da Fotografia. Caminhão Pau-de-arara da empresa Pará-Goiás Plantações Ltda. estacionado nas esquinas da Av. São Paulo com a Rua Piauí – área central de Londrina. Encostado ao pneu dianteiro do caminhão encontra-se o motorista José Camargo Filho. FOTO ESTRELA - 1956.

O flash da câmera faz com que se veja muito pouco do que ocorre ao fundo da composição, apenas um grupo de pessoas que caminham em direção contrária. Toda a cena está em movimento, percebe-se as pessoas em deslocamento, como se o tempo presente de suas ações continuasse a correr, não sendo igual ao tempo dos que posam para a lente. A fotografia vista assim, pode também ser lida através do casal que se colocam eternamente em frente à lente fotográfica.

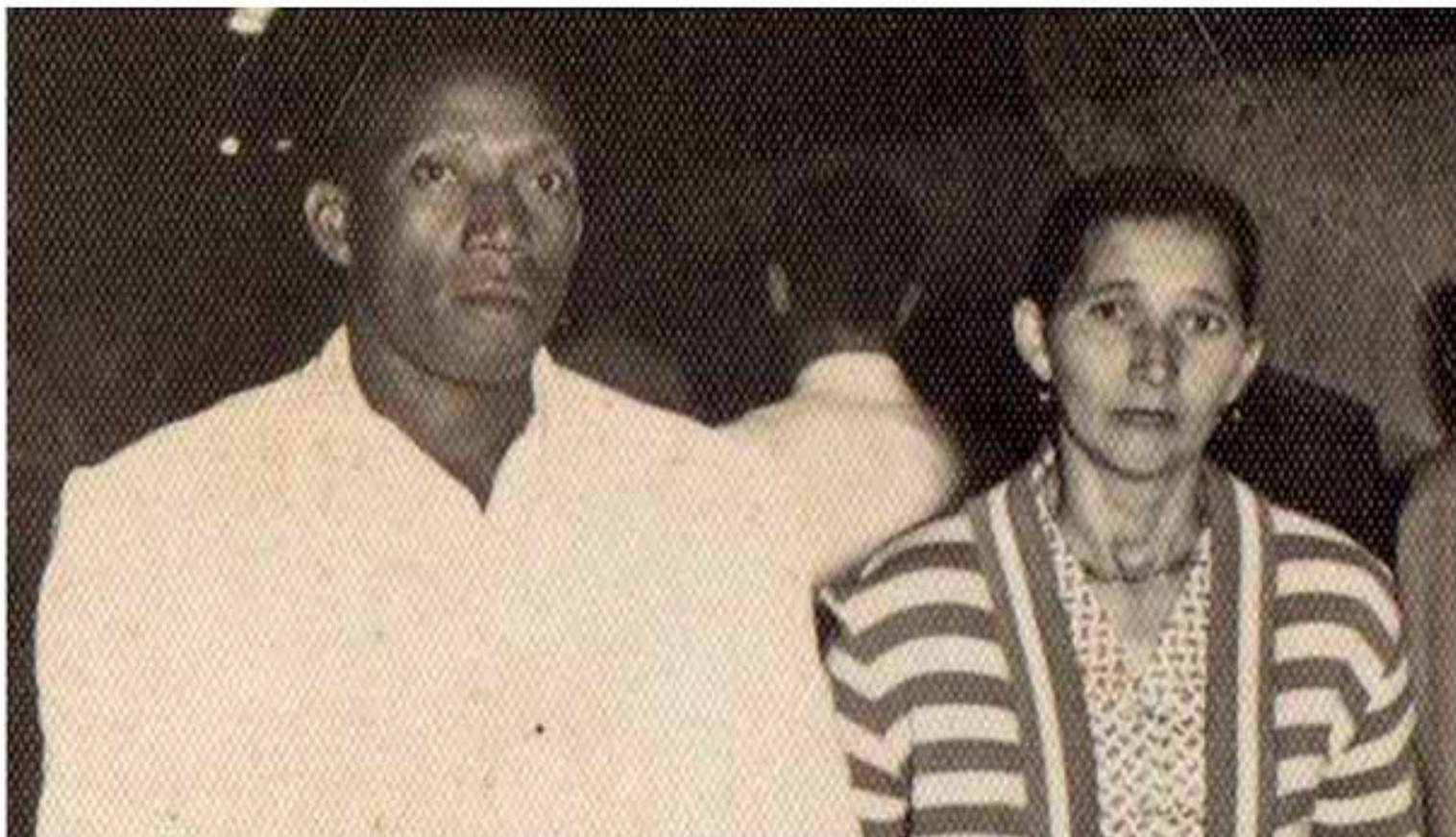
Por esta abordagem, a imagem fotográfica em seus elementos compositivos não nos diz mais nada além do que se vê. Entretanto, a ação, o passeio noturno expõe contradições do espaço social, da cidade socialmente “higienizada”. O footing do casal, insere-os em um momento de dupla ruptura da fronteira social. Um casal inter-racial de moradores do Jardim Paulista, às margens da Rodovia Melo Peixoto, transitando em um espaço de gozo da vida burguesa.

Ir ao cinema, reforçar os como casal, presente

nas narrativas e imagem, um momento de lazer da vida árdua do trabalho, do descaso do poder público, uma ruptura com a rotina. A atestação da legitimação do indivíduo envolto pelo trabalho. Não importa se uma vez por mês, ou aos domingos ou até mesmo esporadicamente. A presença, o evento, está registrado. Em trajes finos, não os de trabalho. Estão inseridos, ao espaço. Visto desta forma, podemos afirmar que a pose, seguramente, não é inocente, é integradora, afirmando-se como parte desta cidade que margeiam. O retratar-se, frequentar o cinema, refletem uma capacidade de poder usufruir determinados elementos de valor simbólico deste espaço (roupa, lazer, trabalho, etc.).

Entretanto o silêncio da imagem gera questionamentos que por si só essa não é capaz de responder: Quando esta imagem foi realizada? Quem retratou este casal? Qual o valor econômico de uma pose? Porque a fotografia na rua e não no estúdio? São muitas as perguntas que uma imagem suscita, muitas vezes sem respostas. As informações continuam incompletas.

Como foi parar na parede: entre apropriações e reproduções



Como visto, a fotopintura era um presente. A escolha das imagens matrizes, um desafio, visto o segredo. Eis que a escolhida é a do casal. Não uma 3x4 para documentos. Mas sim, o casal solto, a passear.

A composição da fotopintura é uma apropriação de alguns elementos da imagem original.

O que se pretende em uma imagem revisitada? Editada?

Que memória construímos a partir disso?

A fotopintura é uma forma de apropriação e reprodução de imagem, exposta nas paredes em porta-retratos em muitas residências, preserva, lembra e reconstrói histórias. Os retratos pintados, geralmente de busto, frontalizados, em pares ou individuais, registram faces coloridas, extraídas de imagens de documentos. São retratos corrigidos, reparados em traços. Vestidos, ternos, joias e outros acessórios são incorporados a retratos que horas remetem apenas a identificação do retratado. É um ver-se preso a entrada de casa. Com fundos azuis

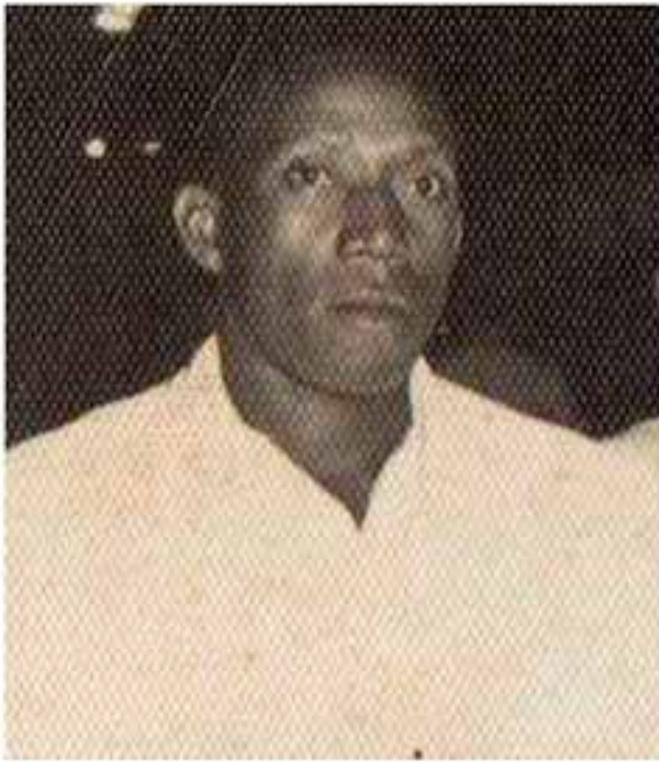
e verdes, destacando os personagens, em uma narrativa pessoal.

Nesta composição, restou da imagem original apenas os rostos. Nela, manteve-se os brincos. Não acrescentou-se mais nada como adereço. O terno branco e a camisa aberta foram substituídos por um terno cinza e gravata.

O vestido dela, agora azul com brilhoso, sugerindo cetim, substitui a blusinha de algodão e o tecido claro da fotografia original.

Seus rostos ganharam coloração, não mais escala de cinza, e sim cores vibrantes, contrastantes ao fundo esmeralda. Quanto à composição, tornaram-se bustos, pareados.

Ela um pouco mais a frente encobrendo o ombro do companheiro. Ao apropriar-se da imagem, o fotopintor redireciona o sentido narrativo da imagem. Há uma pose efetiva. O casal, está posto diante do observador, parado a fita-lo.



Narrar-lembrar

As informações incompletas deixadas pela fotografia em questão, começam a ser montadas, quando somamos a esta, as razões pelas quais o casal fotografado encontrava-se naquele espaço, fato possível graças ao trabalho de coleta de informações orais, a partir de entrevistas com os proprietários das imagens. No caso desta imagem, as informações foram coletadas junto a filha do casal, Vera Lúcia Alves Camargo, e a própria Benedita Alves Camargo, em 2016.

Ao construir a narrativa sobre a fotopintura, Vera Lúcia retomou, com a foto em mãos a história da imagem original, encontrando no olhar da mãe a confirmação de suas palavras. Reforça em suas palavras que se tratava de um footing noturno na Avenida Paraná no centro de Londrina. O ano é indefinido, assim como a palavra que explica a ação, pois a interlocutora da fotografia tem informações limitadas sobre o evento, e as definições sobre o que vem a ser tal expressão tão distantes de seu cotidiano cultural.

Benedita, mais reservada, limitou-se em afirmar que eram passeios na Avenida Paraná, em que os casais contemplavam as vitrines das lojas. Os fragmentos de suas lembranças somados as recordações indiretas do fato que gerou a imagem, narradas por Vera Lúcia, remetem ao que afirma Sontag (2004) sobre a memória afetiva manifestada em coleções fotográficas, diz a autora, que por mais precisa que seja é sempre uma sinopse surrealista do fato, algo idealizado e distante.

Quando tomamos as fotografias como memória afetiva e expressões de época, e a partir delas construímos narrativas, colocamo-las como vestígios de uma ação e de

um tempo distante, muitas vezes vividos indiretamente, por aquele que rememoram. Tal definição as coloca como memórias pontuais de um indivíduo, ou de um grupo social. Por serem pontuais, são capazes de acionar, estimular, uma reorganização do evento vivido. Estes elementos são entendidos como marcos simbólicos (BOSI, 2004), capazes de movimentar a memória dos envolvidos, criando pontos indicativos elos entre o tempo vivido e o tempo presente, nos quais, o indivíduo ou a coletividade do grupo social se concentram. Formam-se então, diversos pontos de vistas sobre uma memória que é coletivamente compartilhada. Os deslocamentos dos indivíduos promovem alterações sobre estes pontos de vista acerca do referencial coletivo, transformando-a em um conjunto de percepções e representações heterogêneas acerca de um mesmo referencial.

A partir desta colocação sobre o trânsito da memória entre o individual e o coletivo, a fotografia como documento de estudo histórico, permite o cruzamento de seus dados a outros textos, possibilitando a composição de uma imagem mais complexa e mais viva do evento em seu período de produção, tendo em vista que a condição indiciária da imagem fotográfica por si só não a coloca em uma ação dinâmica em relação ao passado (DUBOIS, 2009).

Neste aspecto a Literatura regional (principalmente o gênero literário da crônica) se apresenta como uma riquíssima fonte de dinamização na construção das representações que remontam ao tema de pesquisa. Sua linguagem rica em figuras que se entrelaçam entre o ficcional e o histórico complementam em vivacidade a eterna condição estática do retrato fotográfico, problematizando situações, abrindo debates para outros temas que envolvem a imagem em

sua época de produção, tal qual a que se apresenta neste fragmento da crônica “O dia que a Avenida parou” de Mauricio Arruda Mendonça (2009):

FOOTING

O domingo londrinense amanheceu ensolarado com um céu azul-turquesa. Após a missa na Matriz do Sagrado Coração de Jesus, toda a cidade circulava pela Avenida Paraná. Era o costume daqueles tempos. As moças e os rapazes faziam o chamado footing, um passeio pela Praça das Bandeiras, (atual Marechal Floriano) onde os jovens podiam se ver e as paqueras, namoros e noivados aconteciam.

Naquela manhã de Maio era possível ver casais de namorados manifestando seu afeto com recato e respeito. Tudo corria normalmente. Porém, sem que ninguém pudesse explicar, um casal diferente veio vindo pela calçada a partir da esquina da Avenida Paraná com São Paulo. Houve silêncio de susto. Eram nada mais nada menos do que Marilena e Josué, uma branca e um negro, de mãos dadas. Vinham felizes e orgulhosos de seu amor.

Olhavam nos olhos de todos que os encaravam com assombrados, mas os cumprimentavam com desembaraço e educação. E, à medida que caminhavam para a esquina da Avenida Rio de Janeiro, já ninguém mais achava estranho. Muitos faziam gestos de aprovação, alguns aplaudiam ao longe enquanto Marilena e Josué seguiam pela Rua Maranhão em direção ao Cine Ouro Verde.

(MENDONÇA, 2009, pp. 78-79).

A crônica de Mendonça, dentro de seu universo literário revela em seu corpo um dos muitos aspectos da natureza cultural do período.

A palavra footing que problematiza o raciocínio do texto, é uma expressão da língua inglesa que indica a ação de caminhar a pé, se popularizou em algumas regiões do país como uma forma de passeio para descontração. Por ser uma forma de passeio o footing ganhou notoriedade nas pequenas cidades interioranas como uma forma de lazer praticado nas áreas próximas as praças das igrejas centrais ou em ruas de grande movimento comercial (com cinema, bares, sorveterias) que favoreciam o encontro de jovens e consequentemente o flerte.

Nelson Capucho (2004) em sua crônica sobre a Praça Marechal Floriano Peixoto em Londrina, intitulada de “Footing, Relojão e cabine erótica”, afirma o espaço como um local de lazer, envolvido por pessoas que deslocavam de seus bairros afim de verem e serem vistos no espaço, um jogo no qual as moças que transitavam pelo espaço eram observadas a distância ou de perto por seus pretendentes, uma fuga do cotidiano familiar e do trabalho, um alento ao romance de casais dos mais diversos níveis sociais.

Assim como Mendonça (2009), Capucho (2004) vislumbra um período áureo a esta prática no município, assim como o seu espaço bem definido. A época são as décadas entre aos anos de 1950 e 1970, o espaço a Avenida Paraná.



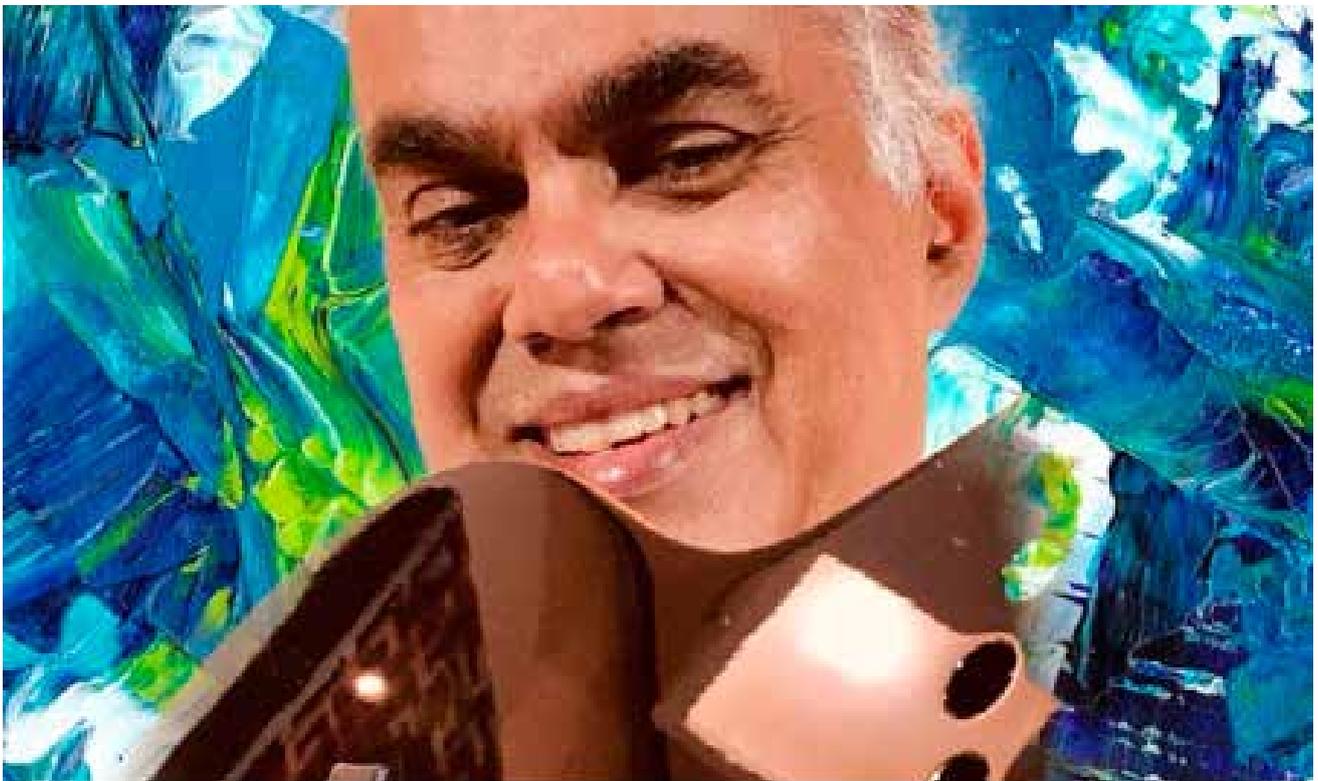
O casal Benedita Alves Camargo e José Camargo Filho, juntamente com a cunhada Edite (esquerda), sua filha Vera Lúcia (blusa vermelha) e o jovem sobrinho Alcir. Todos a porta de sua residência na rua Brigadeiro Franco, no Jardim Paulista, Londrina (PR), em 1983. Fotógrafo: José Fotógrafo. Acervo: André Camargo Lopes/Clube da Fotografia

Assim, quando cruzada a imagem fotográfica à crônica de Mendonça, outros aspectos culturais se revelam tornando inevitável o estabelecimento de comparações entre os elementos visuais da imagem às narrativas orais e literárias. A fotografia data dos anos de 1960, foi realizada no mesmo espaço social, no mesmo município, porém, o elemento que desponta como problematizante e instigante na composição é justamente o aspecto social e cultural, não o fotográfico, mas o étnico-racial. Casais de negros, neste período, eram aceitáveis, havia certa naturalização de sua presença no espaço, assim como de pardos com negros, o estranho era entender como uma mulher branca se deu ao “desplante” de se deixar levar por um negro (como afirma dona Benedita, a jovem esposa da imagem fotográfica). Neste momento, Literatura e fotografia se complementam para promover o estranhamento necessário para a construção de uma imagem cultural do período exposto, desconstruindo a aparente harmonia nas representações fotográficas e textuais, creditando ao passado a sua natureza conflituosa, decorrente dos grupos humanos que dele participaram como construtores.

O silêncio da fotopintura pendurada na parede, se irrompe em uma ensurdecidora atestação de companheirismo, de matrimônio. Está lá, para todos verem. Um ao lado do outro. Um casal.

Referencial bibliográfico

- ADUM, Sonia Maria Sperandio Lopes. *Imagens do Progresso: Civilização e Barbárie em Londrina – 1930/1960*. Dissertação. UNESP, Assis, 1991.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Campinas, Papirus Editora, 2009.
- LOIZOS, Peter. *Vídeo, Filme e Fotografias como documentos de pesquisa*. In: BAUER, Martin e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2002.
- MAUAD, Ana Maria. “Através da Imagem: Fotografia e História – Interfaces”. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, Vol. 1, nº 2, 1996, p.73-98.
- SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Tradução: Rubens Figueiredo. 5ª ed. São Paulo, Cia das Letras, 2004.



com Anand Rao

Assita clicando no link

<https://www.youtube.com/c/Produ%C3%A7%C3%A3oAnandRaoMultiemprendimentosAnandRao/featured>



Brindes

Marketing Promocional
& Esportivo

**BRINDES ESCOLARES, ESPORTIVOS,
CORPORATIVOS E
PARA DATAS COMEMORATIVAS!**

Carlos Carmona



43. 99602-6024



@carloscarmonabrindes



/Carlos Carmona Brindes



IGNOTOS

Y E S O D

GABRIEL BILLY

THIAGO LIMA

O que é?

Ignotos é um projeto de histórias em quadrinhos em um universo de histórias inéditas, mas que homenageia clássicos (pouco conhecidos) da literatura fantástica brasileira. Este universo ficcional gira em torno de um grupo de superheróis retirados de livros em domínio público de autores como Machado de Assis, Coelho Neto, Emília Freitas, João do Rio, Humberto de Campos, Joaquim Manuel de Macedo e etc. O projeto faz referências também a poesia e artes visuais brasileiras. O nome Ignotos seria uma alusão “A Rainha do Ignoto”, um dos primeiros romances de fantasia nacional, mas também o fato dos personagens desse universo serem desconhecidos do grande público. A palavra “Ignoto” significa desconhecido.

Gênero:

Esta é uma história em quadrinhos de fantasia com ambientação retrofuturista e de Ópera Espacial. A Hq se na Belle Époque brasileira.

SINOPSE “IGNOTOS: YESOD”:

No início do século XX, uma espécie de delírio coletivo faz com que diversas pessoas observem uma segunda lua no céu da terra. Este estranho fenômeno traz uma forte oscilação nas marés e eventos inexplicáveis. Do espaço, a marinheira espacial Beta é enviada para a Terra no intuito de investigar o estranho acontecimento. Da Terra, um grupo improvável pessoas com habilidades especiais também se move em busca de respostas. Quem são esses personagens que buscam compreender esse fenômeno? Eles são os personagens mais magníficos retirados da literatura fantástica brasileira. Personagens de autores como Machado de Assis, Coelho Neto, Emília Freitas, João do Rio, Humberto de Campos, Joaquim Manuel de Macedo e etc. Um panteão de IGNOTOS.



CAPÍTULO 1: O FAROLEIRO

Roteiro: Gabriel Billy (Instagram: gabriel.billy)
Desenho e Arte Final: Thiago Lima (Instagram: thiagolimahq)
Cores: Sara Failache (Instagram: sfail_)

Capa: Desenho de Thiago Lima com cores de
Hugo Araújo (Instagram: bruxarium)

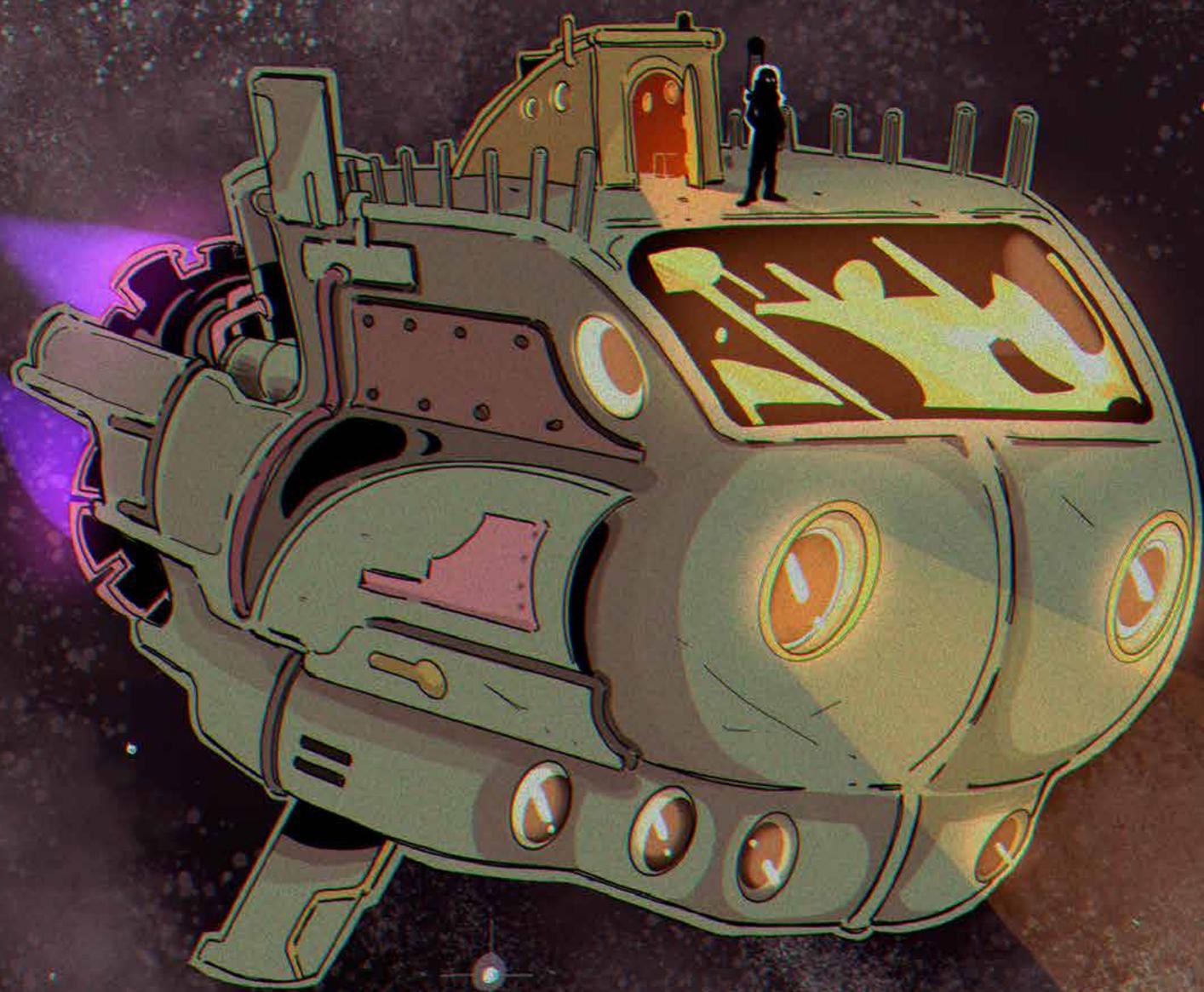
"Como desconhecidos, porém bem conhecidos; caminhando como quem está prestes a morrer, mas eis que vivemos; torturados, mas não mortos; entristecidos, mas sempre felizes; pobres, mas enriquecendo a muitas pessoas; nada tendo, mas possuindo tudo."

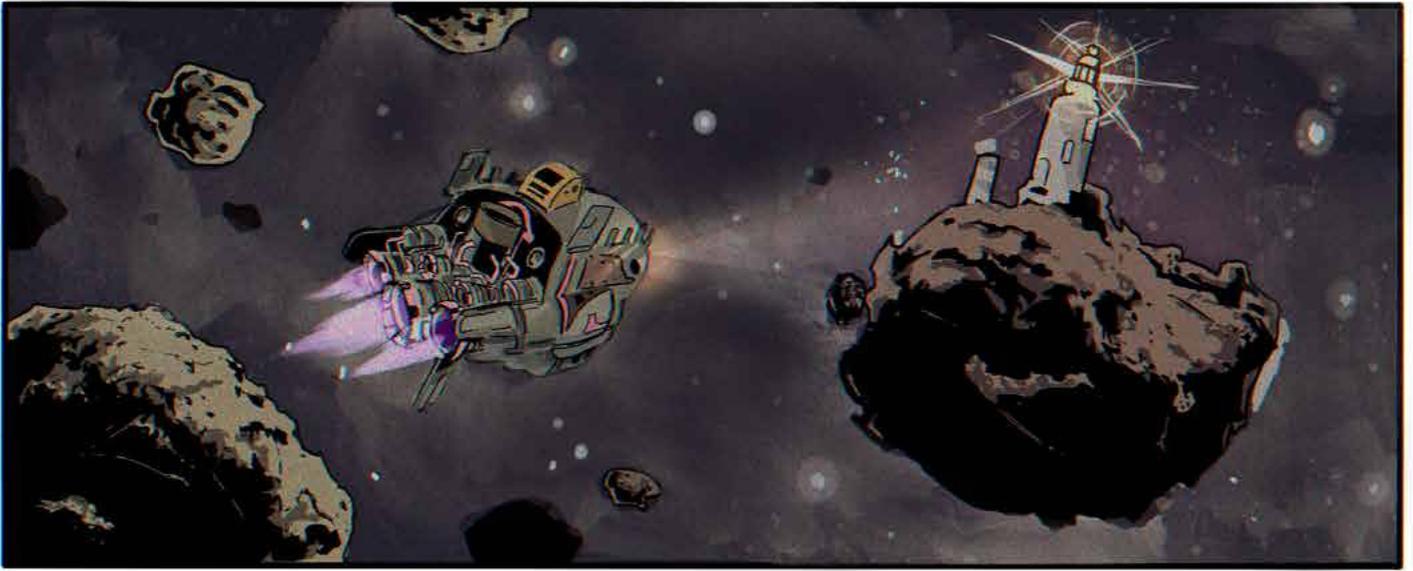
2 Coríntios 6

IGNOTOS

Y E S O D

GABRIEL BILLY ————— THIAGO LIMA

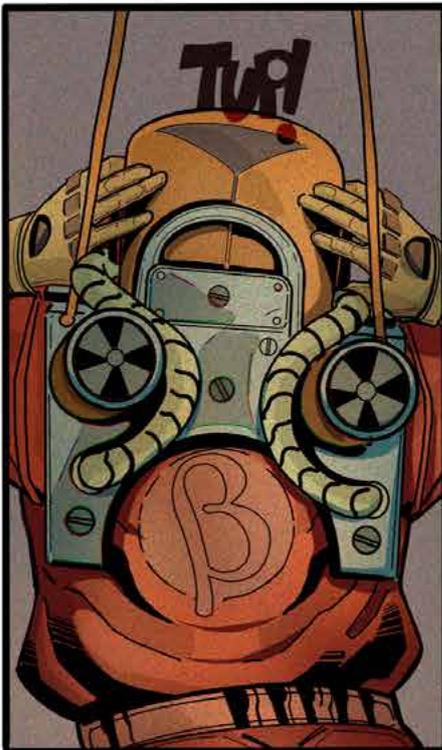
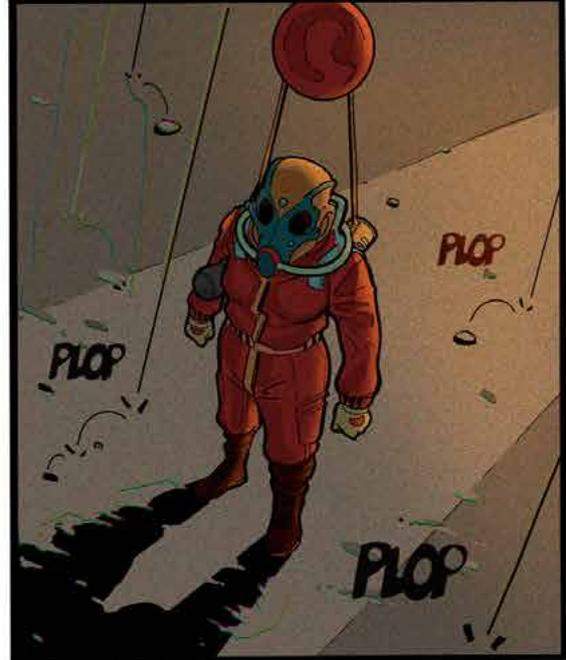




FAROL ESPACIAL DINAH.



LOCALIZADO ENTRE A
TERRA E MARTE. INÍCIO
DO SÉCULO XX TERRÁQUEO.





DR. ALPHA?
ESTÁ AI? ESTOU
SUBINDO!



AH! É
VOCÊ,
BETA!



ENTÃO VEIO
VISITAR ESSE
VELHO?



SIM,
DR. ALPHA!
VOCÊ PRECISA DE
VISITA MESMO!

NÃO SEI
COMO AGUEN-
TA ESSA
SOLIDÃO!



VIVER AQUI
NESSE FAROL,
ISOLADO NO
ESPAÇO.



AH! EU SOU FELIZ AQUI
COMO FAROLEIRO! UM
VELHO LOBO DO ESPAÇO
COMO EU JÁ PASSOU POR
MUITAS AVENTURAS. PRE-
FIRO ME RECOLHER
AGORA.

E NEM É TÃO
PARADO, AJUDO O
TRÁFEGO DE NAVES
ESPACIAIS DE VÁRIAS
GALÁXIAS DIFERENTES.
ALGUNS SERES SE
HOSPEDAM AQUI,
ANTES DE CONTINUAR
SUAS VIAGENS. CO-
NHEÇO MUITA COISA
MORANDO AQUI.



NÃO SENTE
SAUDADES
DA TERRA?



QUANDO SINTO SAUDADES, EU A OLHO DAQUI.

EU SOU UM LOBO DO ESPAÇO, BETA. A MINHA CASA É O UNIVERSO.



TE ENTENDO, DR. ALPHA!

MAS ACHO ISSO TUDO AQUI MUITO SEM VIDA.

POR ISSO DECIDI TRAZER ESSE PRESENTE.



TROUXE ESSA FLOR DIRETO DE TITÃ, SATÉLITE DE SATURNO! É PRA VOCÊ!



AH, BETA! OBRIGADO!

SÓ VOCÊ MESMO PRA ME FAZER ESSE AGRADO.



CONTE-ME, COMO FOI SUA VIAGEM? COMO FOI A ÚLTIMA MISSÃO?

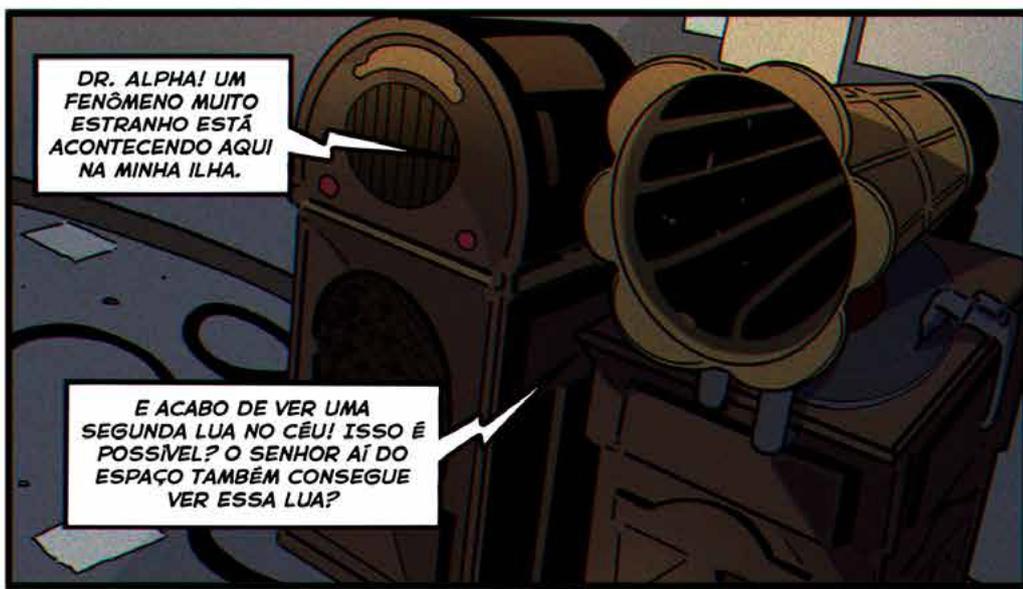


MENSAGEM SNESS RECEBIDA DA TERRA. GRAU DE IMPORTÂNCIA VERMELHO! REMETENTE: RAINHA DO IGNOTO.





UMA URGÊNCIA DA RAINHA DO IGNOTO!? VAMOS VER O QUE TEMOS AQUI.



DR. ALPHA! UM FENÔMENO MUITO ESTRANHO ESTÁ ACONTECENDO AQUI NA MINHA ILHA.

E ACABO DE VER UMA SEGUNDA LUA NO CÉU! ISSO É POSSÍVEL? O SENHOR AÍ DO ESPAÇO TAMBÉM CONSEGUE VER ESSA LUA?



SEGUNDA LUA? O QUE ESTÁ HAVENDO COM A RAINHA DO IGNOTO? SERIA IMPOSSÍVEL UM SATÉLITE NOVO APARECER ASSIM NA ÓRBITA TERRESTRE.



CLARO! NÃO EXISTE A MÍNIMA POSSIBILIDADE DE UM CORPO CELESTE GRANDIOSO SURTIR ASSIM DO NADA.

MAS, VAMOS DAR UMA OLHADA NISSO, SÓ POR DESENCARGO DE CONSCIÊNCIA.

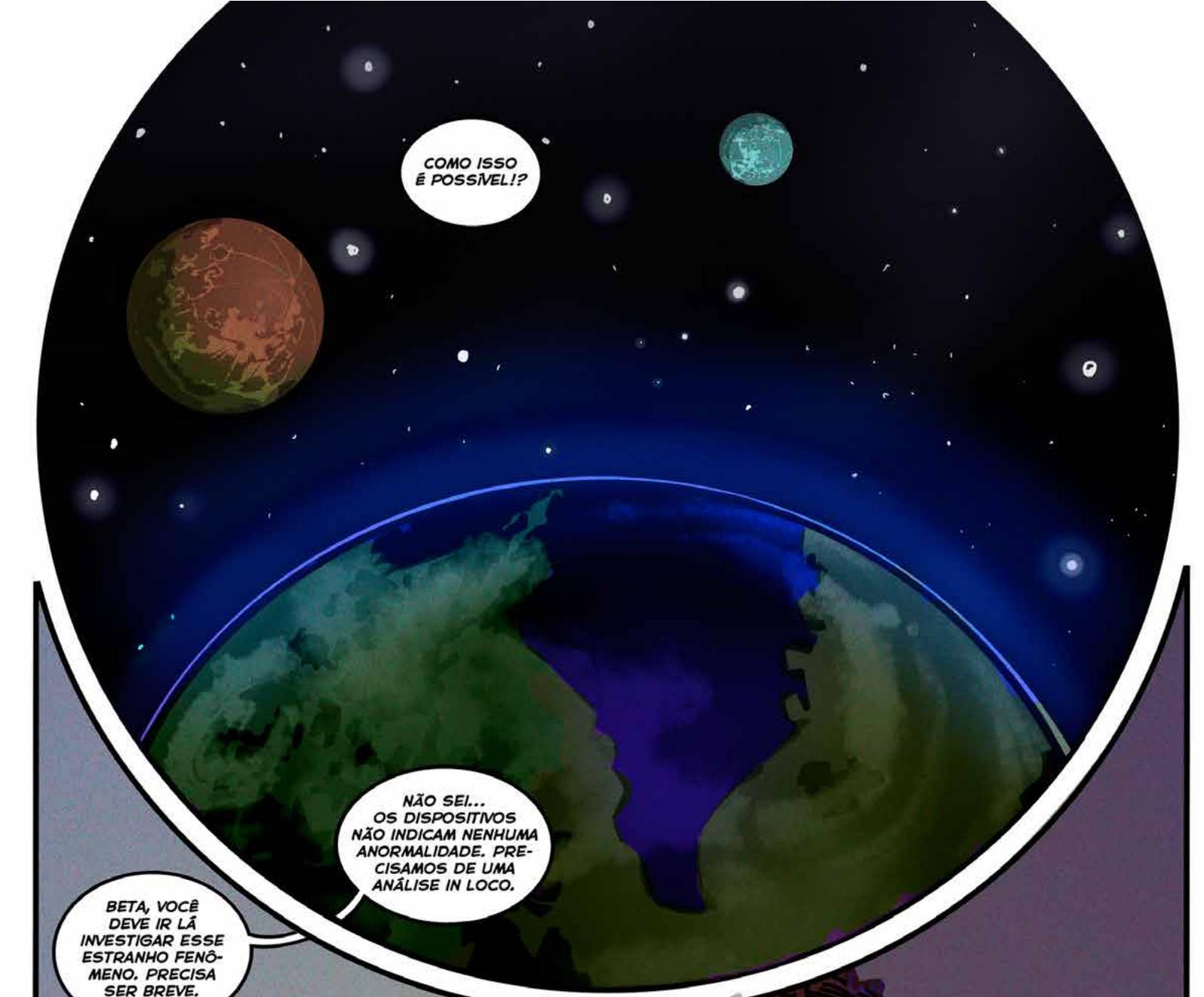


POR MIL MARUJOS ESPACIAIS! COMO ISSO ACONTECEU ?!



DEIXA EU VER!

ISSO SÓ PODE SER UMA PIADA.



COMO ISSO
É POSSÍVEL!?

NÃO SEI...
OS DISPOSITIVOS
NÃO INDICAM NENHUMA
ANORMALIDADE. PRECISAMOS DE UMA
ANÁLISE IN LOCO.

BETA, VOCÊ
DEVE IR LÁ
INVESTIGAR ESSE
ESTRANHO FENÔ-
MENO. PRECISA
SER BREVE.



PODE
DEIXAR!

Olá, viajantes do desconhecido!

Chegamos ao final do nosso primeiro capítulo e agradecemos demais vocês por colaborarem com a nossa HQ.

Aqui vamos falar um pouco mais sobre os detalhes desse primeiro capítulo. Como sabem, os personagens desse primeiro capítulo são o Dr. Alpha, que foi retirado de edições do suplemento **O Tico-Tico** de 1907, e a personagem Beta, que é uma personagem inédita criada especialmente para essa HQ.

Inserimos a Beta para criar um personagem mais jovial e feminino. Achamos que seria legal no contexto espacial essa personagem nova. Para que tivesse um plano de fundo mais completo, decidimos fazer uma outra referência para a Beta: ela é inspirada também em uma personagem da literatura brasileira (não fantástica) em sua identidade, coisa que será revelada mais pra frente.

Quanto ao fato do Dr. Alpha morar em um farol espacial, essa é uma homenagem dupla a **Geração G. R. D.**

Edições G. R. D. foi uma editora brasileira, que o nome vem das iniciais de seu criador, Gumercindo Rocha Dorea. Essa editora lançou nas décadas de 1950 e 1960 diversos livros de ficção científica, sendo vários deles de autores nacionais. Um desses autores foi Fausto Cunha, que nas suas ficções espaciais fazia sempre uma analogia do espaço sideral com o mar. Então, os viajantes espaciais eram marinheiros do universo, ou piratas, lobos do espaço e etc.

Peguei esse conceito náutico/espacial para usar em Ignotos, por isso a ideia de um farol náutico sobre um corpo celeste. Mas aprofundando esse conceito de farol em literatura de ficção científica me inspirei na Dinah Silveira Queiroz, outra escritora da geração GRD. Dinah escreveu um excelente conto de ficção científica chamado **Eles herdarão a Terra**, que acompanha a vida isolada de um faroleiro e seus filhos. Esse conto me fez refletir sobre as metáforas sociais do farol. Como o isolamento e vida olhada para dentro é interessante compreendida por meio do simbolismo do farol. Achei que seria interessante que o Dr. Alpha tivesse se tornado um eremita na imensidão do espaço, um velho lobo do espaço aposentado.

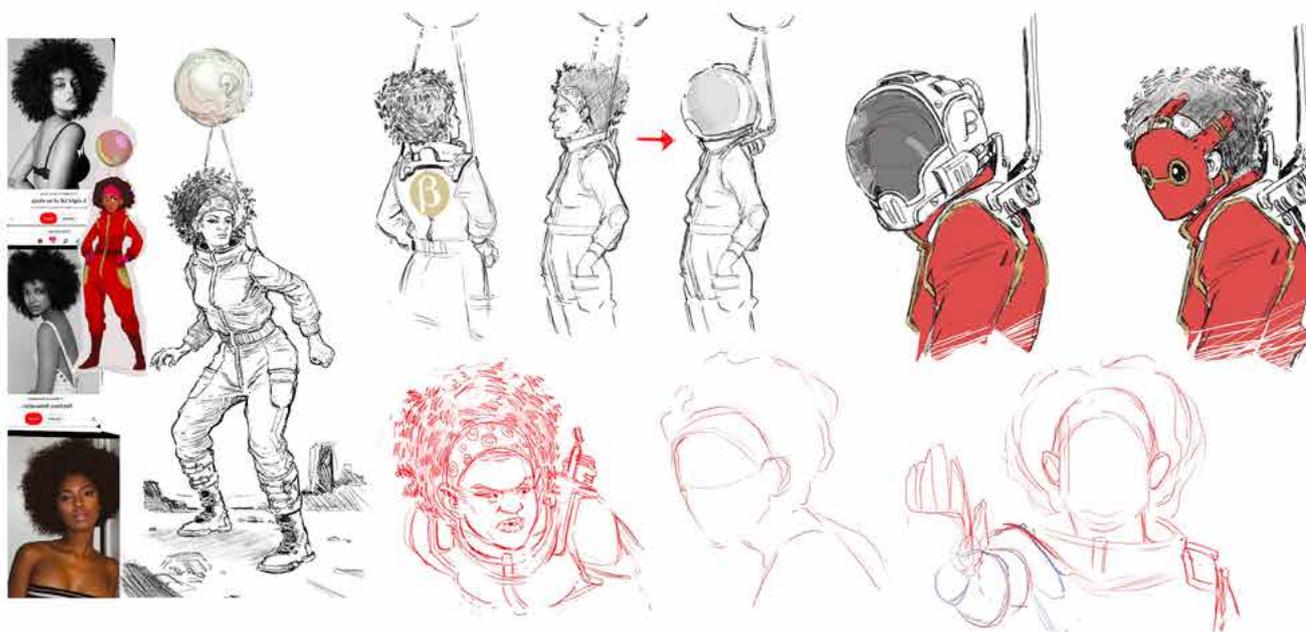
Além dessas, fiz mais duas referências a geração GRD nesse primeiro capítulo. Uma na comunicação espacial feita por meio de *sness*, que a rainha do ignoto manda para o Dr. Alpha. **Sness** era a comunicação espacial em tempo real, independente da distância, presente nos livros do Fausto Cunha. A outra referência é a flor de açucena vermelha que brilha retirada de Titã satélite de saturno, no qual a Beta presenteia o Dr. Alpha. Essa flor é uma referência a uma flor presente em um conto de Rubens Teixeira Scavone presente na antologia **O Diálogo dos mundos**.

Essas foram as pequenas homenagens a geração GRD, uma bela geração de escritos brasileiros de ficção científica.

Espero que tenham gostado da nossa viagem espacial desse mês. Coloquem trajes espaciais e se preparem! Mês que vem tem mais!

Gabriel Billy e Thiago Lima.

Estudos dos personagens Beta e Dr. Alpha feitos por Thiago Lima.

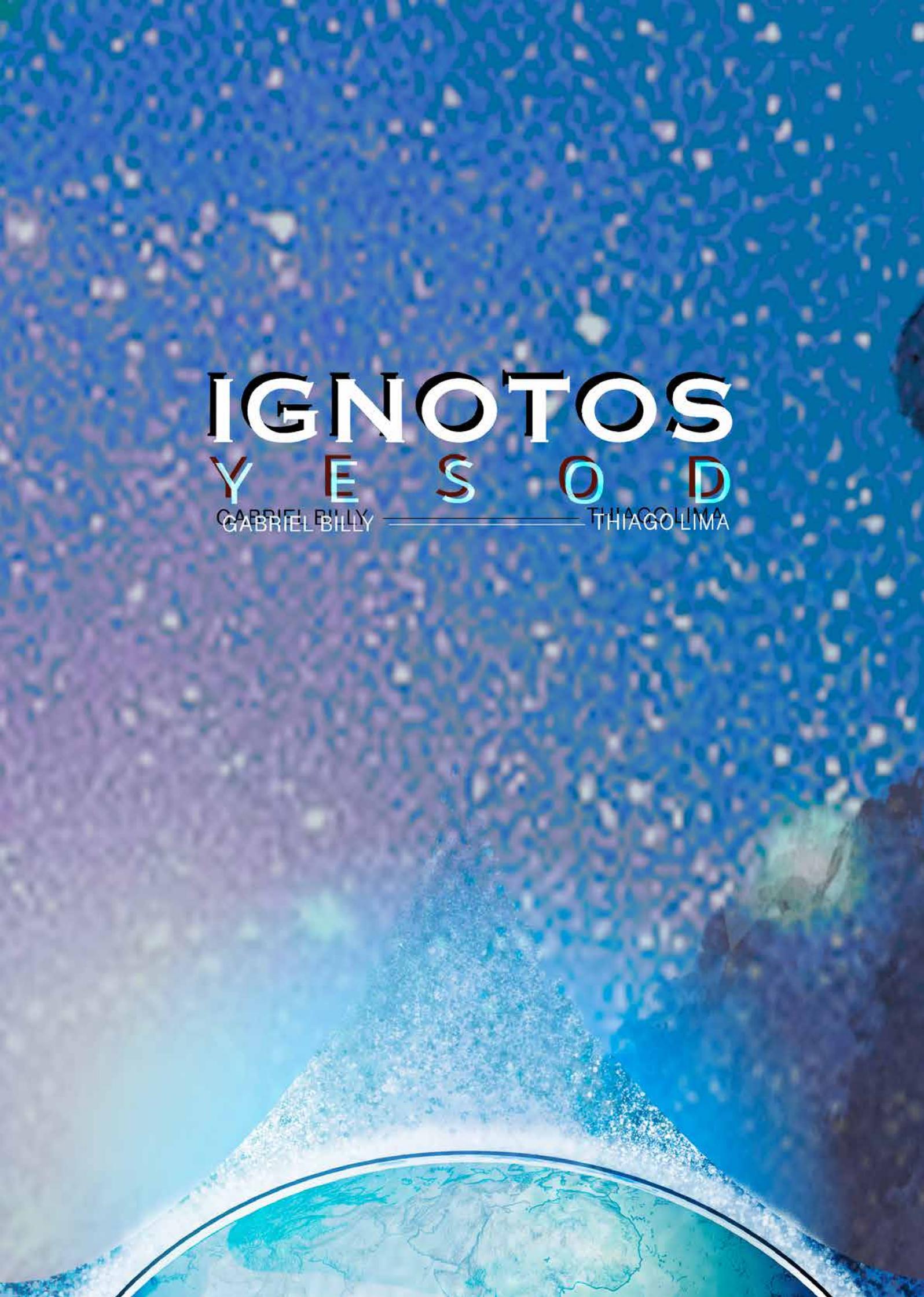


IGNOTOS

Y E S O D

GABRIEL BILLY

THIAGO LIMA



#20 **CADERNO DE**

Literatura



Leonardo Valente

criogenia de D.
ou manifesto pelos prazeres perdidos



mondrongo



Leonardo Valente

“A leitura mais espantosa, provocativa e mais completa como testemunho desse momento da História. Uma narrativa perfeitamente integrada, mas que consegue descrever a desintegração pela qual estamos passando. Genial.”
Maria Valéria Rezende, escritora

“Um livro inquietante e com estilo literário maiúsculo”
Pilar del Río, escritora, tradutora e presidente da Fundação José Saramago

criogenia de D. ou manifesto pelos prazeres perdidos
Leonardo Valente

Por Rodrigo Casarin

“ainda sobre mentira, todo mundo adora meu penne ao funghi, dizem que é um dos pratos que mais revela meus dotes culinários por conta do sabor do molho. há, contudo, uma grande mentira nele. algo de falso e artificial que não estou preparada para revelar, nem mesmo para mim. aquilo que não conto ainda não sou eu, e prefiro manter em meu consciente a história perfeitamente crível e aceitável de que sou bom cozinheiro”.

Não, não há nenhum erro de digitação no parágrafo anterior. Quem narra “criogenia de D.” é um brasileiro ou uma brasileira, daí que ora lemos a pessoa dizer não estar “preparada” para revelar algo sobre sua receita, ora vemos se apresentar como bom “cozinheiro”. É pouco ou nada confiável o universo construído por Leonardo Valente em seu novo romance, que sai pela Mondrongo. O que há na narrativa é uma farsa explicitada com todas as letras, uma ambiguidade apodítica ou uma desconfiança permanente sobre o que está escrito. Ali, tudo é tão incerto quanto nosso mundo, onde a noção de realidade se dilui e se perde num emaranhado de fake news e invenções.

Quem constrói o jogo de muitas sombras de “criogenia de D.” sabe que “desnudar-me, na verdade, é tornar-me

ilegível”. Na narrativa, o leitor encontra uma pessoa que enche as páginas para desabafar sobre antigos maridos, predileções sexuais pouco ortodoxas – e que já fizeram o presidente da República passar vergonha em redes sociais – e escarafunchar a própria relação com o amor. D., a forma como essa personagem se apresenta, também se debate contra certa culpa cristã e assimila boa parte do mundo a partir da boa cozinha. “casei-me apenas com crêmes brulées, profiteroles e tiramisus. a exceção é o quinto, nem farto, nem sofisticado, só será cardápio gourmet após a despedida”.

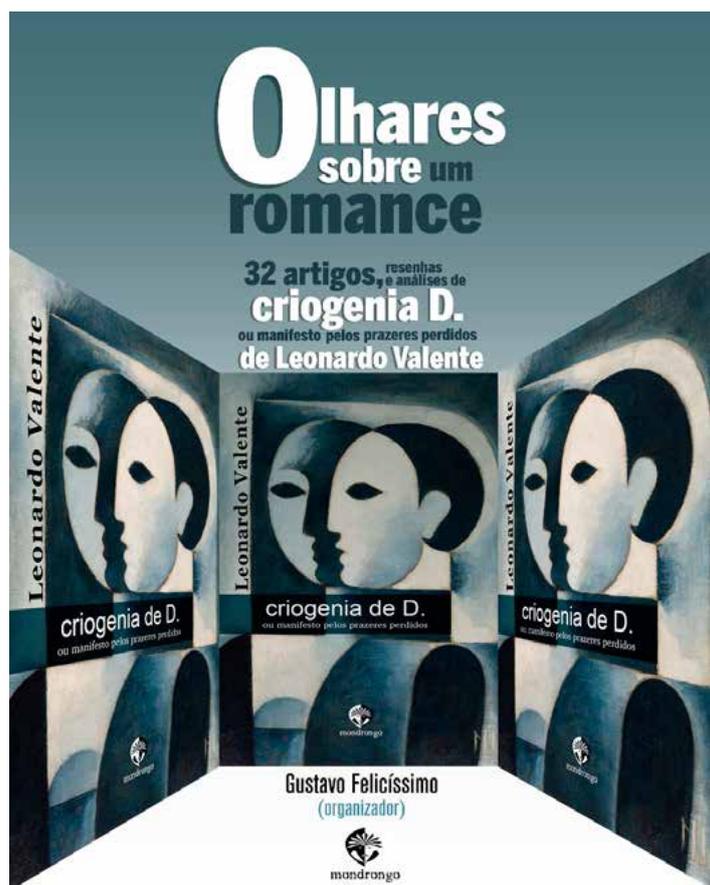
De cara, a referência mais óbvia para este novo romance de Valente é Hilda Hilst e o seu “A Obscena Senhora D”, um dos trabalhos mais importantes da escritora. Se Hilda está no imaginário e no explicitar de certas questões, logo toques de Clarice Lispector também se mostram presentes na narrativa carregada de introspecção. No entanto, é mesmo o russo Liev Tolstói e o seu clássico “Anna Karenina”, especialmente a tão trágica quanto clássica cena do trem, que se faz presente ao longo de toda a história.

Em “criogenia de D.”, Valente cria um jogo de verdades e mentiras – ou de verdades e verdades, ou de mentiras e mentiras – e estabelece uma dinâmica com a própria ideia

do objeto livro. Do epílogo deslocado para o início da narrativa ao modo livre como lida com as letras maiúsculas, constrói um universo no qual os recursos gráficos ajudam a contar a história. A escrita fragmentada que deixa páginas quase inteiras em branco, as mudanças no tamanho do corpo da fonte e as autoedições fazem parte dessa ficção sobre ficções.

Sobre o autor:

Leonardo Valente nasceu em Niterói, Rio de Janeiro, em 1974. Tem três romances e uma antologia publicados, entre eles “Apoteose” (Mondrongo, 2018), “O beijo da Pombagira” (Mondrongo, 2019), finalista do Prêmio Rio de Literatura, e “Calote” (Mondrongo 2020). Em 2017, foi um dos vencedores do Prêmio José de Alencar de



melhor romance, da União Brasileira de Escritores, com um original ainda inédito. É um dos organizadores da coletânea “Antifascistas” (Mondrongo, 2020), que reuniu alguns dos mais importantes nomes da literatura lusófona, e tem textos ficcionais em diversas publicações. Jornalista e doutor em Ciência Política, é professor de Relações Internacionais da UFRJ.

Três perguntas para Leonardo Valente

RODRIGO CASARIN. Pouco ou nada é confiável em “criogenia de D.”. De forma parecida, muito pouco ou quase nada é confiável num mundo cheio de mentiras que se espalham com imensa facilidade por aí. Como você lida com essa dificuldade de tentar captar o que é, de fato, real e o que é pura invenção?

LEONARDO VALENTE. D. pretende se fazer entender, e entender-se, em essência. Desnudar-se completamente pela palavra, e abrir as entranhas exige um exercício para muito além de uma narrativa factual, requer metáfora, símbolo. A realidade por vezes é tão dolorosa de ser compreendida, assimilada, que por instinto de sobrevivência recorremos aos símbolos, aos códigos. Os sonhos, não raro, nos chegam dessa forma, querem tocar em pontos que doem, querem alertar para temas importantes dentro de nós, mas só conseguem quando nos contam outras histórias, muitas vezes desconexas, aparentemente sem sentido. Viver a experiência humana é aprender a traduzir. Esta é uma pergunta interessante, pois realmente vivemos tempos em que verdade e mentira, fake e news se misturam, se confundem e provocam consequências nefastas para a sociedade. Mas, e dentro de nós, o que é verdade e o que é mentira? A contradição, a oscilação e o sentimento como um bicho solto talvez sejam o que há de mais verdadeiro dentro de nós em tempos que exigem constantemente a construção de fachadas. Neste sentido, só vejo verdades

em D., verdades que não raro me atropelam como a locomotiva que a estraçalha todos os dias. Aliás, como afirmar que aquele trem, o mesmo que matou Anna e eternizou sua vingança contra Bibikov no romance de Tolstói não é um trem verdadeiro para D.? Morrer na ficção não é também uma forma de morte? Todo o romance é conduzido pelos trilhos desse trem da vingança de Karenina, e que virou a vingança de D. Os trilhos não são a fronteira entre verdade e mentira, nem mesmo entre realidade e ficção, mas entre o conhecido e o desconhecido de todos nós, o traduzível em palavras e o não traduzível, o que precisa de metáforas e alegorias. Essa locomotiva, portanto, é tão verdadeira quanto qualquer outra, ela atropela e esmaga quem não sai da sua frente, ou quem tenta atravessar esses trilhos, essa fronteira, sem olhar para ela.

RODRIGO CASARIN. Com o passar da narrativa, diversos personagens vão sendo nomeados como Damião. Damião, então, se transforma numa espécie de caleidoscópio de personalidades. Por que você decidiu utilizar esse recurso e por que a escolha do nome, que não me parece aleatória?

LEONARDO VALENTE. Diversos personagens que, sob outra perspectiva, são apenas um. Este é um livro repleto e ao mesmo tempo vazio de personagens, cheio de histórias que envolvem outros e outras, mas que na verdade dizem respeito ao universo de um único ser que carrega em suas costas os dilemas e dramas de nossa contemporaneidade. Quem D. amou? Com quem viveu? De quem se separou? Amamos um outro como ele é, um espelho ou um complemento? Relacionamo-nos com alguém ou com o que projetamos? Damião significa domador, vencedor, aquele que subjuga. Damião começa com D, uma das letras mais simbólicas da língua portuguesa em meu imaginário, de Deus e de Diabo, de doação, de dor, e também de D.

RODRIGO CASARIN. O livro joga muito com a ideia do próprio livro materializado: espaçamentos, tamanhos de corpos de fontes, deslocamento do epílogo... tudo isso faz parte de “criogenia de D.”. Quanto esses artificios impactam ou ajudam a compor a narrativa em si?

LEONARDO VALENTE. Uma história escrita é inseparável de seu meio físico, está presa não apenas por letras, palavras e pontos, mas por papel, tinta ou por pixels. Se os sentidos extravasam, e essa é a magia do texto, o físico chama de volta, atrai os olhos, provoca reações, o que também é uma forma de produção de sentido. Isso está longe de ser uma ideia nova, o que dizer dos modernistas e pós-modernistas?, mas muitas vezes nos esquecemos de usá-la, seja por esquecimento real ou por estarmos presos a tendências e modismos, deixamos de aproveitar de forma intensa esses recursos, nos preocupamos muitas vezes em preencher páginas com textos sequenciais, quando o branco da folha, naquele momento específico, pode dizer muito mais. Queremos explicar, explicar, contar, contar, e às vezes o que pretendemos passar exige algo bem mais simples. A proposta de D., sua vingança, era converter-se em escrita e em livro, congelar-se em páginas, e isso exigiu de mim esse esforço de não me prender apenas a um modelo convencional de montagem das palavras, da esquerda para a direita, de cima para baixo, D. não se explica em uma reta, é um circuito oval, como acredito ser a vida.

Ficha Técnica

“criogenia de D. ou manifesto pelos prazeres perdidos”

Editora Mondrongo, 2021.

16 x 23 cm; 127 páginas.

Lançamento: junho/2021

Assessoria de Comunicação: Cíntia Borges
(21) 98111-1073,

< cintiaborgesaf@gmail.com >

lvalentenit (Instagram); leonardo.lvalente (Facebook)

Opiniões sobre o livro

“Um livro inquietante e de estilo literário maiúsculo” (Pilar del Río)

“A leitura mais espantosa, provocativa e mais completa como testemunho desse momento, um livro com valor histórico. Genial” (Maria Valéria Rezende, escritora)

“Um livro revolucionário.” (Tamy Ghannam, crítica literária e booktuber)

“Bastante impressionado com esse livro. Nunca vi ninguém trabalhar gênero dessa forma na literatura” (André Timm, escritor)

“Excelente livro. Texto forte, bem escrito, de uma agilidade impressionante. Leitura para leitores experientes e exigentes” (Ricardo Ramos Filho, presidente da União Brasileira de Escritores, UBE)

“Leonardo Valente e Cristina Judar escreveram os dois melhores romances do ano” (Márwio Câmara, escritor, jornalista e crítico literário).

“Um grande deleite” (Antonio Carlos Secchin, escritor, poeta e professor)

“Parece magia, feitiço. Creio que nunca tinha visto nada parecido quanto à autoria” (Rosângela Vieira Rocha, escritora)

“Uma narrativa de tirar a respiração” (Maya Falks, escritora e crítica literária)

“Uma belíssima surpresa me deparar com um texto tão cortante e envolvente...vai dar o que falar” (Elizabeth Cardoso, crítica literária e professora do Programa de Pós-Graduação em Crítica Literária (PUC-SP)

Professora da Rede Pública de São Paulo, Flavia Ferrari, lança livro de poemas

@ TOMA AÍ UM POEMA



MEIO-FIO: POEMAS DE PASSAGEM

FLAVIA FERRARI

LIVRO DE POEMAS
LANÇAMENTO

Poeta e professora da rede pública de São Paulo, Flavia Ferrari, lançou na última semana o seu primeiro livro de poemas, intitulado “Meio-Fio: Poemas de Passagem”. A obra foi editada pelo Toma Aí Um Poema, o maior podcast de leitura de poemas lusófonos.

Flavia Ferrari começou a escrever poesia no início da pandemia, compartilhando nas redes sociais e contribuindo com revistas literárias digitais. Desde o princípio, os seus poemas foram bem recebidos pelos leitores e pelos periódicos digitais. Para Isabel Furini, poeta premiada no Brasil, na Espanha e em Portugal, a qual assina o prefácio do livro “Não é comum ler o primeiro livro de um poeta e perceber a maturidade de escrita que podemos observar nos trabalhos de Flavia Ferrari. É difícil encontrar essa qualidade estética.”

Meio-Fio: Poemas de Passagem é um livro de uma mulher que nasceu preparada para guerra: carrega a força do berro feminino silenciado que se rompe, sem explodir em violência, e sim em uma sensibilidade clariciana, a qual

não nega a condição áspera da vida, se esfolia e faz da ferida uma janela para a anatomia da vida e das relações humanas. É um livro raro, de uma sensibilidade acessível e extremamente profunda que não se perde em construções excessivas. Flavia Ferrari explode suavemente a poesia que respira. Sem dúvidas, é uma poeta que terá um crescimento gradual contínuo que nasce com o dom de dissecar a linguagem poética, descobrindo uma glândula pineal coletiva.

Par Jéssica Iancoski, editora-chefe do Toma Aí Um Poema, “A poesia poesia vem para Flavia Ferrari de maneira cotidiana e intuitiva. Percebe-se que há muita facilidade, como se versar fosse um dom natural”.



Ouçã alguns poemas da autora disponíveis no Toma Aí Um Poema:

https://www.youtube.com/watch?v=MzpYg8_-A1A&list=PLv4DeRLeuasv8yR10Qx_k0Kg9iCC8hzxn

ANUNCIAÇÃO

Não é possível olhar o alto
Se o ar ao redor está todo preenchido
O espaço pode ser este lugar sufocante
Nomeado
Mas não reconhecido
Não é fácil perceber o gosto
Se o que nos cabe é um pedaço ressequido
Sem a presença de um todo
Que nos faça acreditar
Não é prudente adormecer no caminho
Precisamos chegar e registrar o nome
Para que haja uma verdade momentânea
Da partida
Do motivo
Da carne viva
Não é comum os sons perderem a validade

Música esta que canta este tempo

Em que à memória parece ruído

Não é errado esconder-se

Da figura insana

Do momento não aguardado

Da convocação que não admite recusa

Mas não é prudente ausentarmo-nos

Todos os nossos sentidos são necessários

Mesmo que não haja espaço

Nem esperança

Nenhum movimento

Mesmo sem a tua companhia

Com a qual era fácil conseguir encontrar

FRESTAS

Há frestas por onde o sangue aflora

e o excesso escorre

e que cicatrizam

Há frestas que revelam

fragilidade

e uma ruptura iminente

Há frestas que acusam

um passado negligente

futuro incerto

Há frestas que orientam

que contam histórias

e aguentam

Há frestas que não cicatrizam

endurecidas

por onde só passa o ar

imperceptível

Há frestas invisíveis

que só se mostram na claridade

e somem quando chegam as sombras

Há frestas por onde brotam

elementos vivos

quando já não mais acreditamos

e resistem

CAMINHO

Estou entre

A imobilidade e a excelência

A obstinação e o abandono

A dança e o adormecer

A consciência e o delírio

Falta pouco

Falta muito

Falta direção

Falta companhia

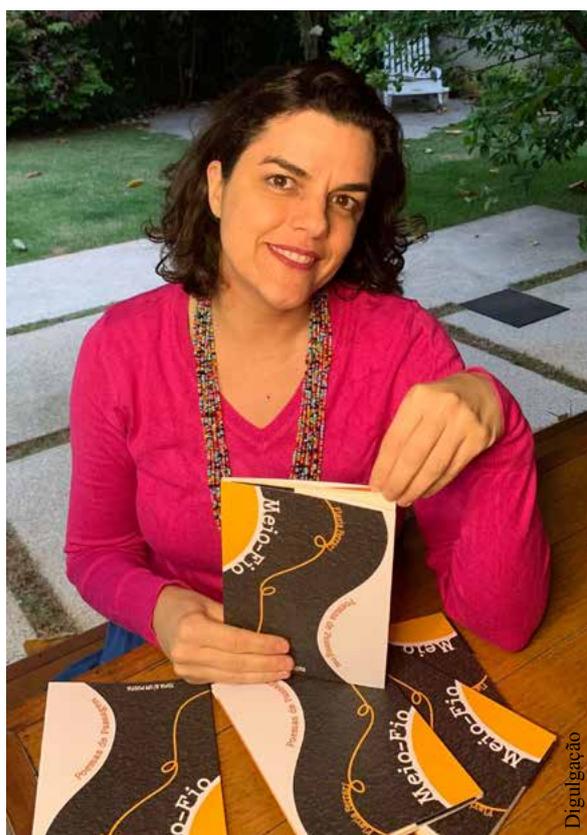
Estamos (todos)

Entre a vida e a morte

Em que parte do caminho?

Há tempos ando em círculos

Melhor recomeçar



Flavia Ferrari (Santana de Parnaíba/SP) é mãe professora, escritora e poeta. Escreve contos infantis desde 2014. Estreou na poesia em 2020, no início da pandemia. Teve poemas publicados pela Escrita Caféina, pela Revista Pixé e pela Toma Aí Um Poema. É autora do livro “Meio-Fio: Poemas de Passagem”. Mantém um relacionamento amoroso sério com a poesia.

@fmferrari

O Livro pode ser adquirido diretamente com a autora, através do facebook ou instagram.

Facebook

<https://www.facebook.com/profile.php?id=1406210856>

Instagram

<https://www.instagram.com/fmferrari/>

Conheça o Toma Aí Um Poema

<https://tomaaiumpoema.com.br/>

Janelas da Alma

Machado de Assis, em suas obras, descreveu os olhares de suas personagens femininas. Ele também fez uma análise do ser humano destacando seus defeitos e qualidades.

No livro Dom Casmurro (publicado pela primeira vez em 1899), Machado de Assis assim se refere a personagem Capitu: "cabelos grossos, feitos em duas tranças, com as pontas atadas uma a outra" (...) "olhos claros e grandes (...) os olhos pareciam olhos de resseca". "Traziam não sei que fluido misterioso e energético, uma força que arrastava para dentro, com a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca." O personagem Bento se sentia tragado talvez pelos olhos de ressaca de Capitu.

Leonardo da Vinci (1452-1519), pintor e um dos maiores gênios de seu tempo disse: "os olhos são janelas da alma e o espelho do mundo."

É no olhar, então, que se revelam as vontades, paixões, ódio, etc.

Tem olhos que levam a calma; outros, um mar revolto, agitado pelas ondas altas. O poeta Manuel Bandeira assim definiu em versos os olhos da cantora Maysa: "dois oceanos não pacíficos".

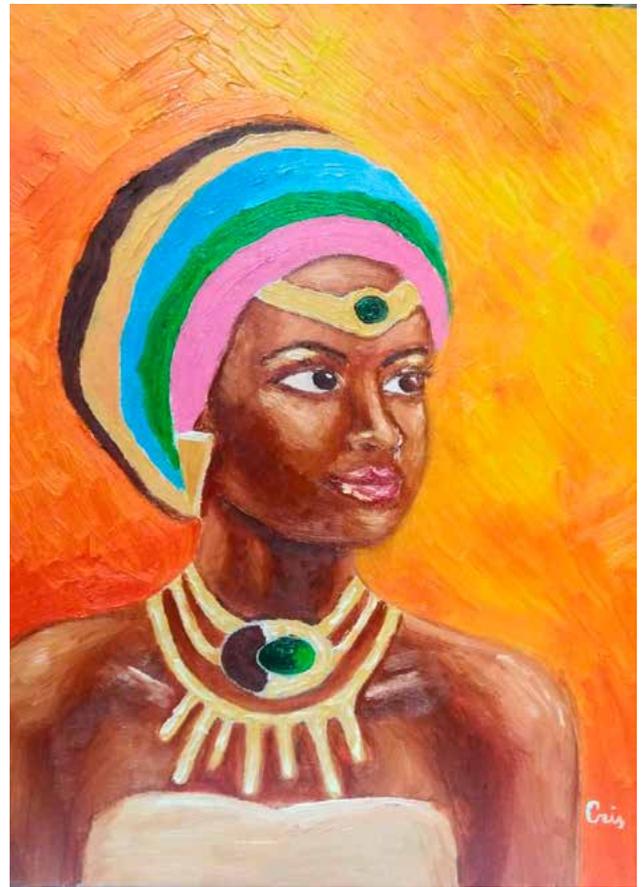
Ainda há olhos muito fundos, verdadeiras covas, que revelam a desesperança, a fome e a doença. O olhar de uma pessoa expressa muito do que vai na alma.

Conheço pessoas que parecem sorrir com os olhos, ou quem sabe pedir com eles.

É também nos olhos que se traz toda a ternura, a compaixão. E há quem diga que um olhar diz mais que palavras. O olhar sério de um pai coloca limite, educa o filho.

No cinema, renomados artistas conquistaram o público com seus olhos expressivos.

A atriz Bette Davis (1908-1989) brilhava em meio a tantas outras atrizes de sua época com seus grandes olhos amendoados e sua interpretação de personagens fortes.



Charles Chaplin (1889-1977) diretor, ator e compositor, no cinema mudo, conseguiu emocionar grandes platéias com seu olhar e personagens verdadeiramente inesquecíveis.

O escritor português Eça de Queiroz (1845-1900) também revela "o não querer olhar", no contexto de sua obra literária remete a cegueira da sociedade onde os indivíduos por vezes não querem olhar para os seus próprios defeitos, mas são rápidos a apontar os erros alheios.

A Bíblia diz que os olhos são a candeia do corpo, e que se nossos olhos forem bons, todo o nosso corpo terá luz.

Cristiane Ventre Porcini
São Paulo - SP

A fome dói

A fome dói, em mim e no outro. Quando percebo a fome se alastrando em mim, defronto-me com a minha fragilidade enquanto ser humano; quando percebo a fome corroendo o outro, amplia-se a minha potencialidade de ser humano.

A percepção da fome no Outro é dolorosa. O relevo dos ossos no corpo desnutrido só resplandece no quadro de Portinari; fora do âmbito catártico da recriação artística, não há beleza no semblante descarnado. A fome não é uma gravura; a iminência da morte não é bela. A fome devora; expande o minuto lancinante em hora. A fome consome; corrompe; impele à transgressão. A fome ignora o moralismo, atropela a moral; ela é imoral, mortal, portal do infortúnio. A fome não espera, não perdoo, não protela. Para a fome, não há consolo; não há trégua; não há esconderijo. A fome humilha, comprime, tritura. A fome tem pressa, abrevia a vida, descortina a tragédia. A fome é a mais nítida violência; é a mais cruel carência.

A empatia dói, mas é a única forma de sublimarmos a humanidade que há em nós. A fome no Outro me constrange, seca minha garganta, causa-me angústia. É essa angústia, entretanto, que me impulsiona à reinvenção do humano, ao esperar de Paulo Freire, à espera-ação na qual as utopias são realidades emergindo da mais perfeita alquimia criada pelos homens: PalavrAção.

Embora seja pungente, a alteridade é fundamental. E torna-se ainda mais essencial em tempos de pandemia, quando o voo do carcará na paisagem urbana une a aridez do sertão à miséria da cidade. Os braços pandêmicos da Peste se estendem e abraçam os desvalidos. Sob o céu pandêmico, o abastado empobrece e o pobre torna-se miserável. A pandemia é irmã siamesa da miséria; a miséria é mãe legítima da fome. No ventre da noite covidiária, proliferam os famintos.

São muitos os lutos que compõem a noite pandêmica. Numa pandemia, não se morre só do vírus. Morre-se de pânico, de tristeza, de saudade. Morre-se de desemprego, de desabrigo, de desespero. E morre-se de FOME. Morre-se quando morre a empatia; morre-se quando a fome no Outro é uma imagem comum. Morre-se de desnutrição, de desamparo, de desempatia. Morre-se quando a dor do Outro é invisível.

No entanto, se a fome é uma desgraça tecida por mãos humanas (como demonstra o iluminado Josué de Castro nas suas cartografias da fome), essas mesmas mãos podem despir-se de seu aspecto atroz e exalar solidariedade. O reflexo da lua cheia no prato vazio não é poético, mas pode nos conduzir a uma poética da ação, nítida na sapiência de Herbert de Souza e na ciência de Milton Santos. Uma Vida culminante emanou dos atos políticos de Betinho; um sol irresignável irrompeu das reflexões fundamentais do Professor Milton. Além das ações do sociólogo-ativista e do mestre-geógrafo, um fato ocorrido na minha infância me explicitou que os gestos solidários são o motor benigno da máquina do mundo.

Certa vez, um homem maltrapilho percorreu a rua onde eu morava, pedindo um prato de comida. As pessoas que moravam perto da minha residência, atemorizadas pela aparência do homem esfarrapado e carrancudo, fechavam as portas de suas casas quando ele passava. No momento em que ele se aproximou da minha casa e disse o que queria, minha mãe correu até a cozinha e preencheu um prato com arroz, feijão e um bife. Quando percebi o seu gesto, perguntei: “Mamãe, a senhora vai dar atenção pra esse mendigo?”. Ela me respondeu: “Meu filho, esse homem também é um filho de Deus. Um prato de comida é o mínimo que ele merece”. A resposta de minha mãe ressoou. O seu gesto continha um fulgor maior que o da poesia que habitava os livros de poemas. Minha mãe revelara a Poesia dos atos; desvelara a Poesia que transcende a palavra. Ela evidenciou o Deus que se constrói no coração humano. Em quais rostos pousarão os primeiros raios da manhã que sucederá à noite covidiária? Nos rostos daqueles que assimilaram a dor da fome no Outro e que, por isso, alcançaram a verdadeira Humanidade. Quem são os que sobreviverão incólumes à pandemia? Os solidários.

A Fome Tem Endereço

Engana-se quem pensa que a fome nasce na boca, nos estômagos ou na mente, alguns intuem, quase certos, que a mesma nasce nas calçadas de terra, nos casebres, descendo vielas, favelas, até mesmo nas encostas de morros, mas ela nasce mesmo é nos dedos

Nos subúrbios dos vácuos estomacais, constringem-se as dores da miséria, cravadas em quem leva a vida repetindo diariamente aos filhos em meio ao afago das mãos um lastimável e doloroso: — dorme que passa! — ao urgir da fome, sendo palavras suficientes apenas para encher os ouvidos mas jamais abrandar a dor do jejum imposto

Os campos abarrotados gritam, dizendo não serem culpados e que seus solos são ricos e generosos, pois não lhes contaram o trajeto percorrido por cada um de seus alimentos que chega majoritariamente apenas a quem já possui o estômago com tecidos irrompendo, e as sobras de ossos, jogadas ao lixo, com um fiapo de pele, gordura grudada, sem um resquício de carne, tornam-se comida, quase tão mais viva, que os corpos que as recolhem

Nas mãos portando canetas, a fome passa pelas unhas, circunda as páginas inertes, e mesmo assim rasura vidas deixadas à própria sorte por quem tem na ponta dos dedos as arestas para construir o mundo, mas empanzinado de si mesmo, arquiteta milimetricamente castelos ególatras e distantes pontes intransponíveis mesmo tendo o poder de mudar o mundo, destina a fome a algum endereço

Desvelando assim, o segredo de que a miséria é a maior fonte de enriquecimento e a fome é negócio, hegemonia, eugenia, preguiça, descaso, sadismo, descompasso social cientificamente pensado por quem prospera no caos

Enquanto eu sigo tecendo poesias, para almas alimentar, nos mais altos escalões soberbos há inúmeros empanturrados sem nunca atingir a saciedade moral de entender que em muitas casas, o prato vazio é o principal.

Lua Pinkhasovna

O Aroma da Flor do Lácio



O Aroma da Flor do Lácio

Alguns amam as rosas e gostariam que em cada esquina da cidade houvesse um caminho florido a exalar às narinas de toda gente que passasse, para que assim, o maior número possível de pessoas pudesse conhecer o aroma, apreciar a beleza e ter a aspereza da vida amenizada com a delicadeza das flores. Outros, dizem gostar tanto delas, ao ponto de trancafiá-las em seu quintal só para si, pois sabem que muito além de pétalas, brotos e raízes, as mesmas destilam segredos sobre a água que dentro delas penetra, o ar que as trespassa, a terra que as sustentam e o ambiente que as nutrem.

Mas nem todas as ruas são floridas e nem todas as pessoas conhecem o cheiro das flores, e nesse limbo conhecer-desconhecer, há quem julgue que, de fato, apenas poucos deveriam sentir o cheiro delas porque só assim seriam consideradas valiosas aos que as possuem. Numa sociedade díspar, comumente as flores só nascem onde a plantam, porém, acidentalmente também podem brotar em um quintal, uma casa, um carro, num bairro nobre, numa favela ao som de tiros, na garganta, onde rasga a mudez mais que a voz que a embarga ou nas linhas tal como a Flor do Lácio.

Essas, curiosamente, guardam em si os séculos aos minutos, abrem em brotos os segredos, nascem em grupos historicamente escolhidos e escorrem das bocas até chegar às televisões, aos jornais, às leis e aos ouvidos tornando carentes de existência aqueles que nunca tocaram suas sementes. Suas ramificações mais cultas concentram-se nos brotos dos alimentos, onde o léxico é como o sabor da comida, que sem saber a escrita, não chega ao idioma das papilas, tornando alguns até mesmo, leigo do estômago, analfabeto de direitos e esfomeado de vida e saúde, palavrear tão culto, segue linhas rígidas nos cadernos, mantendo-se sempre horizontalmente sem subidas ou descidas de morros e favelas das letras, não chegando, principalmente ao mais moribundo dos leitores e educação, apogeu do idioma, tão distante do próprio povo, que gagueja nas palavras enquanto canta o confuso hino com a mão no peito, dando seu filho à luta, desconhecendo o básico do idioma.

Aqueles tão verborrágicos, escrevem suas vidas sem laivos enquanto cospem o acerbo dos egos dos lábios, entoando que de fato, nem todos devem cultivar a Flor do Lácio, pois em condições limítrofes de vida, a eles não seria necessário e julgam-se benevolentes ao dizer que para esses, já é o bastante o simples cheiro da grama. Ora, broncos letrados, se a todos a delicadeza das flores fosse direito, a voz não fosse entoada para mal-chamar privilégio a voz alheia, e todos os ouvidos fossem potentes para penetrar as letras independentemente da posição correta das palavras, a aridez da terra, a secura da vida e qualquer intempérie a todos poderia ser amenizada. Pois, onde uma planta não nasce, não estão ali, condições humanas para brotar gente onde ela brota, também brotam direitos, condições favoráveis para a existência. Humanidade.

(Lua Pinkhasovna)

Fisionomia Reencontrada

Ontem à tarde, enquanto limpava a derradeira gota do meu chão de carne,
num desses minutos certos que fogem das horas,
percebi a lacuna na parede deixada pelo espaço do relógio
enterrado nos recônditos alçapões da memória de quem já fora um apenado

Escutei o ecoar da campainha anunciando a passagem da vida,
intui, desprezando, ser o vento de outro país me visitando,
algum pássaro errante confundindo os trópicos
ou até mesmo um carteiro passageiro entregando alguma missiva apaixonada de outro
instante,
mas as insistentes batidas na porta me fizeram levantar percebendo estar realmente presa
ao presente

Receosa, internamente exortava-me dizendo ser perigoso,
podia ser um novo amor ou uma nova vida me esperando,
porém, argumentava que tal como os lobos, que à noite ululam para a matilha chamar,
quando atacam, são silenciosos e pisam manso,
então dificilmente estaria sendo ofertada por uma dose de emoção
que me faria despertar

Tirei ar do meu âmago, daqueles mais profundos e colados,
que inflam pausando qualquer fio desencapado do corpo
inundando com a calma de um novo palpitar,
arrastei o solo sob meus pés ainda mais grossos,
abri a porta e por baixo das folhagens cobrindo a entrada,
eis que deparei-me com uma confusa figura defronte à minha sombra

Eu a conhecia, havíamos sido amigas de longa data
e brincamos juntas durante toda a infância,
mas em minha memória, ela possuía cabelos escuros, lisos, olhos amendoados e uma
voz grave e agora restava holográfica, tremeluzente e desgastada
sua pele suja e vestes rasgadas eram tão mais cintilantes quanto sua aparência cinzenta
que mal permitia ver suas cores em meio à mudez de sua boca

Meu peito retorceu-se feito concha,
ouvi meu cerne gritando em milhões de fagulhas ofensivas culpando-me por tal
abandono, algumas lágrimas desertaram de meus olhos como nem nas piores tristezas
sentira, eu não lembrava o nome da rua, mas aquela noite crucial em minha vida havia
ficado na memória
eu sabia de quem se tratava, mas constrangida, pedi que ela novamente dissesse seu
nome

Então, ela disse, em tom melífluo e choroso: felicidade.
era a vida dando-me, mais uma vez,
uma chance de jamais abandoná-la de novo.

(Lua Pinkhasovna)

Resposta Existencial

Abri as portas do tempo num dia nublado que cingiu a luz da autora,
segredei a um querubim ter dedos de Héstia e paixão de Ares na terra enquanto
aguardava o padecer solene do voto de Minerva
pelos erros do passado recôndito

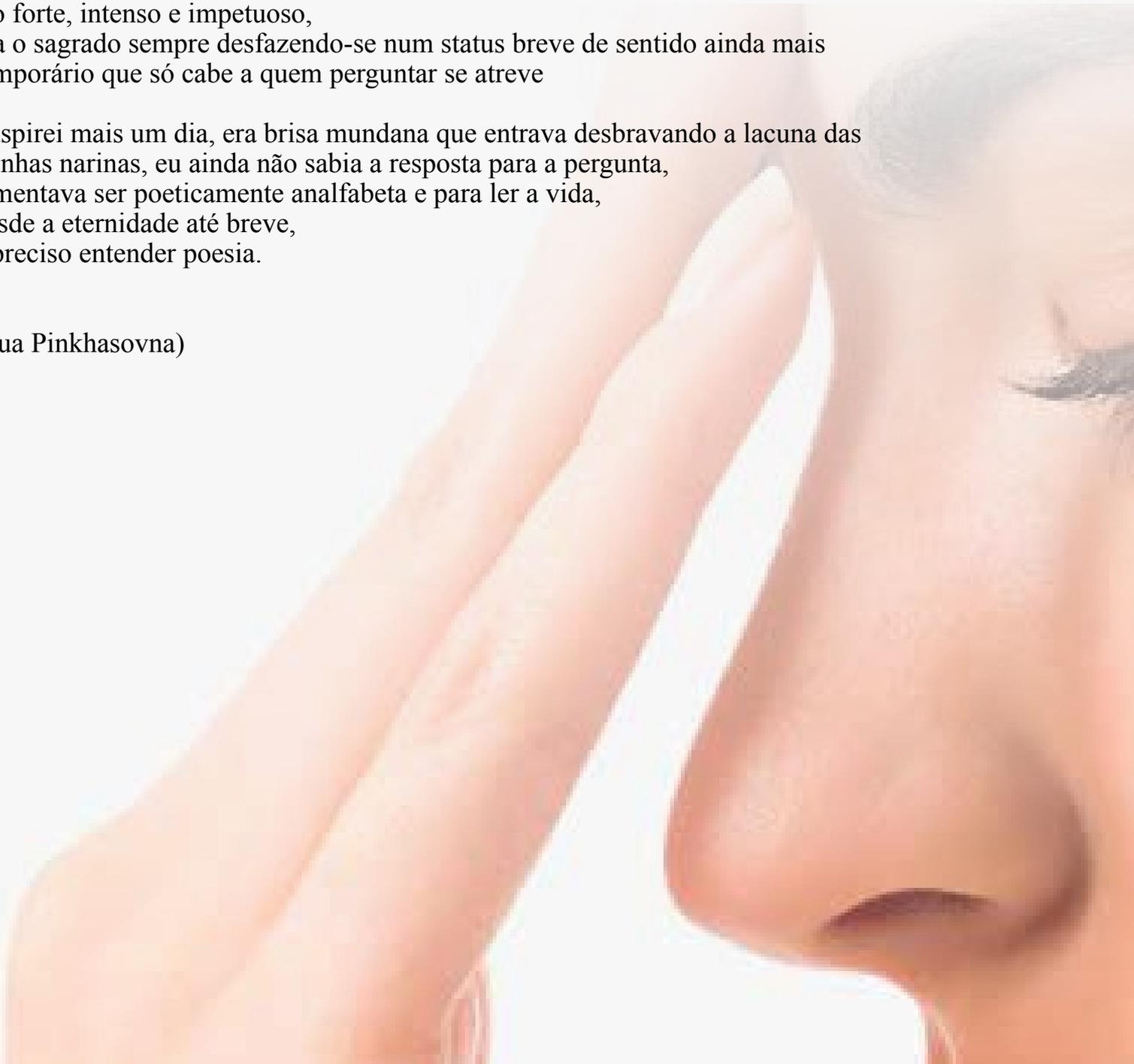
Em meus lábios repousava o sabor da água doce, tal como sente o beija-flor,
folheando as páginas amareladas da pele, encontrei o trecho demarcado de
outrora: “assim como a flor precisa de água, o amor só nasce na vida, onde ali
ele descansa” — e em meu rosto uma lágrima escapou

Lembrei do pulsar dos verões quentes sob a luz solar da tarde,
saboreei aqueles últimos grãos arenosos da minha boca numa epifania
desgarrada:
— qual o sentido da vida fora do meu corpo, será que ainda assim é limitada?

A dureza me tocava, tal como toca o olodum no Pelô,
tão forte, intenso e impetuoso,
era o sagrado sempre desfazendo-se num status breve de sentido ainda mais
temporário que só cabe a quem perguntar se atreve

Suspirei mais um dia, era brisa mundana que entrava desbravando a lacuna das
minhas narinas, eu ainda não sabia a resposta para a pergunta,
lamentava ser poeticamente analfabeta e para ler a vida,
desde a eternidade até breve,
é preciso entender poesia.

(Lua Pinkhasovna)





O baile dos panos

Ted Dantas

O baile dos panos

— Ilustríssimos e mademoiselles! É com muita honra que inauguro a maior celebração de nossa década! E assim se deu o início daquela noite psicodélica, repleta de figurinhas carimbadas e cheias de pompa da comunicação servil, segurando suas tacinhas de champagne fino, degustando caviar e confraternizando ao som de Wagner sobre um tapete de cadáveres lustrados com a mais bela cera de pau-brasil.

Para que tudo se manifestasse no mais profundo e absoluto sigilo, orquestrou-se um elaborado contraste estético. Do lado de fora, o retrato mais cafona que um país terceiro mundista poderia oferecer. Uma paisagem decrepita, cujo epicentro da poluição moral, uma réplica da estátua da liberdade para além do limite do esdrúxulo, ofuscava todo e qualquer bom gosto. Já o interior, munido da fina e idílica decoração germânica da metade do século passado, bordado em cristais e facas longas de primeira estirpe, configurava um luxo digno aos mais exigentes vassallos. O anfitrião, um misto de Zé Carioca com Lex Luthor, sabia despistar a atenção de terceiros; por detrás de aparência pública escancaradamente ridícula, residia bom gosto, trato fino e a elegância de um Brasil paralelo.

Comemorava-se na ocasião o quadriênio de uma premiada governança sob terras tupiniquins. E os convidados, de sobremaneira responsáveis por ascensão de brilhante imagem pública, teriam, e sobretudo mereciam, semelhante prestígio, singulares gala e galardão.

Os convidados não se chegaram todos de uma vez, mas em levadas. A começar pela trupe adúladora mais adorada da nação, não sendo necessário intitulá-la; a bons entendedores, pingo é letra. À frente da Santíssima Trindade, um elegantíssimo Augustus, vestido do terno mais caro que a propaganda pública poderia comprar. Estava olímpicamente acompanhado de uma senhora de porte atlético, a maior cestinha de pós-verdades dos últimos tempos, e Fiasco, um outro rabujo com um bafo sulfúrico ainda mais pesado e descortês que o de Augusto dos Demônios.

Aproveitando o lirismo da passagem, um sabujo de latido agudo, estridente, histérico correu para dentro da portinhola e marcou seu território. Ladrava aos berros e interrompia mil e uma conversas, prometia shows com estripulias matinais, e nalguns momentos deu-se a entender raivoso, mas tão mirradinho e inofensivo era, que mantido foi numa casinha ao canto. A coleirinha, um charme.

Mais outro que chegava: um carpideiro profissional. Esquecera seu convite ainda na saída de casa e deu-se conta apenas à porta, ainda assim tanto choramingou, que entrou. Também era de se elogiar sua qualidade tomesina ao reverso: assim que ouvisse o canto do pássaro-patrocínio, colheria cada indício de erros e acertos, analisaria seus ídolos de barro tão imparcialmente quanto pudesse, seguiria seu coração sem titubear, crer para ver.

E o cordão de puxa-sacos ainda receberia muitos mais. Agora era a vez do par de rapazolas. Uma dupla de bocós de mola com ares de nobreza. O primeiro, com cara de marquês e um forte sotaque cabotino, inspirava-se nos grandes mestres da prestigiada Yale. Encobria seu rosto com um tecido estampado “FELE-SE”, irônico para um baile sem máscaras. Seu parceiro, de olhar ainda mais convicto e gengiva proeminente, tragava uma cigarrilha europeia. Destilando estilo e coragem, bradou seus ultrapoderes civis, como a possibilidade de, a qualquer momento, convocar diligências capazes de emparedar as maiores potestades da nação, talvez o homem mais temível naquele recinto.

Mais adiante, acomodava-se o parente de um eminente cinegrafista de fama internacional. Chegou, com seu sorriso cínico habitual e seus trejeitos dissimulados à sétima potência, como que se quisesse debochar: o Apocalypse é agora. Bom de prognóstico, o rapaz.

No embalo destes, mais um esmoleiro de última — um bilhão para quem adivinhar! — teria se aproveitado da fila e desatenção para adentrar de penetra, porém acabou levantado pelos colarinhos. Pediu, implorou, ajoelhou, sujeitou-se aos subtipos mais indigestos de humilhação. E teve sua passagem negada peremptoriamente. O mendicante então apelou às honras de anos dedicados à sublimação dos predicados dirigentes; em troca, recebeu um pão amanhecido e uma resposta indulgente:

— Aceitamos de bom grado os serviços prestados, por ora está dispensado.

Retribuiu com um vibrante muito obrigado, estalos saltitantes e um sorriso de orelha a orelha. O caro leitor deve ter se espantado com tão implacável objeção à entrada de um capacho lealíssimo depois da passagem de tantos imprestáveis. Mas alto lá! Mesmo uma reunião infame como se compunha requeria algum decoro, não sendo tolerável a presença de alma tão malcheirosa.

O último elemento valioso o suficiente para se comentar era agora o mais tradicionalista. Carregando um imponente estandarte, o descendente de Magno Alexandre, talvez mais magnânimo que o tata, foi capaz de

aniquilar mais de trezentos e cinquenta milhões de cristãos em não menos que uma translação. Compareceu em cima da hora, um tanto encabulado, sendo tomado por um apagão quando indagada a senha para sua entrada. Um piripaque que assustou a todos, afinal, poderiam perder o maior tecelão de verdades cujo governo era capaz de confiar. Para felicidade geral, retomou sua inditosa consciência e prosseguiu para o início da solenidade.

Eis que o mestre de cerimônias iniciava a valsa, tão desvairada quanto valiosa. Enquanto os casais cruzavam-se e se entrelaçavam na coreografia característica, aparecia-lhes ele, o Bezerra d'Ouro, assumindo posição central, numa conjunção que lembrava uma flor-de-lis. Nos acordes finais, desaguavam sobre a multidão duas chuvas douradas, ora fluida, ora metálica. Dizia o professor, e sancionava o Micto: — Isto é para que se lembrem do porquê de estarem aqui. Não é o que ele pode fazer por vocês, mas o que vocês devem fazer por ele. O retorno virá como uma lei da natureza.

Finda a melodia, os nobres vassalos agacharam-se, e de quatro recolheram os centavos esparsos pelos cantos do salão. Vasculhavam com suas pequenas lanternas, lambiam solas de sapatos para que brilhassem com mais intensidade e assim refletissem iluminação mais vivaz. Prosseguiram até a higiene absoluta do carpete. Não obstante, ao longo da operação, seus traseiros seguiram à mostra, especialmente vulneráveis a ataques-surpresa, ossos do ofício.

O próximo passo do ritual, uma espécie de encenação da República de Salò, acabou interrompido por uma série de grunhidos, cada vez mais próximos e potentes, que ecoavam do exterior. Num rompante constatou-se com pavor: o casarão encontrava-se cercado por legiões de monstros de toda sorte. Zumbis, vampiros, bruxas, mulas sem cabeça, entre tantos. Faz-se necessário apontar: não eram qualquer tipo de mortos-vivos; estes em particular não apresentavam chagas, ferimentos pútridos, mutilações ou cicatrizes. Porém, o ritmo do andar, a forma como babavam compulsivamente, o olhar odiento, a cara perfazendo o terror paranoico eram quase que provas indubitáveis. Clamavam a plenos pulmões “Cérebro!”, logo o vocativo que lhes faltava, e começaram a escalar as grades dos portões.

Durante a sinistra invasão, a razão de tal evento fantástico teria ficado clara. Algum boquirroto inconfesso havia espalhado mundo afora pequenas pistas sobre o baile, que com o tempo ganhou a versão de uma comemoração do Dia das Bruxas — uma festa danada que o povaréu fazia questão de participar.

Tal qual um sortilégio, os penetras decidiram encarnar o papel com vocação hollywoodiana, mesclavam cólera confusa e irrefreável à priápica admiração latejante. Desejavam, clamavam por serem, seus ídolos, seus em carne e espírito. Anfitrião e convidados, por sua parte, apressaram-se em uma rota de fuga.

O portão enfim foi derrubado e a multidão tumultuou-se na entrada. Colidiram-se uns com os outros como moléculas ferventes, sem contar aqueles que foram pisoteados. A esta altura os convidados já estavam adiantados em sua debandada, porém foram surpreendidos com uma madame de meia-idade que apareceu sabe-se lá de onde, intercalando vitupérios ferozes com elogios inflamados, garras às vistas. Conseguiram alvejá-la com uma pedrada. Fora do caminho, portanto.

Aceleraram o andar, e assim que terminaram de percorrer a pista, entraram em novo saguão. Mais outros senhores, óculos de sol, cabelos grisalhos e nenhuma sapiência. Mais agressivos e perigosos, exigiram um tanto mais. Al Gusto, tido pelos olhares ofensivos de seus comparsas como um incomparável covarde, resolveu demonstrar serviço; distribuiu sopapos, não muito úteis, dada sua mira capenga.

Inspirado pela atitude, Allan Quatermain aplicou aos marruás fortes golpes de artes marciais, uma bofetada ao pé do ouvido de um que se aproximara, outro pontapé no que lhe dava cobertura, bruto e gracioso. Pronto. Bastava subir as escadas.

Antes que pudessem abrir o portão que dava acesso ao telhado, apareceu-lhes uma bela e perigosa dama de cabelos louros e cruz de ferro pendurada ao pescoço. Sentindo-se depreciada, sacou e disparou numerosas rajadas de fogos de artifício contra a horda de fujões, que resistiu entre talhos e esquivas.

O espetáculo cintilante teve seu custo. O incêndio espalhou-se pela mansão, de modo a condenar todos a infame e incinerado destino. Os de baixo asfixiaram-se, enquanto que os de cima seriam tragados a qualquer minuto pelo colapso da edificação.

Quando já davam por certo seu fim, uma nobre surpresa: revelou-se, o capitão, também um santo portador da luz. Acendeu seu sinalizador, e em breve lhes atendeu o resgate, um helicóptero enviado pelo Planalto Central, que os recolheu por um imenso cabide, zelando-os em acolchoada cabine, muito a salvo da gentalha sem modos. Quanto mais se afastavam, com mais alívio assistiam à transmutação da mansão em cemitério. Despediam-se da necrópole e já ensaiavam, efusivos, novos negócios, brindes futuros.

Podem ter se safado agora, mas a estória não os absolverá!

PISTAS

O justo no seu tempo provável

Declara aos ventos

Sem tempo... sem desprendimento

Descompromissado com deduções de provocações!

Na pista é rixa

É lixa

É descuido...

São “falas” envelopadas!

Na proeza do sobreviver

Os minutos são históricos

Sobre perdas e ganhos...

Pinceladas na redenção das canetas.

Precisa e não encontra

Está ao lado e não enxerga

Avarezas do nariz ao seu universo

Onde as estrelas são encomendadas às mentes que se acham brilhantes!

É tinta

Retinta...

Um ponto...

São contos reais!

Karine Dias Oliveira

Nova Friburgo/ Rio de Janeiro

QUANTO TEMPO O TEMPO TEM

“O Tempo perguntou ao tempo quanto tempo o tempo tem, o Tempo respondeu ao tempo que o tempo tem o tempo que o tempo tem.” (Dito popular)

Estamos sempre correndo atrás de tempo. Parece que sempre faltou um pouco de tempo para concluir aquilo que ficou para amanhã. Talvez aquele precioso tempo que ficou para trás seja exatamente o tempo que faltou. Sim! É tudo questão de tempo. Não adianta tirar a pilha do relógio ou virar a ampulheta, o tempo acabará da mesma forma.

Penso que cavar buracos e entrar como se fosse uma trincheira em tempos de guerra é apenas um esconderijo para quem tem tempo a perder. Quem não é visto não é lembrado. Acredito que não perder o precioso tempo escondido e prestar atenção no cavalo que passa encilhado na frente dos olhos é o mais coerente. Reclamar que a cela está sem estribo é admissível, porém, deixar de tentar subir num salto só é covardia. Se ao invés de um cavalo galopando, seja um trem confortável, também não é necessário sentar na janela, não na primeira viagem. Tem que estar dentro, com os demais. Para começar, isto basta.

Falando em tempo perdido...

Dormir até mais tarde, às vezes é gratificante, merecido e necessário, no entanto, diariamente é sinal de que algo está errado. A questão é que o tempo passa tão depressa que a aprendizagem quanto os deveres e responsabilidades não conseguem acompanhar.

Quanto tempo perdemos?

A resposta é individual. Óbvio.

Para alguns, o caminho pode ser retilíneo e sem percalços, para outros, são tantas curvas e obstáculos que parece às vezes provas de resistência.

Pensando nisso, O corpo e a mente concordam com o tempo?

O tempo é percebido, na maioria das vezes, quando se sente falta do tempo que se perdeu e apenas a experiência em ser perdedor de tempo pode mostrar.

Saudade do tempo sem responsabilidades?

Aquele tempo ficará na lembrança, ótimas lembranças.

Quanto tempo ainda resta... ou falta? Quanto tempo ainda temos para errar, esperar... Perder?

O cavalo pode parar e inclinar para facilitar a subida, o trem pode estar parado, praticamente vazio com vários assentos livres, mas é para quem não perdeu tempo.

Se não sabe, pergunte. Sempre haverá alguém disposto a ensinar a pescar. Pode ser que ele salte em seus pés ou que alguém entregue já assado, contudo, o tempo de aprendizado é para o resto do tempo que se tem.

Como o tempo é tratado?

A perda de tempo não deve gerar arrependimentos e sim consciência de que o tempo do tempo sempre será o mesmo para ele mesmo e diferente para cada ser que o vive.

Penso que cavamos buracos e entramos e essa trincheira não nos protege, apenas no esconde. No entanto, quem não é visto não é lembrado

Crônica — Por Cristian Canto

Biografia

RIGA, pseudônimo de João Luiz Cougo, nasceu em Rio Grande/RS em 1967. E em Rio Grande, na FURG, começou o curso de Bacharel em Direito, que na Universidade de Passo Fundo concluiu. É também Bacharel em Teologia pela Faculdade de Entre Rios, no Piauí. Empregado público, desde 2002, na EBCT. É casado e tem um filho. Leitor contumaz de filosofia. Interessado em política e economia. Acompanha a vida do país sempre com atenção e, por vezes, sofrimento. É defensor dos direitos humanos, dos animais e do meio-ambiente.

AMO –TE

Amo-te
tão e quase que somente,
pelas razões que tenho em mente,
do que pelos motivos bons
e envolventes que trago em meu coração.

Amo-te
dum jeito próprio e quase sem perigo.
Amo-te como amigo e como amante.

Amo-te
e não há nisso nenhuma promessa de eternidade.

Amo-te
por questão de afinidade.
Sem te questionar sobre idade, sem te exigir maturidade.

Amo-te
e isso basta. Se não me amas, não importa.

Só peço,
abra-me a tua porta.
E, deixe-me sucumbir em teu leito,

e junto ao teu peito,
conhecer da única face doce da morte.

RENOVAÇÃO

A cada, igual diferente,
que encontramos,
chamamos: ser humano.

E a cada,
dia diferente, que nos
sobrevém, perguntamos: em que mudei?

E se nada mudou:
por que estou assim, tão igual?

A vida é sim,
um tédio, quando nos repetimos
a mesma ideia eternamente.

Reforçando, infinitamente, a nossa convicção.

E, se a vida desabrocha, assim,
de repente,
pergunto: o que houve?

Algo viveu em mim?

Biografia

RIGA, pseudônimo de João Luiz Cougo, nasceu em Rio Grande/RS em 1967. E em Rio Grande, na FURG, começou o curso de Bacharel em Direito, que na Universidade de Passo Fundo concluiu. É também Bacharel em Teologia pela Faculdade de Entre Rios, no Piauí.

Empregado público, desde 2002, na EBCT. É casado e tem um filho. Leitor contumaz de filosofia. Interessado em política e economia. Acompanha a vida do país sempre com atenção e, por vezes, sofrimento. É defensor dos direitos humanos, dos animais e do meio-ambiente.

Diz o cara que o Cara disse pra ele

Diz o cara,
que lá pelas tantas,
Jesus deu por aparecer direto pra ele.

Alucinação ou não,
transtorno foi do começo ao fim.

E diz que o cara era religiosos,
diz-se Cristão com C maiúsculo.

E por isso bem na frente de todo povo,
alçando cargos na igreja
assim como propriedades exuberantes,
foi capaz até de aformar que Cristo lhe dava essa riqueza.

E cristo lhe apareceu beeeeeem descontente!
Acho que Ele se cansou de esperar,
assistindo esse cara julgar a todos, menos ele próprio,
desejando ver o Cristo, passava invisibilizando
pelas ruas todos os irmãos e irmãs a passarem fome e
exibirem a semelhança do Criador.

Não! Disse o Divino.

Disse que estava errado. Errado e demais!

Perguntou Ele se não recordava
das instruções todas que estavam ali
sendo impressas milhares de vezes,
milhares de bíblias,
sejam protestantes ou católicos, tanto faz,
eles imprimem e, na cara de pau, leem
e, na cara de pau, “esquecem” que tem o espiritual e o material.

“Aí vem gente dizendo que eu instruí o povo
a ficar rico de bens materiais”, disse o Cristo...
eu acho que disse...

Aí o cara ricaço pediu mais explicações.

Então o cara ricaço recebeu a explicação
que todo mundo, que se diz em Cristo,
assim deveria já ter escutado e executado...
andar em serviço para andar com fé.

Mas então o cara achou por melhor o inferno
do que dar a Jesus o seu presente merecido,
pelo menos neste natal...

Não tenho muita certeza

Não tenho quase certeza

Mas...

A consequência

Com certeza, virá

Inocência

Talvez

Não sei se fui

Não sei se sou

Tenho planos

E talvez meu olhar seja olhar sempre, o meu espelho

Não tenho

Talvez não queira ser o esperto da vez

Talvez, hoje, queira só ser o telespectador enquanto rola a peça

Quero assistir

Mas, não quero pagar pelo ingresso

Mas, quero a melhor poltrona

Quero plantar ervas tóxicas

Colher...

O que quero mesmo colher?

Crescer em volta de fezes e querer sentir o cheiro da relva

Frustrações!!

Erro hoje

Erro amanhã

Erro, hoje e depois, depois de amanhã

Se acerto...

Não quero saber

E assim vou seguindo pelas trilhas das consequências não combinadas.

Poesias: Wilson Lirio

Nome O que esperar?

15-10-2021

08-36 hrs

Acordo
Logo penso
Penso já são horas
Que hora são?
Oração
Penso, o que peço?

O peso
São kilos
É a sensação, é a ação, procuro então, informação, é o peso do saber então

Discussão, pergunto, não escuto e logo, resposta pronta
Pronta
Essa é, a minha resposta, minha opinião.

Caio em contradição
Volto a pergunta então e, dessa vez, penso do outro lado das torres
É outra opinião

De longe vejo
São luzes
De lampião, lanterna, velas acesas?
Não importa!
São luzes acesas
No casebre de madeira!
Escuto uma reza
A voz pede sabedoria
Pede sabedoria
A voz no casebre pede por sabedoria

Sento no canto da casa e me Pergunto...
Logo penso na resposta que darei para mim mesmo
Não encontro resposta alguma
Logo me frusto.

É...

Respostas que não tenho.

Poesias Wilson lirio
Nome: filosofando
17/11/2021
07:06

ANTOLOGIA POLICIAL DA WEBTV

**CONTOS
CONTEMPORÂNEOS
DA VIOLÊNCIA
URBANA**

2x03 | 20.11.2020

LAPSO

Maria Cristina Santos Lima



Sinopse: Um policial do interior do Brasil está passando por uma fase muito difícil na sua vida, inclusive no trabalho, em uma delegacia de homicídios, e vai tentar, da melhor maneira possível para ele, colocar tudo em ordem, resolvendo as coisas uma a uma. A narrativa está na primeira pessoa, no caso, o investigador da polícia.

Lapso

Eu e Flávia estávamos casados há cinco anos e ela era a única pessoa que eu tinha na vida, única, para falar a bem da verdade. Ela nunca quis ter filhos e isso me entristecia, mas fazia parte do seu temperamento, sempre solta, livre e impulsiva. Sem maiores apegos. Um dia, nesses momentos de conversas tipo profundas, ela me contou que um médico da capital a diagnosticou como maníaco-depressiva, mas ela não admitia isto e creditava a ele a alcunha de charlatão. Não preciso dizer que isso me afligia muito. Meus pais já haviam morrido há doze anos, infelizmente, em um acidente de automóvel e meu tio, o único que sobrou da parentela, morava em um sítio no Rio Grande do Sul, isolado, longe e fronteiro, fazendo divisa com o Uruguai, próximo à Santa Vitória do Palmar, bem extremo sul do país. Eu mantinha com ele só contatos indispensáveis, pois brigamos de verdade quando da morte dos meus pais, e, por razões íntimas, que não vou falar aqui porque não quero, vejo ele como único culpado. Como se não bastasse, ele se mantinha estabelecido, enraizado, sem nem sequer pensar em discutir, em uma terra que a metade me pertencia por direito. Meu casamento ia de mal a pior por vários motivos, entre eles, o baixo salário que eu ganhava na delegacia de homicídios de Pinhalinho, região metropolitana da capital, como investigador policial, sem ter nenhuma perspectiva de melhora e as desconfianças, sempre insistentes, que não conseguia abandonar, a cerca do comportamento da minha mulher. Eu andava desgostoso ultimamente, muito. Flávia não era mais a mesma, a casa sempre em desordem, uma

baderna, um espaço onde não se encontrava nada em seus lugares e sem contar a conversa chata e insistente que filhos não teriam lugar no momento na nossa vida, que não tínhamos estrutura para isso, eternamente obstinada em saídas noturnas, baladas, lugares que eu não me sentia bem, sem se importar com gastos, limite do cartão de crédito e por aí vai. Eu me ressentia, cogitando no íntimo, que ela poderia trabalhar também, fazer alguma coisa, qualquer coisa que ajudasse nas despesas da casa. Mas não tinha coragem de falar, sabia que ela me desprezaria até o último fio de cabelo e ficava por isso mesmo.

Na sexta-feira pela manhã quando cheguei na Homicídios o delegado mandou me chamar e logo vi que não podia ser coisa boa. Ele tinha um ar pouco confiável, quase debochado, além de ser uma pessoa que, por mais que eu me esforçasse, não gostava. Nunca nos entendemos bem e sempre engoli todos os sapos que ele mandava tipo via Sedex. Naquela manhã em especial estava com uma cara pretensiosa que eu já conhecia, sentado na cadeira diretor ergonômica, que bem podia ser minha, com um ar de sou melhor que você e ponto, como sempre. Usava uma jaqueta de couro marrom com ares de cara, um sorriso falso. Veio com aquela conversa que eu não estava indo bem, talvez cansado, improdutivo, meu trabalho deixava a desejar e era melhor eu tirar férias, trinta dias. Fiquei chateado porque queria vinte e dez em dinheiro. Nem ousei pedir. Ele iria providenciar tudo para a tarde e conversaríamos novamente quando eu voltasse da licença. Era bom já emendar o fim de semana com as férias e blá blá blá. Disse ok, sim senhor, peguei minhas coisas e me retirei o mais rápido possível.

Quando avancei para a calçada fui até o telefone público e liguei para casa, precisava desabafar com alguém. Flávia atendeu e quase pôs fim no meu mundo já conturbado e insignificante. Ela queria um tempo, estava com as malas prontas e iria para a casa dos pais em São Paulo. Não sabia quando voltava, precisava de espaço, queria pensar melhor em tudo. Fingindo descaso contei que tinha recebido férias, iria então aproveitar para ir, no sábado cedo, para o sul, visitar meu tio para resolvermos nossas questões. Talvez uma viagem para mim também ajudasse. Ela não demonstrou nenhum sentimento que oferecesse um alento, nenhuma saudade, nada. Me despedi de Flávia pressentindo o óbvio, ela não voltaria, estava me abandonando. Só, me sentindo completamente desabrigado, fui para o centro resolver pendências porque até as dezessete horas tinha que voltar para assinar as férias e pegar o valor disponibilizado pelo município. No caminho encontrei um amigo que há muito não via e depois do bate-papo cordial combinamos de jantar junto no Rosa Mística, um lugar que eu gostava bastante.

No final da tarde fui para casa, tomei um banho demorado, troquei a roupa que foi escolhida a dedo, passei o perfume que tinha comprado no centro e arrumei a mala, colocando só o que estava limpo e não era muita coisa. Flávia odiava lavar roupa, principalmente a minha. Contei o dinheiro das férias e dividi o valor entre a carteira e o bolso interno da jaqueta. Por via das dúvidas, coloquei o coldre de tornozelo e encaixei a Taurus. Costume. Nunca se sabe. Chamei um táxi, pois pretendia sair do restaurante direto para a rodoviária. Fechei as janelas e dei uma última olhada na casa. Quando descí, da porta do elevador já vi um alarido de pessoas na calçada do prédio, mas como estava com pressa, entrei no táxi sem olhar para trás. Essa gente adorava uma novidade. Encarei o taxista e pedi para tocar até o Rosa Mística.

O jantar foi muito bom e eu estava tranquilo como há muito não me sentia, bem-disposto, querendo viver. Eraldo era uma pessoa de conversa fácil, sem meandros obscuros, tudo era despreocupação e cerveja gelada. Demos algumas risadas nos lembrando do passado, da época do supletivo, das garotas, se viu alguma ultimamente, como está, aquela coisa. Quando deu nove horas avisei ao meu amigo que pretendia pegar um ônibus para o Rio Grande do Sul, às dez horas, e precisava ir. Pedi um táxi no balcão, paguei minha parte da conta e nos despedimos.

Já na rodoviária me dirigi ao guichê da agência de viagem e pedi uma passagem para Porto Alegre o que o atendente prontamente me informou que estavam esgotados os lugares nos coletivos para aquela noite. Fiquei chateado e raciocinando porque não previ isto antes. De repente, um rapaz com aspecto gentil, se desculpou e me informou que queria vender a passagem dele para o horário das vinte e três horas. Aceitei prontamente e considerando ter ainda uma hora e meia

até o embarque guardei a mala na prateleira, disponível no armário geral, e como a noite estava bonita, saí dar uma volta. Ainda um pouco alto da cerveja, quando retornei para pegar o ônibus achei por bem tomar dois cafezinhos antes de embarcar. Na porta do ônibus, como o motorista estava com pressa, aparentemente atrasado, não pediu meus documentos e embarquei com o nome do rapaz ainda no bilhete. Não tinha a menor vontade de resolver esta pendenga e achei melhor deixar assim mesmo.

Quando o ônibus entrou na estação de Porto Alegre já fazia dez horas de viagem e meu pescoço doía, minhas pernas estavam moles, a luminosidade era forte do lado de fora e eu estava um pouco aéreo. Era uma manhã de muito frio, tempo nublado e sem contar o vento gelado que fustigava minha camisa e batia meu queixo quando descii do coletivo. Logo vi na parede frontal da entrada, uma tabela de horários dos coletivos que partiam para o interior e ainda faltava uma hora para o ônibus que me levaria a Céu Azul encostar. Tomei uma vitamina na lanchonete para tirar de vez aquele gosto de cerveja, comprei cigarros e o jornal Estado para ler na viagem de três horas.

Qual é a minha surpresa quando vejo, na seção Só Policia do jornal, a foto do delegado Wilson e uma manchete efervescente, quase uma profecia. A polícia acharia, doa a quem doer, o assassino do estimado delegado, encontrado ontem à noite, morto com dois tiros no peito, em frente a sua casa. Era uma notícia e tanto. À queima-roupa. Aquele cretino, que me deu um chega pra lá e paquerava descaradamente a Flávia, havia sido morto na noite anterior quando chegava em casa. O marginal esperou por ele na garagem e disparou dois tiros certos. A polícia estava em polvorosa e prometia encontrar o assassino o mais rápido possível. Me senti ameaçado, ser policial nestes tempos não era fácil e compreendi como foi sensato de minha parte trazer junto a pistola. É, convenhamos, as pessoas supõem que tudo é descartável. Não quer mais o funcionário, dá férias, não quer mais o casamento, vai embora, não quer dividir a herança, senta em cima e se cala. Daí acontecem coisas ruins como essa. Nada me surpreende mais. A primeira coisa que pensei foi em ligar para a delegacia logo que chegasse a casa do tio, saber todos os detalhes do que ocorrido. Não sei, mas sinto que esta notícia deu uma luz na minha vida, parece que nem tudo está acabado. A cadeira estava vazia e o chato está agora acertando contas.

Lá pelas quatorze horas cheguei ao meu destino. O tio, desconcertado, me recebeu com um riso pasmo nos lábios e levemente pálido, procurando não demonstrar a insatisfação e perplexidade de ver seu único parente vivo à sua frente. Velho ganancioso. Não casou para não precisar dividir nada com ninguém e agora eu estava ali, lembrando a ele que, infelizmente, como eu, ele não estava tão sozinho assim no mundo. Ficou parado, estático e em vez de me dar boas-vindas disse que estavam me procurando, tinham telefonado ontem à noite e hoje pela manhã também. Quis saber qual era o motivo dos telefonemas. Eu não sabia? Flávia! A minha amada Flávia tinha sido encontrada estirada na calçada em frente ao prédio que morávamos. Ela não estava em São Paulo a estas horas? Não. Ela não foi a São Paulo. Segundo a polícia ela foi empurrada da janela do décimo andar ontem à tarde, antes do anoitecer. Mas eu estava lá esse horário! Sim. A polícia disse que foi você quem empurrou. Não pode. Eu não faria isto com a minha amada Flávia. A polícia disse que você fez. Ligaram hoje pela manhã porque você também é suspeito pela morte do delegado Wilson, aquele que te deu férias! Delegado Wilson? Mas como? Eu estava na rodoviária vindo para cá! Comecei a ficar zozinho. Aquilo tudo já estava me cansando. Estava cansado da viagem. Cansado daquela vidinha de mendigo de almas. Cansado de ter que olhar mais uma vez para a cara do tio, aquela cara enebada e velha. Cansado. Cansado. Pus a perna na cadeira e saquei a pistola. Olhei o pente. Me certifiquei. O tio quis correr, mas fui mais rápido. Disparei dois tiros nas costas. À queima-roupa.

FIM



ASSIM EU OUVI

de Maria Cristina dos Santos Lima

A noite estava fechada, em modo assombrosa, já orvalhada e serenada, pois, naquela casa, a noite orvalhava antes do dia e o dia tinha aquele sereno estéril e inútil, quase vingativo, que regelava os músculos recém acordados. Olhando à frente via-se, na sombra, através da luz do pilar, parte do potreiro e da casa velha que ficavam a uns metros da varanda em que estavam, em espaços distintos, e marrons, dando sensação de sujeira e enodoamento. As cercas do balcão deitavam já nas amostras da idade, sem inclemência, nem correções obrigatórias que qualquer sujeito podia fazer, apenas consertar já bastava. Naquele mundinho nem sebes gemendo e chorando mexiam com os brios de alguns, pois assim todos se mantinham sentados em torno do avô, para as caçoadas do dia e da noite, e quem sabe, algum resto do troco da compra ou elogio arrancado à força do velho.

Tempos difíceis para aquela gente. Tragam o chimarrão e acendam o pito do vô que ele já espera e pigarreia. Olhando mais perto, logo atrás do cercado, via-se o saldo de uma horta, velha e perebenta, provavelmente sobra de um tempo melhor que aquele, em que as pernas e as mentes não estavam tão preguiçosas e despeitadas. Pequenas touceiras de possíveis vegetais e leguminosas extintas de sua beleza e despregadas de seus talos uivavam, entre si, lamentos de coisas antes já cheias de bonitezas. Ali, naquela varanda, oprimindo o assoalho, estavam encravados ao chão alguns móveis de vime velhos, contando ao todo, cinco cadeiras côncavas confortáveis e uma mesinha de centro desbotada. O avô era um velho de ares sujo e repugnante, seja como quiser, sem o menor trato e tarimba nenhuma. Era ele quem ocupava a cadeira central e a qual continha almofadas para o conforto do orgulhoso idoso, e era também ali, que o velho escondia sabe-se

lá o quê, podendo ser mufunfa, grana ou resto de traques para a diversão de ver pessoas gritando de susto ao passar por ele. Se alguém quisesse grana pegava da mão do diacho de oitenta e nove anos, mão esta suada e remelenta, o dinheiro passado do dia para a noite, embaixo das suas nádegas. Podia-se notar em algumas feições, ali, neste espaço do terraço, o pensamento encaracolando na cabeça de quem tentava matutar quando este tal quase nonagenário se daria por cansado deste desterro e livraria o resto de mais e mais penosos puxa-saquismos. Urgia, também, saber quanto a besta em forma de gente guardava no banco municipal. Os despistes eram diversos, atrelados a escolha de quando começaria o falatório, onde o velho sem a menor vergonha na cara, contava as gabolices de juventude e então lembrava a todos de quanto poderia ser a receita de sorte de quem garantisse a servidão para ele. Uns olhavam para a direita, onde nasceu o maior eucalipto das redondezas, cheio de folhas e folhinhas, perfumando tudo e balançando ao vento como uma rede velha e maldita. Outros preferiam mirar a esquerda onde o velho construiu por pura maldade uma privada exterior, fedida, mal feita e nauseabunda, que aguardava a visita com ares de chacota e malignidade. Como desforra foi escolhida a localização da dita bem ao lado da pereira. Era para quem tivesse estômago mesmo. Então nas proximidades se avizinhavam os leitões, porcos mesmos, que adoçavam a vida com peras saborosas e deleitosas, sem igual e sem nenhum escrúpulo. Cansados das laterais, as faces voltavam-se para o dito cujo, pois não existia mais anuência nem sabedoria do que podia ser feito, além disso. Levantar da cadeira podia ser uma má escolha, entre má e má mesmo. Um acinte para o quase presunto que poderia, se tornar, o destronamento etéreo daquele que saísse, bem como o direcionamento da raivosidade intensa da figura mais graúda da família. O ambiente geral era difícil, pois além da figura graúda figurava, para ser bem repetitivo, a figuratividade do ódio. Ódio entre todos, de todos para todos e entre eles. Era assim mesmo. O desejo de cuspir no sapato do outro e melecar tudo era grande também.

Foi num momento destes que cheguei à casa, em plena semana de halloween, convidado por um deles, não lembro qual, para conversar e participar da conferência. Antes mesmo de me sentar, e, terminadas as medidas, já senti aquele cheiro acre vindo de um lado que sabe se lá qual. Aí tive a impressão que tudo fedia. Enquanto tamborilava os dedos na cadeirona e esperava o que se ia realizar, de normal, naquela pasmaceira, matutava se tinha um lugar mais feio e sujo que aquele. Também naquele ambiente ninguém dava as costas para ninguém de medo da faca. Era prevenção daquelas, de todos com todos. Ninguém limpava para não dar o gosto ao outro de estar num ambiente aprazível. Servidos os bolinhos da graxa, oferecidos a mim com finura, delicadamente recusei alegando um mal-estar advindo de outrora. É claro que, de modo algum, deixei pressentir que o nojo se deu assim que atravessei o limiar do solário.

Logo deu início o falatório do dono da casa e eu, Genório Tavares, me calei aguardando o ruído vocal do rei do chiqueiro. O que vou contar aqui não é mentira minha, são palavras, talvez enganadoras, de quem conta. Não foi escolha minha. De qualquer forma o assunto beira o incoerente, o curioso, o

diverso pelo menos. Assim eu ouvi. Assim vou contar.

Há tempos atrás, começou a aparecer, em outras paragens, antiga morada do velho, animais mortos, na verdade, trucidados, sem a menor clemência, parecendo coisa monstruosa, de malfeito mesmo. Todo o povo começou a estrebuchar pavor e, como se estivessem em uma pandemia, passaram a se trancar em casa. Janelas e portas na trava. Mulheres, meninas e crianças já não saíam mais. O avô, em assembleia na venda do lugarejo, com seus conhecidos, discutiam o que poderia estar acontecendo, quem ou o quê podia ser o desalmado. Se fazia necessário, urgente mesmo, uma caçada. E assim, passou a ser marcada todas as noites, as vinte e duas horas, na venda, uma reunião para discutir as ações, os procedimentos, para ir à batida e acabar de vez com a danação.

O velho tinha entre eles um grande amigo, José Batista, em quem punha suas considerações, pois José era alto, forte, sabido, destemido, bom de tiro e certamente valoroso para a lide em questão. O problema era que, José, nem sempre estava disposto para o expediente em pauta, e às vezes, faltava ao ofício, deixando o nosso locutor da narrativa agastado.

Em determinado dia, logo cedo, apareceu o ferreiro e a mulher, aos gritos, no centro da praça, desesperados, pois a filha estava sumida e dois novilhos mortos e despedaçados no campo. Não tinham ouvido nada, nem um barulho sequer, nem uma pá de vento. Quando acordaram, de imediato, perceberam a porta dos fundos aberta, completamente escancarada, de onde se sentia um vento forte se agitando para dentro da cozinha, e a filha não se encontrava no quarto, onde comumente, dormia até tarde. A donzela só levantava da cama quando já bem tarde e completamente repousada. Diziam que a pobre moça era anêmica, doentia. Vivia sorumbática, sem amigos, numa triste vida. As vezes sumia na floresta e lá ficava fazendo sabe lá o que. Curiosidades que entravam na mente dos rapazes, interessados em puxar uma conversa com ela, pois a danada era pra lá de bonita. Buscaram a jovem por tudo, dentro e fora da casa, nos fundos, próximo ao riacho, no galinheiro, no milharal e no campo, onde encontraram as reses mortas. O avô, atinou no seu íntimo, que aquela história ia dar mais pano para manga do que fiava e uma ideia começou a rastejar em sua cabeça, primeiro devagar, no rastejo mesmo, depois mais depressa, até virar um desassossego daqueles. Granjeou dois rapazes novos e fortes que estavam por ali e foi atrás do Pacheco, um velho conhecido, respeitado e bom de arma, e era o único jeito, já que José estando de corpo mole, nem tinha aparecido na noite anterior na venda.

Pacheco considerou a história toda e achou por bem, ajuizando de forma categórica, que o melhor era ir atrás de José, contar também com sua assistência, formando assim um grupo mais exitoso e, daí sim, iniciar as buscas devidas. E assim foi feito e o grupo partiu, armado, para a casa do citado.

Um dos rapazes avistou de cima do morro, ao longe, a casa de José, já ponderando, que possivelmente a porta da casa se encontrava escancarada

e o cachorro endoidecido lá fora a latir. Realmente, Tigre, o cão, estava girando e alucinando, deitando baba de tão nervoso. Logo que Pacheco avançou para a porta da casa fez um trejeito de nojo, medo e um apavoramento subiu por sua espinha, gelificando o corpo. Mirou as botas e viu que pisava em sangue fresco e a poça do líquido estava distribuída por toda a entrada, na cozinha e corria para dentro, nos cômodos íntimos. O grupo seguiu em frente, aos poucos, em fila indiana, com as armas em seta, prevenidos para o que os esperava. O velho foi o primeiro que entrou no quarto de José, e, balançado pelo pavor, viu o que não esperava. A moça bonita e doentia, filha do ferreiro, estava sentada na cama, coberta de sangue. Quando os viu abriu um sorriso satisfeito, que mostrava fiapos de tecido enfiados entre dentes. Deitado ao seu lado, de costas, estava José, com o dorso já em adiantado estado de avaria, carcomido e sangrento. A camisa rasgada a dentes, já, toda vermelha. Um dos rapazes, sem pensar duas vezes, descarregou a pistola na moça. Para maior ebulição do clima geral, a gaiata deu, de um salto só, para fora da cama, e em disparada, passou por todos e fugiu levando junto com ela, não se sabe como, os cinco tiros. Nunca mais foi vista. Não se sabe se morreu ou se viveu. Também não se soube mais que fim levou sua gente.

Quando dei por mim, estava estático na poltrona de vime, comendo bolinhos da graxa e bebendo a cachaça do copo do moço sentado a meu lado. A história me impressionou muito e nunca consegui saber se era verdade ou mentira, nem identifiquei o povoado. Saí como entrei, pelo portão da frente, encucado, olhando em volta, já preocupado se encontro a tal moça no caminho.

FIM

Nome: Maria Cristina Santos Lima

Endereço: Rua Stelinha Egg 53 Santa Felicidade Curitiba Paraná 82015-735

Celular: (41) 99909-3085

Email: mariacristina@mps.com.br

Breve biografia:

Formada em Psicologia e Designer Gráfico. Publicou 02 livros: Toilette e Monarquia Brasileira Uma Cronologia Genealógica. Estudiosa de literatura clássica através da leitura.

1- Poema CARNE VIVA classificado no Poesia Livre da Vivara. Maio/2020.

2- Conto LAPSO classificado para publicação no Concurso Webtv em 2020.

Conto policial/suspense Lapso classificado em 3º lugar pela RedeWTV.com em 20.11.2020

Nada Além de uma História

Quão grandioso e misterioso o espaço infinito

É o homem

Idêntico a estrela que de lugar trocou

Nem todos lhe viram, mas brilhou

Mas a outros (pelos que a viram)

É apresentada

E o interessante é

O poder que o homem tem

Do seu perfil moldar

P'ressas histórias

Que um dia sobre ele irão contar

Nada somos além de um personagem que atou

O texto que sua mão escreveu

Energia quântica, vento ou tormenta que varreu

O grão de areia cósmica que se formou

Em cada primavera. Em cada estação

Mas, nem por isso, insignificante grão

Com a missão de contracenar com outras vidas viemos

Titânio ou cristal quebrado

Brilhar ou ofuscar e sobre aplausos ou vaias partir

Como péssimas histórias deixar de existir

Ou como um belíssimo espetáculo para sempre ser lembrado

Pelo Pelô

Subindo e descendo ladeiras vô

Ao encontro do surdo e do tambô

Da Banda Didá e do Olodum

Cravinho na mão

A nega na outra

E o coração bum, bum, bum

Na esquina, um acarajé

Na Quincas, samba no pé

Os olhos frenéticos vagueiam

Num olhar que me fisgou

Um preto com cabelo trançado

Na casa da nega Jhô

Clarindo me pega pela boca

Depois do Folclórico Balé

Teatro na Arena do Sesi

Fumaça na Praça do Regue

Gerônimo na escadaria

Denise Correia no blues

Com Arlesson ao violão

Dainho no berimbau

Piscava pra minha nega

Ah, preto cara de pau!

Turistas por todo lado

Dançava desengonçado

Na Praça do Pedro Arcanjo?

Ou era a da Batista Tereza?

Vixi! Já tô trocando as bolas

Perdido então das horas!

Escornado assisto a um casório

Na igreja de Rosário

Eita, verão bão em Salvador!

E minha nega, alguém avistô?

A Grande Lição

Estava muito frio o dia numa das mais quentes regiões do Brasil. Salvador, a cidade metropolitana e tropical, era atraída por turistas de todo o planeta por sua extensa orla com maravilhosas praias, até mesmo na estação mais fria do ano. Mas, para os baianos, inverno era para ser curtido em casa tomando chocolate quente com bolo e vendo filmes nos canais fechados. Contudo, naquele dia, mesmo se estivesse nevando, o soteropolitano sairia às ruas e tomariam banho de mar sem de nada se queixarem. Contudo, não estava chovendo. Apenas uma brisa fria abraçava o dia um tanto quanto cinzento enquanto o sol fazia um grande esforço para aparecer em meio as nuvens densas e ameaçadoras. Mas, o bom humor das pessoas estava de volta nas suas frases cheias de gírias, no dialeto e sotaque inconfundível, nas piadas que intercalam qualquer diálogo, comportamento peculiar dos nordestinos. Animais, pessoas caminhavam entre bicicletas, carros, ônibus, motocicletas, enfim todos os tipos de veículos pelas estreitas ruas, pistas e calçadas da cidade. As pessoas estavam presas em seus automóveis nos congestionamentos. Pela primeira vez não se sentiam incomodadas. Até riam disso e tinham a maior paciência na espera. Dentro e fora dos automóveis ora, cumprimentavam-se de todas as maneiras. Num sorriso cativante, trocando lanchinhos, falando sobre seus pets, crianças... Os homens sobre seus times preferidos, as mulheres sobre cabelos, roupas e novelas. Assunto não faltava. Ao se despedirem, trocavam contatos virtuais e seguiam na certeza de terem conquistado, no mínimo, mais um amigo e que, um novo encontro presencial indubitavelmente aconteceria em breve, sem medos e sem culpas. Foi o que aconteceu com Maria e Pedro. Seus cães Totita e Sky pararam para trocarem uns “selinhos” forçando os seus respectivos donos a iniciarem um papo, coisa tão comum entre os baianos. Maria era médica infectologista e amava a sua profissão. Dedicou-se a ela integralmente desde os primeiros dias de faculdade. O Pedro também era da área de saúde, atuava como cardiologista, contudo em outro país. A coincidência nas profissões serviu como o carro chefe para o diálogo. Por mais que tentassem se desvencilhar do assunto, tinham a plena certeza de que ele perseguiria toda a humanidade pelo resto de suas vidas. Não fazia exatos sete meses que todo o país tinha saído de um estado de pandemia que assolou a maior parte do globo terrestre. O confinamento em suas casas por determinação dos governos embasados nas

orientações da Organização Mundial de Saúde criou um distanciamento inédito entre as pessoas impedindo-as de tocar, beijar, abraçar. Os baianos se viram numa situação de martírio intenso. E agora, para cada lado que olhassem, era notória a emoção das pessoas por reconquistarem o seu direito de demonstrar da maneira que quisessem os seus sentimentos para com o outro. Os cães, ela uma maltês tirada a patricinha e ele um vira lata muito elegante com um jeitão intelectual, pareciam ter encerrado o seu diálogo canino e a impaciência em continuarem as suas jornadas em caminhos opostos determinou também o fim do papo entre o casal. Maria despediu-se do Pedro, após terem trocado os “Zaps”. Em frações de segundos, fechou os olhos e enquanto respirou profundamente, ouviu uma canção e jurou continuar ouvindo-a sem saber de onde vinha, mesmo com os olhos abertos. Passou a observar o rosto das pessoas, a boca principalmente, parte do corpo que por um tempo pouco era exibida. Riu um pouco devido constatar seus vários formatos, até que um olhar, parte do corpo que em contrapartida, muito exibido foi nesse mesmo período, a fisgou desarmando-a. Ela sentou-se num banco de tiras de madeiras envernizadas enquanto uma senhora fazia o mesmo. Seus olhos lacrimejaram e a mulher lhe ofereceu um lenço para conter as lágrimas. Maria com a voz embargada conseguiu murmurar algumas palavras. “Eu tentei, acredite! Eu tentei de tudo”! A mulher a abraçou ali mesmo anuindo com a cabeça. Levantou e em silêncio saiu. Maria olhou pra trás e viu quando ela alcançou o Pedro e por ele foi confortada noutro abraço. Não lhe foi difícil entender que aquela senhora era a sua mãe. Os últimos instantes do esposo dela, que morrera em sua presença, vítima da COVID-19, lhe vieram à tona como num triste filme. Permaneceu sentada ali por alguns minutos até se recompor. Ela sabia que de fato havia dado o máximo de si, assim como todos os profissionais de saúde durante aquela pandemia; Morreu, de certa forma, a cada óbito nos números exorbitantes que os jornais anunciavam todos os dias; Chorou as milhares de perdas junto com seus entes. Olhou mais uma vez ao seu redor e percebeu que o tempo é impessoal e implacável. Parecia não se importar com nada, mas ela e grande parte da população mundial haviam aprendido para toda vida uma lição: valorizar cada vida.

Sobre as Teclas do Piano

E é fascinada por todos a magnitude infinita do espaço com todas as suas estrelas e astros. E isso só nos é permitido devido a escuridão da noite.

A harmonia inconfundível de uma peça precisa também das teclas pretas do teclado do piano. Não que eu queira aqui, comparar a cor da minha pele.

É só um grito, um desabafo desesperado clamando respeito por ela.

Sob a pele negra de tom escuro, embaixo da pele preta, corre sangue, bate um coração, existe um cérebro, tem vida, sonhos tão belos quanto os seus se belos são. O amor nasce e floresce pelas coisas das mais simples às mais impressionantes.

Comparar-me a um macaco não me ofende tanto quanto o ódio que vem junto em seu olhar, atitudes e palavras. São tantos os exemplos que vejo vindo de animais irracionais (?), assim como o macaco ao qual inúmeras vezes sou comparado. Exemplos de carinho, amor, solidariedade, empatia até. Parecem querer nos ensinar a viver em harmonia. Dizer que isso é possível e necessário. Se me compara a ele, não se espante se orgulhado me deixa. Por que lhe alegre ou simplesmente nada lhe diz à baixa dos meus irmãos? Por que sentimento algum lhe faz travar o gatilho da sua arma, dos seus socos e palavras que ferem feito facas afiadas? Porque “planta” em minhas mãos uma arma, drogas que nunca sequer vi nem toquei, após impedir-me de regar as arvores que plantei, de sonhar os sonhos que até um dia alimentei? Por que não lhe pesa a consciência ter-me podado o desejo de ser o super-herói da minha família que, sem capa, usaria os poderes adquiridos nas escolas para dar uma vida digna a ela e fazer brilhar de orgulho os olhos da minha mãe que também foi minha escola (?) e, não de lágrimas sobre o meu caixão na frente da televisão aumentando as estatísticas nessa vergonha milenar?

Teísta e ateu. Vilão e herói. Assim como você, sou médico, pintor, enfermeiro, engenheiro, cientista, doutor. Sou homem, mulher, hétero, gay, político, dono de casa, jovem, rainha e rei. Criança e ancião.

Moro em casebres, nas ruas, mansões. Embora lhe fascine a minha cultura, o meu rebolado, o brilho tenro da minha cútis de ébano; Que lhe provoque a sensualidade do meu gingado, do meu requebrado, das curvas salientes do meu corpo; a composição dos meus olhos grandes, lábios carnudos e provocantes; Embora lhe impressione a minha voz forte e fortes membros; Embora lhe fascine a minha presença, por que repudia a minha existência?

Como seria bom se realmente entendesse que para a peça ao piano, precisam estar em perfeita harmonia as teclas pretas e brancas; Se entendesse que para vermos as estrelas e astros brilharem no infinito, é imprescindível a existência harmônica do preto e o branco; Entendesse que nas piores das hipóteses, existe o eclipse unindo as coisas e mostrando que juntas são muito mais belas. Somos 7 bilhões e 800 milhões de irmãos em genoma. PRONTO! Por que e pra que subdividir esse magnífico número separando as raças? Já temos tantas coisas pra lutar, tantos inimigos pra vencer. Invisíveis e poderosos inimigos. Não precisamos de fato nem mesmo de brincadeira nos termos como oponentes.

Não consegue enxergar que não lhe desejo o mal? Que não estou do outro lado da corda? Que seria uma grande honra para mim, ter-lhe remando no mesmo barco que eu; caminhar em sua companhia, guiado por você; compartilhar as minhas experiências, ouvir as suas; amar o contraste da cor da nossa pele num abraço em que a emoção do poder abraçar durante um silêncio em que só nos facultaria ouvir as batidas dos nossos corações seria o nirvana? Não consegue enxergar, se permitir a isso? Por quê? Por quê?

O HOMEM

Havia um Homem. A princípio solitário.

Um Homem havia em que, por opção, sem lar caminhava aparentemente a ermo por pastos, montanhas e cidades. Algumas vezes era convidado a entrar nas casas e Ele entrava.

A Sua aparência não assustava a todos. A pele de cor amarronzada qual um bronze queimado ou uma pedra de jaspé, avermelhada como a sardônica. O cabelo, bem parecia uma lã de carneiro, nem longo, tampouco curto demais. Igual ao pelo que Lhe torneava a boca de onde eram proferidas palavras que mais pareciam canções de ninar. A Voz de muitas águas inundava a mente e a alma de quem a ouvia. Penetrava a fundo os corações aquebrantando-os.

Ensinava a amar, a perdoar e a acreditar. A fé começou a transformar a vida das pessoas que aprendiam, através dos Seus ensinamentos, a acreditar em si mesmas e assim, transformar o seu corpo, sua alma e a sua vida. A propagação desses acontecimentos intitulados milagres conclamou multidões a segui-Lo em busca de conhecimentos. O carinho que recebia era tamanho que incomodou muitos reis por se sentirem a Ele inferior. A esses, a Sua aparência assustou. A Sua existência muito mais.

Contudo, Esse Homem continuou a sua peregrinação conduzindo agora rebanhos de pessoas como o mais talentoso e carinhoso pastor conduz as suas ovelhas, rumo a salvação de suas almas. Seus ensinamentos suplantaria séculos. Embora atualizando-se de tempos em tempos, a essência das Suas palavras nunca mudaria.

Como atualizada hoje a inveja, a luta pelo poder, a falta de amor entre os homens ainda matam, a ignorância e o ódio também O matou. A cruz do calvário, são covas rasas, os pregões são balas.

Perdidas ou não, são balas, afiadas facas e até mesmos palavras que muitas vezes ferem mais fundo que elas e igualmente matam. Assim como perdoo os que me machucam o corpo e a alma, Ele perdoou os que foram ofuscados pelo brilho da magnitude do Seu amor.

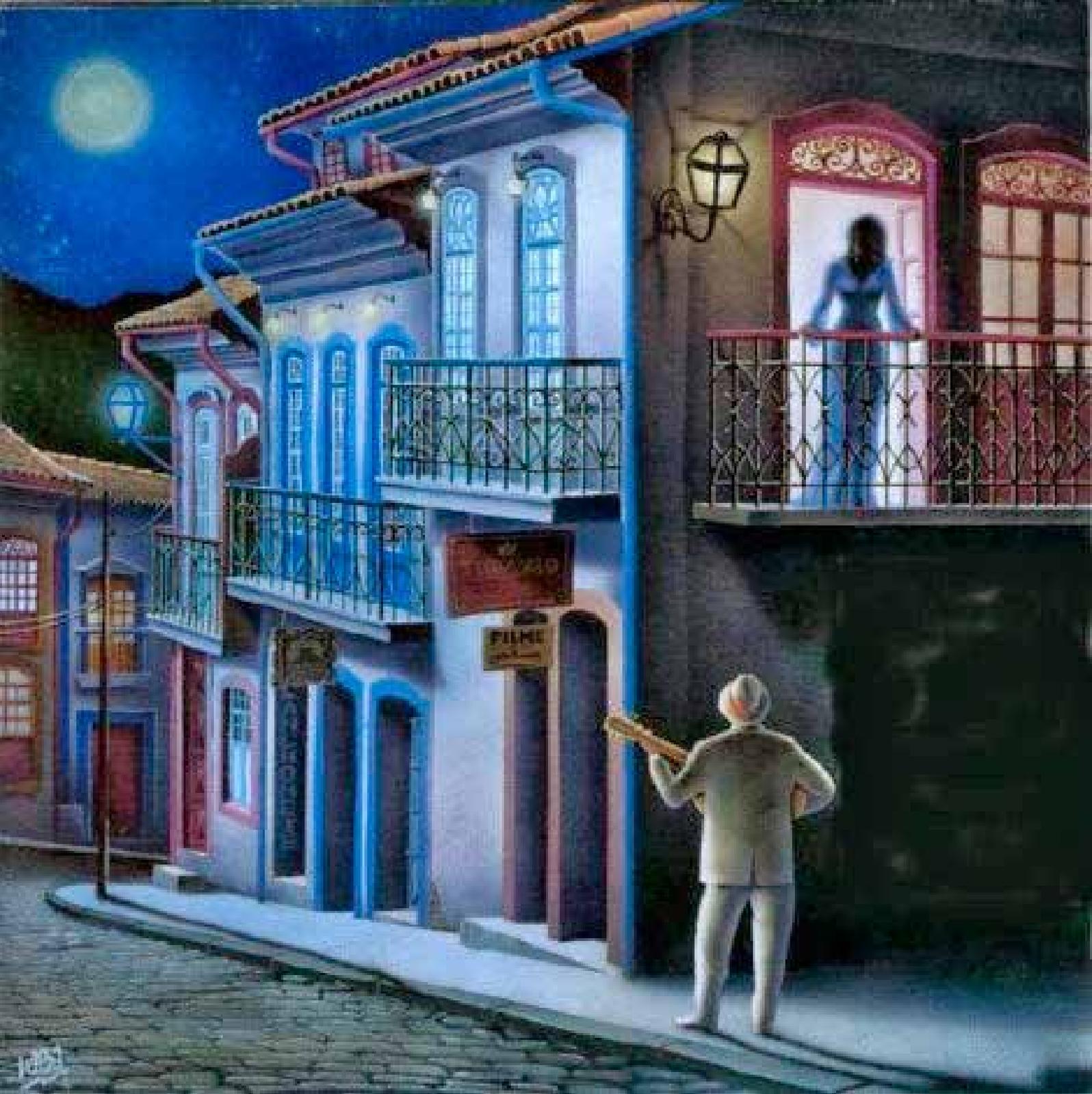
Do Seu corpo nada restou, pois ao pó voltou. O que de fato ficará para toda a eternidade, pois até aqui vejo que ficou, é a paz de espírito que habita nos Seus sentimentos, nos Seus ensinamentos. Somente os que amam consegue ver beleza num grão de areia, numa gota de água da chuva, numa estrela distante, no sorriso de uma criança, nos olhos quase cegos de um ancião, no ventre grávido de uma mulher que não consegue esconder a ansiedade em trazer ao mundo mais uma vida e de amor adorná-la. Só os que amam conseguem amar e ser solidário a qualquer ser vivo deste planeta, independente de seus adjetivos, cor, raça, gênero, posição econômica e social.

Houve um Homem que moeda alguma carregou consigo, mas mesmo assim tornou milionário todos os que nEle apostou as suas fichas. Não consigo ver Esse Homem como vejo qualquer um de nós, pois sujamos demais a nossa imagem. Mas, consigo senti-Lo mais presente que que a pessoa mais próxima a mim. Consigo senti-Lo nas atitudes que emanam amor, na inexplicável existência do deserto mais árido parindo uma flor.

--

Acreditar no inacreditável é descrever que o impossível existe!

Paulo Neri.



A serenata.

D. Amélia e seu Deodato conheceram-se em noite de gala, quando da inauguração do Clube Pinheiros, em São Paulo, no Réveillon de 1957.

Naquela noite, ele, médico em ascensão, apaixonou-se pela linda estudante secundarista assim que a viu, tão deslumbrante estava.

Só havia um único senão que o impedia de ir convidá-la para dançar: a carranca paterna...

Esse obstáculo, contudo, foi superado graças a um providencial engasgo.

E como Deodato era o único médico disponível, tratou de abraçar o pai da adolescente por trás, ao mesmo tempo em que pressionava repetida e violentamente o seu abdômen.

Isso fez cuspir o camarão que entalara na garganta.

Essa façanha não apenas garantiu ao jovem clínico vários agradecimentos, como lhe franqueou a mão da filha à próxima dança.

Três anos depois, aproveitando-se da recém-escrita letra à valsa Rapaziada do Brás, Deodato e alguns

amigos acordaram Amélia em serenata, aos pés da janela do sobrado onde morava. – É claro que seus pais também despertaram. Mas se mantiveram escondidos, quietos e na torcida.

Ao final, ele a pediu em casamento.

Ela aceitou, e os futuros sogros vibraram de alegria.

Mas se é verdade que o galanteio por meio das serestas foi-se apagando com o passar dos anos, também é exato afirmar que a lembrança daquela noite jamais se extinguiu com o transcurso das décadas.

E foram tantas!...

Nenhuma deixou de ser comemorada. Aliás, a cada decênio alcançado, Deodato fazia questão de presentear sua esposa com um objeto recomendado pela tradição.

Até hoje ela guarda, e com todo o carinho do mundo, a taça de estanho, o bibelô de porcelana, o colar de pérolas, os brincos de esmeraldas e o bracelete de ouro 18K.

Depois das bodas de ouro, ninguém na família ousou imaginar que o casal comemoraria sessenta anos de matrimônio. Afinal, pode-se contar nos dedos os sortudos que conseguiram atingir essa marca.

Ademais, a saúde de seu Deodato não ia lá muito bem... E houve até quem dissesse que ele não chegaria aos noventa.

Ledo engano.

Daí que os eternos namorados cumulavam cãs, rugas e uma vontade crescente de cortarem o bolo nas bodas de diamante.

Essa possibilidade, que se transformara em certeza aos corações avoengos, já era antegozada por boa parte dos familiares, tamanho o otimismo a que se entregavam os esposos.

E como esse estado de espírito anda de braços dados com a paciência e com o bem-estar, os anos passaram aos cônjuges sem os grandes problemas da velhice.

Faltava só um ano para que seu Deodato presentearse D. Amélia com uma aliança cravejada de brilhantes, quando os ventos do infortúnio sopraram impiedosos...

Um derrame aconteceu e abafou a luz que irradiava do semblante da matriarca.

D. Amélia foi internada às pressas!

Mesmo assim, as sequelas foram muito além da atrofia do lábio inferior.

Cerca de meses foram necessários à adaptação à nova realidade, que não prescindiu da mudança para a casa do filho, da cadeira de rodas, de duas cuidadoras revezando-se dia e noite, das sessões de fisioterapia, e da abnegação de seu Deodato a tentar reviver a esperança naqueles olhos entrefechados.

Nesses momentos, o marido lia poemas para a enferma, mostrava álbuns de família, comentava as notícias dos jornais, e criticava algumas cenas das novelas.

Essa amorosa terapia, que na verdade não passava de um monólogo, às vezes precisava ser interrompida, pois seu Deodato percebia um fio de lágrima a escorrer no rosto da companheira.

A uma semana das bodas, seu Deodato inspirava dó. Estava magérrimo, não se lembrava mais como era sorrir, e já não fazia questão de esconder a vermelhidão dos olhos com os óculos escuros.

Mas quando perambulava pelo escritório, procurando um livro em que pudesse refugiar-se, o passado resolveu estender-lhe a mão...

E os olhos nonagenários brilharam de esperança!

Sem pensar em mais nada, ele caminhou como pôde em direção ao quarto onde D. Amélia ficava. E adentrou tão esbaforido, que a cuidadora até tomou um susto, pensando que enfartava.

Ele, então, sentou-se defronte à amada, segurou-lhe as mãos, fixou-a enternecido, e deixou que um jovem trovador, há muito esquecido do Brás, devolvesse o frescor ao rosto mais lindo que já conhecera:

“Lembrar, deixem-me lembrar, meus tempos de rapaz no Brás

As noites de serestas, casais de namorados

E as cordas de um violão cantando em tom plangente

Aqueles ternos madrigais...”

Quando terminou a serenata, os olhos dos amantes marejavam saudades...

E confirmando os votos de uma vida, seu Deodato beijou o seu eterno amor; que sorriu, e adormeceu.

A Liberdade Protagonista

Sempre que chego, ela já está ali. Sempre um grupinho ao seu redor ou sempre em outro grupo ao redor de alguém. A senhora do cachorro vestido parece ser algum personagem importante da cidade, alguma ilustríssima dama que eu, distante de tais ilustrações, ignore.

Ou então, é tão somente uma senhora desinibida e simpática, dedicando suas manhãs aos também ilustres, porém desconhecidos, que por ali passam e por ali se deixam ficar.

Sempre que chego, ela já está ali e sempre que saio, ela permanece. Pouco importa se chego 9, 10 ou 11 e saio 10, 11 ou 12. A senhora do cachorro vestido passeia seu cachorro vestido por horas a fio, religiosamente, todos os dias, sempre indefectível com a gola da camisa polo aparecendo por cima da blusa de lã xadrez. Xadrez como a roupa do cachorro vestido. Óculos escuros. Nela, não no cachorro.

De banco em banco da praça, senta-se com alguns, caminha com outros. Responde a todas as pesquisas de opinião que rondam a Liberdade (a praça!) e se deixa ficar. Até quando, eu não sei. Um dia ainda fico para ver seu final, ou melhor, seu destino.

Ou quem sabe a sigo por detrás das árvores, depois dos carros, a descobrir quem é esta senhora e por que diabos passeia seu cachorro vestido, todas as manhãs, a manhã toda.

Aposentadoria seria uma resposta pouca, vazia, insuficiente. Ademais, a senhora não me parece idosa. Me parece, antes, assim, em termos pouco graciosos, coroa.

Aposentadoria, solidão, loucura. Para quê mesmo eu quereria uma razão? Feliz a senhora do cachorro vestido se tem as dela ou se delas não precisa.

Razões suficientes, parece, as tem o senhor meu vizinho, de fugir de meus olhares e meus passos intermináveis, ao redor da praça. Razões que compreendo.

Eu que o encontrava cotidianamente, este senhor meu vizinho, no elevador do edifício Sobrado, subindo ou descendo, correndo com seu terno e sua pasta

de couro preta. Ele que corria entre ‘bons dias’ e ‘boas noites’, queda-se sentado em um banco, escondido por trás de uma estátua.

Me evita. Nenhum bom dia. Eu passo olhando para o outro lado, para o Palácio do Governo, solidária à sua frustração de se descobrir, de repente, desnecessário dentro de casa, afastado da dignidade de seu terno, sua pasta preta de couro, sua pressa e seu estresse.

Sua mulher, decerto, move céus e terra, quer dizer, mesas e cadeiras, panelas e frigideiras, por toda a manhã! E nesta turbulência matinal, a presença do marido rondando, tornou-se um estorvo.

Ele que, há décadas, só chegava à hora do almoço, para sair hora e meia depois, fica agora sapateando o chão encerado, farejando as panelas, rondando.

Até tenta ler seu jornal no quarto, na varanda, calado e quieto, quase invisível. Quem dera. Lá vem a mulher de vassoura, rodo, pano de chão, todo o arsenal, nas mãos. - Levanta o pé, tira o sapato, não pisa aí, dá licença um minuto!

Refugiou-se na praça. Acreditou-se confortado por um possível anonimato, buscando em seu conforto, a fuga das justificativas, que ninguém pediu. Quisera eu não causar-lhe o tormento de procurar o anônimo sossego em outros sítios! Mas a praça é nossa!

Poliana Guerra
Nova Era – MG
poliguerra.blogspot.com
facebook.com/poliguerra
Instagram: @poliaraujo.guerra

Sobre o autor:

Meu nome é Poliana Araújo Guerra, Poli são várias. Com formação diversa e tendo trabalhado em diferentes áreas, me encontrei nas palavras e tenho paixão pela palavra escrita! Além de freela como produtora de conteúdo, trabalho com gestão de mídias sociais e escrevo ao bel prazer.



A praça é nossa! Fonte: Portal Belo Horizonte

Tesouro que se esvai

Convidada por Alfredo, amigo e professor, Janaína adentrou à sala de aula. Diante dela, estudantes com dúvidas comuns, quanto ao curso universitário a escolher.

Ela pensou em declinar do convite; encontrava-se na fase de coleta de dados para o doutorado. Contudo, poderia ser uma oportunidade para minimizar a frustrante revelação dos dados até então obtidos.

A insatisfação da pesquisadora advinha de perceber sinais da perda de um tesouro: as lendas contadas de geração em geração pela comunidade ribeirinha do São Francisco. Ela própria ouvira tantas do avô, já falecido.

Ao saber do tema pesquisado por Janaína, Alfredo insistiu ainda mais para ela compartilhar a experiência acadêmica com os discentes daquela turma.

— Seu relato os ajudará nessa fase tão complexa, por favor...

Ao se recordar desse mesmo momento em sua vida, ao não saber bem para onde seguir no campo acadêmico ou profissional, Janaína aquiesceu.

Já defronte à turma, a pesquisadora notou o pouco entusiasmo reinante. Optou pelo estilo narrativo, o mesmo do avô quando, sentado ao redor de uma fogueira, encantava seus ouvintes.

— Há mais ou menos doze mil anos, distante ancestral humano desenhou na parede da caverna em que se abrigava, uma grande criatura rastejante, com fogo a sair dos olhos, que abocanhou e levou seu companheiro de caçadas para o fundo das águas de um rio. O pré-histórico pichador devia estar apavorado.

— Muito tempo depois, há uns quatrocentos e cinquenta anos, sertanistas exploravam o interior da Bahia. Depois de extenuante caminhada sob um sol abrasador, o grupo chegou às margens do rio São Francisco. Lá pernoitariam. Não houve ânimo sequer para conversas. Cada um comeu seu quinhão de carne seca com farinha, bebeu sua dose de cachaça e se ajeitou próximo à fogueira.

— Pavoroso grito os assustou. Apesar do breu noturno, ainda conseguiram ver um dos companheiros ser arrastado ao interior da mata por uma enorme cobra, com grandes e assustadores olhos flamejantes. Tão silenciosa quanto viera, a criatura desapareceu na escuridão. Literal silêncio de morte. Imediatamente, partiram.

Alfredo se deliciava com a narrativa, contudo, diversos alunos miravam a tela de seus telefones celulares. Mesmo contrariada, Janaína avançou:

— Trezentos e sessenta anos adiante desse episódio, e a muitos quilômetros dali, no rio Abunã, um aventureiro inglês de sobrenome Fawcett explorava o oeste da América do Sul. Veio pela Bolívia e chegou ao Brasil, no Acre. O gringo se admirou ao notar sob o batelão o vulto de uma cobra de dimensões jamais vistas. Armado de um rifle 44, o inglês disparou certo tiro no réptil, quando este saía do Abunã. A enorme serpente desapareceu ao retornar às águas.

— Todos os indígenas da expedição, trêmulos de pavor por acreditarem se tratar da sagrada cobra-grande, detentora de poderes mágicos, fugiram apavorados. Temiam maldições.

— Pequeno desfecho da história de Fawcett vai de brinde: uma dessas maldições o alcançou tempos depois, no Mato Grosso, quando buscava a “cidade perdida”, chamada por ele de “Z”. Acompanhado de um de seus filhos e mais um colega, o trio desapareceu sem deixar vestígios. Há versões que contam terem sido mortos por indígenas ou devorados por animais. Mas há quem garanta terem encontrado a tal “Z” e viverem junto àquela misteriosa civilização, até hoje.

Os alunos permaneciam como hipnotizados pelas telas dos celulares. Janaína, de novo, persistiu:

— Os acontecimentos com aparições de grandes serpentes foram embaralhados e recontados inúmeras vezes. Juntaram-se a narrativas de seres misteriosos de nosso rico folclore, como Boitatá, Boiúna, Cobra-Grande e Cobra Honorato. Contadores de fértil imaginação espraíram inúmeras variações delas. Esta que irei lhes contar, vem da Bahia:

— Bela jovem de Juazeiro mirava-se nas águas do São Francisco. Ela tanto tempo dedicou a se admirar, que se esqueceu da velha mãe, doente e só, em casa. O badalar do sino de uma igreja próxima, na hora da ave-maria, rendeu-lhe uma maldição: transformou-a em gigantesca serpente de olhos vermelhos que vive, desde então, sob um morro na Ilha do Fogo, entre as cidades de Juazeiro e Petrolina. Moradores juram, vez em quando, ver grandes olhos flamejantes nas noites sem luar.

— O monstro vem sendo contido por três fios de cabelo de Nossa Senhora das Grotas, padroeira de

Juazeiro. Dois desses fios já se romperam, decorrência de as mulheres não mais serem pudicas; de o povo não mais se humilhar perante Deus; e não cuidar do Rio. O derradeiro fio de cabelo é a última barreira a evitar a hecatombe que espreita as duas cidades. Caso o comportamento das pessoas não mude, a serpente se libertará; com as enormes ondas pelo movimento de seu majestoso tamanho, as duas cidades desaparecerão sob as águas.

— Notem, essa serpente se assemelha à criatura retratada na parede de uma caverna, na era pré-histórica; lembra a que abocanhou um sertanista, quando a história oficial do Brasil engatinhava e, ainda, outra descrita pelo inglês Fawcett, que, morta, ressuscitou e voltou às profundezas do Abunã.

— Hoje, quase nunca se encontra alguém com interesse por histórias como essas, resgatadas e registradas por Luís da Câmara Cascudo. Conhecem ele?

Um estudante respondeu “sim” e citou o título lido.

— É encantadora a obra dele – afirmou a pesquisadora.

Ao examinar o ambiente, exceto por Alfredo e o único aluno a conhecer Cascudo, Janaína notou que a plateia só tinha olhos para as telas de seus celulares. Pediu breve intervalo. Conversou com o amigo professor:

— Alfredo, “tô” perdendo de lavada para os celulares.

— Desculpe, ‘Jana’. Eu estive tão imerso em seu relato, que não percebi. Falarei com a turma. Por favor, continue.

— Certo. Por nossa amizade. Mas estou por um triz.

Alfredo alertou os alunos sobre a concessão de Janaína ao abrir mão do escasso e precioso tempo à coleta de dados para o doutorado em curso. Em seguida, a convidada prosseguiu:

— Boa parte da atual geração se contenta com o que encontra em seus celulares ou computadores. Acomodaram-se. Não percebem ser vítimas dos algoritmos a lhes moldar a vida. Pouco resta do encantamento de outrora, pela contação de histórias, tão férteis à imaginação. Descendo de quilombolas. Minha vida foi repleta de narrativas fantásticas. Elas moldaram quem sou e influenciaram minha opção pela antropologia.

Janaína contou e reviveu inúmeras passagens da longínqua infância. Ao ‘aterrissar’ no momento presente, notou a quase totalidade dos alunos ‘abduzida’ por seus celulares. Ela partiu sem se despedir. Sozinha, em seu carro, chorou.

De volta à Ilha do Fogo, Janaína caminhava em busca de coletar mais dados. Os frequentadores observavam aquela mulher negra, cabelos semelhantes a uma samambaia alta com longas frondes em queda. Grandes olhos cor de bronze; lábios grossos, nariz meio largo, dentes alvíssimos e pés aristocraticamente belos, como se usurpados das filhas da nobreza.

De início, as enciumadas beliscavam maridos, noivos ou namorados, pelos demorados olhares. Janaína os atraía como o canto da Iara. Carregava um “tablet”. Pedia licença, apresenta-se e informava sobre a pesquisa. Quando lhes permitiam, lia as perguntas e registrava as respostas. Agradecia e caminhava até outros possíveis colaboradores.

Final de tarde; crepúsculo. A mochila às costas de Janaína pesava pouco se comparada à mágoa acumulada com os resultados da pesquisa. Ela se aproximou do Velho Chico. O vento agitava as águas turvas, as árvores e os cabelos da jovem. Excitação, temor, rebeldia... E se a Serpente da Ilha do Fogo estivesse ali a espreitá-la? Talvez seu subconsciente até desejasse...

Qual nada. Doía admitir, restavam pouquíssimos a valorizar a agônica herança cultural. Janaína sentia-se deprimida, como se a serpente de olhos flamejantes apertasse seu coração. Até mesmo a grande cobra se encontrava acometida de doença terminal. Pouco a pouco, ela também será esquecida. Tesouro que se esvai.

LÁGRIMAS DA DOR

Discriminas o irmão que não conhecias
Discriminas aquele a quem conhecias
No ventre da tua própria agonia
Reina a Santa Hipocrisia

Não percebes que ao olhar para ele
Tu és Ele!
Evitas sentir as lágrimas da dor
Por quem nunca se calou
Tu nunca sentes?

És um ser superior
Que reinas na lúdica pequena mente

Não há raça superior
E nem homem mais inteligente

Porém tudo acontece por não olhar a vida sob um ângulo mais profundo
Diferente dos vícios imundos.

RAQUEL LOPES

Pernambucana, brasileira, é estudante de Língua Portuguesa e Filosofia. Participou de várias antologias pelo Brasil e em Portugal, é membro da UBE/PE e de algumas academias literárias. Com livros de poesia publicados no site Amazon, Clube de autores, editora artesanal Costelas Felinas e EHS Edições. Também é organizadora antologista.

@raquelopespoeta @mundopoeticodaquel

SUPERAÇÃO

Posso estar com problemas,
mas jamais desanimarei,
resolverei os meus dilemas
e os problemas, superarei.

Por Marcos Pontal

Eu me lembro, e ainda sinto.

Já havia entrado outras vezes lá.

Eu achava muito bonito as cortinas plissadas marrom claro, as janelas amplas de vidro transparente, as poltronas de couro sintético e o ar condicionado. Aquele lugar me mandava ficar quieto. Mas como lugar não fala, intuitivamente ficava, tenso. Invejava a criança que passava os dedos na cortina e encostava a cabeça na sua textura. Só soube mesmo que era a textura que pensava anos depois, quando já sentia ali um cheiro estranho de mofo e guardado.

O palco não me era comum, talvez por isso não achasse nada ainda... A gente só entende o que é, depois que conhece. Nunca tinha me entendido assim, num lugar para assistir arte. Não haviam me falado: Oi, este é o palco. Ou talvez porque palco vazio é o nada e o oco, e eu sempre tive medo de morar no oco, mesmo sendo do sertão. Então teria medo de palco?

Por conhecer pouco lá, não havia reparado nos holofotes. Nas luzes de serviço, na porta lateral que dá p os camarins, no puxadinho que pinga em cima do piano de calda, na lateral que tem uma pesa grande usada nas reuniões. Só depois que eu ia saber que os holofotes eram pesados, que esquentavam, que muitos deles ficavam queimados no quarto de bagunça que fingia que era almoxarifado.

Sempre saía de casa forçado. Recebi o ingresso sem ter pagado por ele, não tinha dinheiro, ia pagar depois. Mas era pra ir. Ainda tinha medo de sair á noite sozinho. Tinha medo, sempre tive medo de sair na rua depois que descobri o que era ser gay. Acho que por isso que eu tropeço, que num descompasso, caio, piso leve, falo baixo. Por isso tenho olhar disperso com o todo e atento à homens com olhar torto ou riso de canto de boca.

Subir escadas, descer escadas ouvir o barulho do ar condicionado, a voz no microfone dizendo que estava felizes de eu estar ali. Eu sentado na poltrona, sempre num canto, fui forçado a sair denovo desta vez.. Será que era uma frase corriqueira? A felicidade se resumiria à minha presença?

Era. Os dois. Mas a gente se acolhe, se sente acomodado, intimidade é isso: sentir-se pegos no laço do abraço.

Quando escurece tudo, e ouve-se os 3 sinais. O barulho da cortina, também marron claro, abre-se rangendo molas de braço. Depois eu fiquei sabendo que abrir cortina na mola do braço é um dom... nem tão rapido, nem tão lento, no ritmo da música. Eu ja fiz isso, quando o botãozinho verde/vermelho parava de funcionar. Uma vez ele parou e ela caiu no meio da cena: ficou lá, nas laterias rasgando a cena. Ficcioneando a sua parte atriz em forma de cabo de aço, pendentente no proscenio. Quando a luz baixou ouvimos o barulho de retirada. Mas a história nao é essa. É da primeira vez.

Sentei lá, desbotado acho, e vi a luz queimando os personagens (que eu nao sei se sabia se eram realmente personagens) eram seres: Cantavam, povoavam o palco enorme. Que vi, depois no meu tempo, que era pequeno, baixo...Por isso queimava, derretia a pasta dagua.

Sentado, via. Eles pediam para todos serem crianças e soltavam bolhas de sabão. Eu olhei as bolhas de sabão achando que aquilo era arte. Tinha certeza que era. Se a atriz era arte eu não sabia, ou se ela fazia o seu bem-feito, ou se decorava a música afinado. Não sei. Mas sabia da bolha, redonda e limpa. Pura. Saída da boca soproza do ator.

Vi, enquanto a bolha subia, o holofote quente que a fez explodir. Na explosão era um eco do baixo, da bateria, das flautinhas que estavam ali. A bolha era a performer máxima da cena e com sua morte, vinham outras, e outras. Umas mais potentes de limpeza, outras mais molhadas de sopros de corpo suado. Direção nenhuma tinha, só voavam sendo bolhas. Na minha cabeça dizia que a bolha que era feliz, ela que era leve de arte, senhora de si enquanto bolha e senhora do vácuo depois de explodida.

Na bolha eu sentia todos os sonhos que tive e terei. Sempre que vou ao teatro lembro de bolhas que ecoam sonhos.

Todos os meus sonhos se realizaram. Todos eles continuam sonhos. Lá em algum lugar do imaginário eu sou tudo que eu quis ser, ou serei um dia.

Nesta noite eu sai querendo fazer aquilo, porque teatro me pareceu uma espécie de coletividade que todos estavam seguros. Todos tinham seu lugar, executavam uma função, estavam exagerados e maquiados. Tinham uma sensação de estabilidade, mesmo cantando em desalinho.

O que é o desalinho? Sair da linha em descompasso. Mesmo estas ameaças e perturbações eram belas. Eu ia descobrir que não nasci p ser equilibrista. Ninguém quer ser mal, todos querem ser bons no teatro. Até a bruxa. Até o mau. O mau faz o seu melhor pra ser bom em ser mal.

No final eu me senti tão invisível ali, queria fugir, correr, sair dali. Será que eu poderia ser uma diagonal instável no quadrado escuro da caixa cênica? Anonimada numa sombra vaporosa? Podia. Era sonho.

Depois de um tempo, na sala de ensaio, descobri que havia uma parte da sala com um empilhamento de sonhos. Eles eram de madeira, papel, isopor, espuma, tecido, brilho, cores. Num empilhamento de sonhos sempre há uma resposta. Sempre havia uma limpeza anual dos bagulhos empilhados em forma de sonhos, sempre basculhava em caixas procurando o que fazia bolhas.

O Lança-bolhas era uma coisinha pequena quase do tamanho de um baton. Pequei, fui à janela. A bolha velha caiu no telhado. Sempre que uma bolha estoura, mesmo longe eu ouço seu ploft. A bolha me dá lição de presença quando estou no palco: Só ficar presente que o nervoso passa. Repetia isso com cuidado..10, 20, 50 vezes. Confia no encontro do corpo com sua presença, me dizia a bolha. Não tem jeito, eu sempre esqueço.

Minhas duvidas seriam voz no palco? Ainda estou nele procurando a resposta.

SOB O RUÍDO

o ruído cresce confuso
na claridade do dia,
sobe ainda pelo quarto, só penumbra e corpo,
talvez como olhos
ou mãos de navalha pela planície das horas.

dentro existem os sonhos. dentro, o incerto sangue
ou os rios de pálpebras de onde nascem
as sementes esquecidas do mundo.
dentro, os tempos estendidos e vazios
da respiração,
as coisas, o íntimo calor das peles,
as marés dormindo sílabas,
os seres à margem do começo,
– o movimento longínquo do pensamento.
e o ruído cresce tomando tudo na nossa frente.

A FRONTE INCERTA DE APOLO

Não conheço teu começo esquecido
onde as sílabas amadurecem. Mas
teu ser brilhava ainda como uma maré
na qual tua respiração, voltando sobre si mesma,

detinha-se e brilhava. de outro modo não pôde
tua pele cegar-te e nem o inacessível calor
das coisas pôde chegar o tempo
até aqueles mundos, onde o sol pende.

do contrário ergueram a pálpebra vazia e longínqua
sob o rio estendido dos sonhos.
e não tremeu assim, como sangue íntimo.

e nem explodiu para além de todas as mãos
tal como as horas. pois nela não houve penumbra
que não te mirasse: precisaste mudar de corpos.

ELOGIO DO LONGÍNQUO

os olhos envelheciam, fontes infieis.
as linhas iam enredadas, nuas.
no mar pantanoso eu apenas
definhava e gritava.

as promessas se dissipavam em errância.
as cordas brilhavam silenciosas
entre os pescadores enforcados. os fulgores não chegavam a mim.
o juramento me repugnava.

o negrume cobria até os homens. certamente
a rapina da vida
morava naquele negror. meu sonho rareava
lentamente.

MEDUSAS

uma a uma pelas águas vão as medusas
vão em gesto de círculos e silêncios
rasgando as formas misteriosas como uma pedra

e todas as medidas são novamente habitadas
para além das luzes de seus reinos

SOB O TEMPO

sob o tempo em minha respiração após a sílaba –
sob o tempo e sob o sonho confuso do tempo sobre o mundo,
sob a pele
sob os sonhos e os sonhos dos sonhos
do tempo e dos tempos sobre o mundo
nas pálpebras
após o ruído, a penumbra, os começos,
estendido sob o tempo em minha respiração toda incerta
estendido – inacessível – esquecido –
o verso!

O trapo

Tinha os olhos virados para o vazio, aquele suco negro rasgava-lhe o rosto. Sentada em sua cadeira de Napa negra fumava o seu cigarro. Era noite de natal, mas aquela noite nada tinha de natal. A casa vazia, somente ouvia-se o grito do silêncio. Levantou-se da sua velha cadeira de Napa, pensou em vestir o seu vestido novo, mas não lhe deu vontade. De mãos dadas consigo mesmo caminhou pela casa toda. De luzes apagadas, ele estava no buraco da escuridão, brincando consigo mesmo. A brincadeira era: se de fato conhecia a sua própria casa. Visto que ninguém a conseguia conhecer, os seus filhos desconheciam a sua própria mãe e o esposo deveria estar algures por aí cortejando e enchendo de presente as suas amantes. E ela, só. Assim como saíra do ventre da sua mãe.

- cinquenta anos de casados. A primeira com 46 anos, o segundo 43, o terceiro 40. Mas mesmo assim, eles não me conhecem. Não sabem que o meu melhor natal é aquele que me traz de volta todos os filhos, netos e marido. Tanto tempo juntos, mas não me conhecem.

Exclamou a mulher sentando agora frente a frente a um retrato da virgem Maria. Com os olhos piedosos olhava para o retrato da virgem Maria, sempre com aquele olhar triste enfeitado de uma melancolia em demasia. Por um instante ela encontrou uma metade de si dentro da virgem.

Talvez se tivesse uma irmã ou irmão gêmeo, esse sim, seria dela por direito. Mas não, nasceu só. E com certeza morrerá só. E o seu corpo naquele chão appdrecerá. Levantou-se novamente, pôs-se a andar. As escuras abriu a porta que lho dava acesso ao jardim. Olhava para o verde do capim fino e macio, logo lembrou que até ontem havia gente correndo pelo jardim, gente que não era ela. Até ontem a casa estava cheia de soluços de dor. Uma dor sentida por gente que não era ela. A casa estava inundada de lágrimas de sangue. Lágrimas paridas de olhos que não eram seus.

- Eu sei que eles voltarão. É sempre assim. Eles vêm e vão assim como as ondas do mar.

Disse ela estatelada no verde daquele jardim. Levantou-se em direção ao mar e ficou ali encarando o mar. Sem nada dizer, sem mesmo abrir a boca ficou imaginando que ela fosse o mar, e que as ondas são os seus filhos e esposo. Eles vão e voltam quando quiserem. Voltam para roubar energia desse mar materno solitário. Voltam sempre. Como presente naquele natal obscuro, o seu esposo trará os bolsos nus e famintos e Os seus filhos trarão para ela feridas alcançadas na batalha da vida. Farão com ela beba do suco negro e Salgado que sairão dos seus olhos negros e melancólicos E, ela com aquele sopro leve maternal soprará até que a dor passe, até que as feridas sarrem. Com aquele ar de mulher obediente, ajurà o seu esposo a alimentar os bolsos famintos. E estes novamente a largarão no meio do nada. E celebrarão a ressurreição com gente que não os viu morrer. Ela vagará solitária feito uma alma penada.

Pensou em mergulhar naquele mar o seu coração enegrecido pela dor, mas preferiu que o mar a sentisse, sem mesmo ela o tocar. Deu costas ao mar e caminhou de volta ao seu jardim, do jardim somente levou o aroma das rosas e o verde do relvado para esverdear a noite escura. Estava agora em sua cozinha. Procurando algo que ela desconhecia.

As lágrimas mais uma vez rasgavao-lhe o rosto. Os seus olhos tomaram a cor do sangue. Caminhava naquela cozinha silenciosa. Sentou-se no chão para sentir cada cor e cada sabor daquela escuridão natalícia. Passara bem na frente da mulher duas baratas, sem demora chegaram duas formigas. Pensara ela em matar os bichinhos, não por serem nojentas, mas por estarem a passar o natal na companhia daqueles que eles amam. Diferente dela que arrastava-se naquele chão frio e gelado feito uma serpente.

Olhou pra a sua cozinha com mais rigorosidade e notou que tudo tinha uma ou um companheiro para passar o natal, menos ela: Eram quatro paredes, tinha seis panelas ao lume, seis bocas de fogão, duas conchas, quatro colheres sobre as duas mesas e quatro cadeiras. Somente ela estivera só. Somente ela não. No mesmo chão onde ela serpenteava havia algo só, acabado quase sem vida. Tinha o corpo repleto de queimaduras. Estava suíno pois não tivera vestido a sua roupa para o natal. Aquilo estava igualzinho a mulher que com os olhos escancarados o contemplava. O trapo fascinou-a. Ela encontrou-se no trapo. A sua imagem refletiu-se naquele pano velho e gasto. Toda sua vida resumia-se num trapo. Um trapo velho, era isso o que ela foi todos esses anos. Assim como o trapo, ela nascera para servir. Assim como o trapo queimara o seu corpo para que os seus não queimassem as suas mãos delicadas.

Finalmente ela encontrara-se no trapo. O trapo jamais saboreou a refeição que tira dos lumes ferozes. Assim como a mulher jamais saboreou as Victorias dos filhos que a enfeitavam de dor nos momentos da batalha. Colocar um trapo na mesa seria um falta de higiene sei lá, algo parecido. Levar uma velha mãe para celebrar Victorias em lugares luxuosos é vergonhoso.

A mulher aproximou-se do trapo, sorriu enxugando as lágrimas, levantou o trapo do chão sorrindo. Parecia mais forte agora. Lavou o trapo até que ficou imaculado, a mulher vestiu o seu vestido vermelho da longo. Passou o secador no trapo. Pegou o seu novo companheiro nos braços e foram algures onde por um instante deixariam de ser trapos. Algures onde viria um garçom e lhes perguntassem:
-O que os senhores desejam?

E aí o trapo e ela deixariam de ser trapos. Saboreariam o mel de ser servido.

DESENHOS ANIMADOS

Piúi, piuí, piuí, piuí, Juvenal Violino viajando vai cantar a intenção de reatar, rever sua musa do mar. Trem, ação, aviação, carango, maria-fumaça. A trança, trança jovial, Anita seu amor carnal. Todo o ardor a atormentar a propriedade de lembrar, apropriando a tela salva ao estilo de lamentar. A alma calma timbrando o instrumento que ele próprio faz. Assim tira a ilustre capa estribilhando o violão. Anita bonita, recalçada, põe justa combinação. Bota um salto e seu casaco, entra no carro e vai pra lá. Ele vem se aproximando para ela encontrar. Não em vão estão recitando a pura sorte de chegar à já marcada referência, corte planejada a arejar.

Anita musa, linda em cena, arrumada e atemporal num movimento afinado já chegado a ser quadrado, esfera do ato de esperar o seu homem literato. Exigido em legítima clave a tocar. Seu penteado esculturado, gargalhado a despentear... Ela sim já sabe o fato, não tem medo de enfrentar. Arrumando seu cabelo, esperado, serpenteado. Seu homem lobisomem encarnado a lhe olhar... E Anita vai perseguida por seu homem Juvenal. Violino arrependido, lobisomem sensual... Parado num, por favor, de ser homem lobisomem transformado em ideal. De Anita presa tátil, encantada no quintal. Quer agir como arapuça do Juvenal, bom, terno e tal. Relacionados mais que adultos ambos estão feitos sal. Eróticos jogos a brincar em uma banheira. Heroicos num balde a sonhar... Debalde a casa velha assombrada ao luar, uivo dado à revelia, brinde mais particular. Reencenado num segredo, fato ambíguo de amar. Que não contam nem ao padre das suas vidas incomuns. Excomungados sociáveis. Consequência virtual. Piá bela, batizada, sem o susto, pois sua reza é clerical. Sabe de fato o labirinto, e segue a estrada armorial. Cruza o arco da distância, igreja cruz da dimensão. Tudo estranho e desviado, oratório de irmãos. Ladeando pieguices de um santo Juvenal. E Anita o sim dessa palavra, já tocada a se livrar do enraivecer, porque é mulher bem sabida e sabe rir em suas falas...

Árduos belos que passeiam nesse parque diversão. Aceso em néons. Gritos. Montanhas de sustos, peroladas de brincar. Cuidando dos russos gritos, que fugidios seres dão ao ar. Assustando em esconderijos dessa arca de Noé. Fantasmas afogados no mar de outra maré. Ai meu deus que susto grande, certo dia de luar. Que medo de meu deus, meu deus... Ainda giram no chapéu “mexicanoir”

Evaporando em brinquedos, cavalgados carrosséis. Personagens cavaleiros, que cavalgam, e cavalgam à terra da fumaça. Lugar ermo da enigmática flor. Flor de cinco vis cabeças brilha fogo, espelho e sangue. Transe, estrela cadente, escorre fé num tobogã de explicações. São desenhos animados, sonhos maldeitados, sons, sanguessugas, vampiros da imagem. Anã, íris, virada e curta. Cine-sangue repartido, emocionado pesadelo maldito parido feito leite. Uivo no ocaso crepuscular...

Transformação irreal formada pelo medo. Sangue doce dessa crença, imagem sensacional. Real sangue do fato, olfato fátuo da descrença, parapsicológica ao formato da imensidão do ar. Luar de Anita no momento em que cala em seu suplício. Ele, assim, está sorrindo. Só chegará se educado, pois é doce o tormento.

Informado, está tudo quebrado. Nada ficou além do rádio, e a imagem da estrada da praia. Horizonte escravo vai e vem no carrinho do parque a ter e voltar...

E tece a escuridão, encanto do que houve. O susto dum vampiro. Boneco feito néctar. Figura. Assassinato no parque. Os alhos das ideias. Cores de viver, a estória exata pra contar.

Desfazendo pegadas, porque diz, sou feliz. Amo Juvenal, e sou Anita, grávida no mar. Ouça, ainda vai dizer, pois se finge de coitada, sorrindo por fugir do lobisomem sensual. Sou como um caranguejo na praia, prata daqui. Bala pronta, prata agulha, nunca mais eu vou fugir. Dormindo, sou igreja crescida. Também cabelo e mulher. E roupa bem passada. Janta recortada. Também já sou cansada. Ele é gravata, terno e também o mar. Ele é o meu mal necessário, que come o jantar... O mal é necessário, e deito a corar. Eu o coro de vermelho, no espelho desse lar... Então estou aqui, a titubear...

Gelimenta

Roberto Minadeo



As palavras são tantas vezes traiçoeiras e escorregadias. Trabalhar com elas é uma verdadeira arte. Tentar aprimorar a Língua Portuguesa pode parecer uma heresia. Estas pobres ideias me vieram à mente ao me deparar com a melhor geleia de pimenta que jamais apreciei.

Há tantas pessoas no mundo a quem qualquer coisa fica melhor se condimentada com pimenta. Chega a ser difícil imaginar a incrível culinária mexicana sem esse riquíssimo tempero – introduzido por lá nos tempos dos povos indígenas.

Nada mais normal do que apreciar geleia de pimenta, que permite, por exemplo, apimentar alguns pratos de forma vantajosa, pois o famoso frasco de pimenta – normalmente de uso coletivo – necessita ser limpo com frequência, enquanto o formado de geleia é mais higiênico.

Ao pensar em “geleia de pimenta”, imediatamente me veio à mente que a língua ganharia muito em economia se introduzida fosse a corruptela “gelimenta”.

Uma interpretação simplista da proposta seria que visa facilitar a linguagem. Nada disso. O que se tem em vista é trazer um substantivo a mais para algo efetivamente importante – ao invés de se fazer necessário o uso de dois termos unidos pela preposição. E não é um substantivo qualquer, mas um que exprima toda a riqueza da “geleia de pimenta”.

Crônica: Borboleta Aprendiz

Autor: Andreia Caires

Às vezes sinto-me uma menina, mesmo sendo uma mulher e levo sustos constantes quando me lembro que já sou uma senhora com mais de 40 anos!

Gosto das minhas linhas de expressão, (não tenho muitas) mas claro, que elas estão aqui no meu rosto para não me deixar mentir. Elas contam minha história.

Não seria nada mal se eu ainda tivesse aquela pele de pêssego de outrora mas, é preciso admitir que o tempo passou e aquela era outra Andreia, com outra cabeça, ainda que com muitas das mesmas manias de hoje do tipo: “separar a bolacha recheada no meio e comer a parte do recheio primeiro ou insistir na mesma marca de shampoo de vinte anos atrás ou desenhar com o dedo no vidro embassado do carro..” Ou seja, aquela era apenas um projeto de mim hoje.

Tive que passar por inúmeras fases e metamorfoses variadas na minha vida até conseguir “me encontrar”. Essa história de “se encontrar” não é coisa de adolescente não.

Até hoje fico me esbofeteando toda vez que cometo um deslize, que insisto em “mutilar” meus sonhos achando-os ousados demais para alguém como eu. Mas é preciso aceitar a minha essência, a verdadeira Andreia que renasceu, saiu da crisálida e agora possui grandes asas azuis.

Para vocês terem uma ideia essa borboletinha aqui já foi: Grunge, roqueira, gótica, curtiu muito samba, resolveu andar certa época toda de branco com um enorme crucifixo no pescoço e se dizendo “espírita”, já se consultou com uma mãe de santo e, na hora que ela incorporou um espírito e engrossou a voz, saiu correndo de medo e nem quis saber o que ela tinha pra falar, já foi bruxa, obreira da igreja universal, foi abandonada às vésperas do casamento... enfim, amadureci e resolvi andar com as próprias pernas ou melhor, voar com as próprias asas. Fiz da minha religião o amor, e entendi que as decepções nos fazem sofrer mas, é exatamente o sofrimento que nos torna mestres de nós mesmos.

E, como essa borboleta apesar de ingênua em seu passado de “lagarta e borboleta aprendiz” ela não esqueceu uma coisa importante: Escrever! Escrever tudo o que lhe aconteceu ao longo da vida, ainda que ninguém queira ler, ela anotou!

Sim, meus amados ou pensaram que eu iria ficar a vida inteira chorando descabelada e me entupindo de doces? Uma borboleta é precavida...eu sempre digo que ela não voa alto apenas, ela voa baixo já repararam?ela precisa conhecer o terreno, sentir o cheiro da terra, das flores, do mar...

Aproveitei os anos sombrios que passei e, escrevi tanta coisa que nem eu mesma sei o que escrevi. Só quando começo vasculhar o computador e os antigos cadernos.

Compreendi ao longo da vida que menti demais para mim mesma. Que cometi umas crueldades comigo também, para satisfazer uma carência que já não combinava com o azul iluminado das asas que queria se mostrar em mim.

Hoje, sei perfeitamente que estou envelhecendo e sabe como sei? Não é pelas linhas de expressão ou algum fio branco, ou o cansaço a subir uma escada mas, pela vontade e necessidade louca de viver intensamente. Afinal, a borboleta não quer saber quanto tempo têm para viver e sim, quer mostrar suas cores, voar e ser sim, a dona do tempo.

Alice

Já se passavam dez anos, uma década é suficiente para muitas mudanças...

Quando ele saiu da pequena cidade para iniciar sua carreira militar, seu pai trabalhava num banco estatal, recém tinha terminado o segundo grau, era um garoto extremamente magro que despertava preocupações na mãe quanto aos exercícios na escola de sargentos, a família como ele, havia se mudado da cidade, uma oferta de gerência tirara o pai da tranquila Minas Gerais e o levava para o belo litoral baiano.

Agora o garoto havia se tornado um Dragão de cavalaria, já não era um rapazola magro, o tempo, a idade e o militarismo deram-lhe ares melhores, aumentando-lhe o peito, extraindo o olhar assustado dando-lhe em troca um olhar atento que bem combinava com seus olhos negros, o latino rosto moreno trazia um olhar tão sereno que assemelhava ao dos atalaias.

Caminhou pelo centro da cidade que havia mudado pouco e ninguém o reconheceu, hospedou-se num hotel modesto e confortável, viera para ver com os próprios olhos a bela Alice. Dez anos que pareciam vinte por conta da ansiedade. Era sábado e iria vê-la as 19:45, como bom militar que tentava ser, não poderia jamais chegar atrasado, no entanto, tomaria cuidado para também não chegar exagerada antecedência, zelaria pela pontualidade.

Procurou por uma cafeteria no reduzido centro daquela cidade pendurada nos morros mineiros, soube pelo atendente da farmácia que não iria encontrar mas, foi lhe indicada uma certa Padaria Pão de Mel.

Apreciava o café e contemplava o movimento da calçada. Do mesmo modo que não lhe reconheciam, ele também não percebia nenhum rosto conhecido, salvo dos árabes que se dedicavam ao comércio de tecidos na loja frente à padaria, sorriu sozinho ao se indagar em voz baixa “O que estes árabes faziam para nunca envelhecerem?” Quando envelhecem, os traços da face apenas lhes dão um olhar tão sério que poderia assustar uma sentinela desavisada.

Voltou para o hotel, barbeou-se, tomou um banho demorado, perfumou-se, vestiu-se com apreço, olhou-se no espelho mais de uma vez, estufou o peito como se estivesse se apresentando a um general, tocou o próprio rosto, até se viu a pentear a sobrancelhas, poxa... Como ninguém o reconheceu? Bom, talvez até Alice não mais o reconheceria.

Como o hotel estava apenas 04 quadras do local que veria a garota da sua juventude, aquela que sentava na terceira carteira da fila da janela da parede esquerda da sala. Ele nunca cabulava as aulas, não perdia por nada neste mundo a chance de contemplar aquele belo amaranhado de cachos negros que descia pelas costas a tocar os glúteos, como Alice era bela, poderia ir á pé, mas... Resolveu ir de carro... Sempre é bom estar prevenido para saídas fortuitas.

Olhou seu relógio, 19:30 horas, abriu o frigobar... Sentiu-se tentado, será que seria conveniente? Não tinha o hábito de beber... Engoliu à seco sua determinação, pegou a bandejinha de gelo, soltou três pedras, abriu um martini, deve ter colocado umas duas doses... Não era tão ruim.

Desceu, entrou no carro, deslocou-se até estar frente à Matriz, estacionou do lado oposto...

Alice vestia um belo e longo vestido branco, os cabelos cacheados se misturavam ao seu véu, sorridente recebia os cumprimentos pelo seu casamento.

Pequena Biografia:

Roberto Mota, mineiro, natural de Ituiutaba, Licenciado em História pela Universidade Estadual de Goiás, é Militar na Reserva pelo Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, Contista.

Avalanche de terror

Nas florestas ao redor do Palácio Leonor caminha logo ao amanhecer com as filhas de D. João VI, lindas e sapecas, uma rápida e deliciosa definição das pequenas princesinhas, assim ele gostava que as chamassem.

As viu crescer desde a amamentação, cuidava delas como filhas, mas não poderia chamá-las assim jamais, guardava apenas em seu coração.

No almoço ajudava-as a se alimentar, e depois de muitas brincadeiras as vestia após o banho, deitavam-se cedo, demoravam a dormir e por vezes contava histórias para entretê-las.

O casal real gostava de admirá-las em suas folias ao redor do Palácio, em outros momentos olhavam para os filhos em suas aulas de equitação, Afonso estava fazendo um ótimo trabalho.

Havia paz nas terras até aquele dia.

O amanhecer com muito sol e calor trouxe uma notícia triste que logo correu pelo reino, Leonor não acordou para cuidar das crianças, levá-las ao passeio matinal ou cuidar de seus banhos e descanso. Deus a havia chamado para cuidar do Reino eterno que tanto falavam em orações incessantes do povo. Sem marcas pelo corpo, sem brigas ou discussões deram conta de que apenas havia chegado sua hora, se foi sem deixar espaço para pensarem em como fazer dali por diante, pensariam rapidamente em como substituí-la imediatamente. O choro das crianças foi sincero, deixaram-nas a fim de que não se estressassem ainda mais. No mesmo dia apresentou-se Regina, já conhecida por seus doces maravilhosos feitos na cozinha real. Três dias depois um anoitecer que passou a incomodar o tranquilo reino quando encontraram Afonso atrás do estábulo com a garganta cortada, estava caído ao lado do cavalo mais precioso do Rei.

Fato por demais estranho, pois ele era um homem tranquilo, não havia motivos para o acontecimento, noivo, prestes a se casar amava Dani e entre as aulas de equitação e seu casamento já próximo ajudava-a nos preparativos.

Na manhã seguinte as fofocas eram como penas ao vento julgavam o falecido como se fosse um dos grandes amantes da história e que tivera uma morte merecida, sem nada provarem é claro.

Outros cinco dias se passaram o povoado já estava acreditando na paz novamente, foram dois casos seguidos, mas são coisas do destino.

Mas, um grito foi ouvido em meio à floresta, muito alto, parecia forçado demais, logo correram em direção ao local, Jair, Fernando e Elieser que retornavam os gritos de desespero como se fosse um eco de uma voz que fora calada naqueles instantes, eram dois corpos, mas a voz era masculina, não eram conhecidos na cidade, ao menos por eles três.

Cinquenta metros adiante um cavalo amarrado em uma árvore, o terreno era plano naquela parte da floresta, na certa pararam para descansar. Ele levou uma facada no coração, e ela quatro, o assassino quis calar o rapaz, mas, o ódio maior era da pobre moça que aparentava uns 25 anos e ele alguns anos mais velho.

Porque ele teria matado primeiro à moça? Esta pergunta correria pelo povoado nas próximas horas, e ainda a certeza de que havia um assassino em série agindo na região. Com a chegada da guarda todos se dispersaram.

O alvoroço que se seguiu não teve precedentes na história local, em pouquíssimo tempo chegou a todos os locais da colônia, comerciantes complementavam as histórias deixando elas ainda mais perturbadoras.

O assassino parecia gostar de ouvir os comentários, na certa se embrenhava em meio aos bêbados dos becos, ou entre os que dormem nas praças e ruas, ou ainda vestiam-se como os nobres em seus chás da tarde rodeados de moças bonitas planejando matá-las.

Com o início de uma investigação mais acirrada os casos cessaram pelo menos é o que parecia, mas a névoa da morte e da conspiração voltou a sobrevoar a região, impossível pensar em tamanha crueldade.

As festas eram comuns, mas todos andavam em grupos, ninguém se aventurava a sair só, menos ainda às mulheres, fato que levou a formação de novos casais na cidade, as donzelas sentiam-se protegidas ao lado de homens fortes e robustos principalmente.

Mas, não foi o bastante. Aparentemente o assassino era conhecido de dois destes casais que se embrenharam nas matas com bebidas a tira colo e o assassino usou disto para envenená-los. Veneno usado pelos índios em suas setas usadas para derrubar os inimigos. O amanhecer teve um ar de tamanha tristeza que o choro era ouvido em muitas casas, irmãos, pais, avós reagiam ao fato de formas bastante contristadas, e eram amparados por autoridades e amigos, familiares enquanto o cortejo era preparado.

Gritos de pedido de justiça e ação mais intrépida da guarda eram ouvidos na noite iluminada por candelabros ponteados em lugares cada vez mais numerosos, o medo do anoitecer tomava conta.

Nos dias seguintes procuravam por sombras nas matas, por armas brancas envolvidas em cobertores ou próximo aos que dormiam nas ruas, no entanto sabiam que o perigo podia vir de qualquer pessoa da sociedade e pior, um assassino poderia ter feito aflorar o mesmo desejo em outra pessoa, pois os crimes que ocorreram a seguir não tinham como serem ligados entre si, exceto pela regionalidade, classes sociais distintas, idades e profissões diversas.

A verdade é que todos eram e não suspeitos ao mesmo tempo, não se podia duvidar, mas também não era seguro confiar em ninguém, e pelo que viram mesmo em grupos, pois o assassino era conhecido e amigável do povoado.

Mas, a vida tinha que seguir, soldados foram arregimentados para ficar em locais por onde passavam os pedestres mais comumente, no entanto as maravilhas da natureza faziam casais fogosos, ou famílias adentrarem as matas. Iriam redobrar os cuidados.

Na terceira semana após os últimos “assassinatos” algumas pistas apareceram e estas mudariam os rumos das investigações, os dois casais envenenados aparentemente não foram mortos, foi um suicídio coletivo de comum acordo, havia quatro copos, colocados ao lado dos corpos, e não havia uma quinta marca de pegadas no local. Os corpos estavam pacificamente deitados em posições que não imprimia reação ao fato de estarem passando mal, aparentemente sabiam dos sintomas e queriam passar juntos pela experiência.

Mas, o fato foi elucidado porque encontraram bilhetes de despedida em um dos quartos e ao procurarem acabaram encontrando em todos eles, em todos era comum o amor e a esperança de vivê-lo na eternidade, sabiam que os pais não permitiriam seus enlaces.

Aparentemente este fato fez com que o assassino deixasse de agir por este tempo, mas, atacaria no dia seguinte. Um dos cavalos mais caros da região, não pertencente ao rei é claro, passou pela vila a desfilarem elegantemente sem a companhia de seu dono. Era manso, mas pela primeira vez o viam livremente andando pelas ruas.

Carlos logo o pegou pelo reio e avisou que o levaria de volta a casa do senhor Alcides, proprietário do belo animal. Havia somente um caminho até a propriedade, nem era preciso direcionar o Capitchê, conhecia o caminho.

A oitocentos metros da rua onde o encontrara, em meio às matas uma bota de couro muito valiosa caída próxima a uma pequena árvore frutífera. Carlos a pegou em mãos e notou uma pequena mancha de sangue. Olhou ao redor e logo avistou um cinto, aquela fivela ele conhecia, era do senhor Alcides.

Preocupado, amarrou o cavalo na árvore e adentrou a mata, outra bota, desta vez bastante ensanguentada, uma camisa rasgada, e atrás de uma grande araucária o corpo do pobre homem.

Havia aberto o peito do fazendeiro, e aparentemente lhe arrancado o coração.

Subitamente montou o cavalo e foi à delegacia. No local o delegado e dois de seus guardas investigavam a região a procura de pistas encontrou o coração em um pequeno baú com alguns contos de réis regados a sangue, jóias de grande valor e uma carta assinada pelo falecido que seria colocada no correio, mas que lá não havia chegado, nem mais chegaria. Não podiam ler, pois estava lacrada, teriam que ter uma ordem do juiz.

Estas pistas levariam a um funcionário descontente com alguma situação, ou alguém que dependeu da riqueza dele e não foi atendido. Seu tesouro encontra-se onde está seu coração. Aquela frase seria ouvida pela cidade e redondezas nos próximos dias.

Poderia também ser um moralista que o apontava por ser um homem que em nada se preocupava com o povo, queria ele dar uma lição aos mais ricos?

Se assim fosse os outros crimes não passavam mensagem alguma, eram trabalhadores, uma era cuidadora de crianças, nada havia em comum.

A população assustou-se. Evitavam andar pelas ruas mais desertas, buscavam companhias bastante seguras, andavam em grupos ainda maiores, e os famosos piqueniques ficaram bastante escassos.

A noite chegou ao povoado, mais candelabros eram acesos a cada crime, D João VI exigira da guarda a presença do criminoso em no máximo quinze dias para o julgamento que ele já tinha formado dentro de si, e todos sabiam o que aconteceria.

Guardas se espalharam, mantendo posicionamento para cobrir toda a área ao redor do palácio e do povoado. Uma guarda especial chegaria em dois dias para ajudar a solucionar a onda de assassinatos.

No dia seguinte o cortejo para o enterro foi seguido por quase todos os habitantes das localidades, as fofocas eram colocadas em dia e muitos apostavam que não encontrariam o assassino no tempo exigido.

Senhoras preparavam os almoços e jantas dos guardas e iam distribuir em seus locais determinados, não podiam sair dali para nada.

Estas eram escoltadas por guardas, todos temiam encontrar-se com o ainda desconhecido personagem que aterrorizava a todos.

No revezamento da guarda, um cuidava do outro na chegada e saída da posição em que se encontravam. O delegado Fausto sabia que não era o bastante, mas até a guarda de reforço chegar teria que ser desta forma.

Para manter-se informados, todos combinaram em dar um tiro ao alto a cada duas horas de plantão, eram 14 grupos até o momento.

Na primeira noite tudo tranquilo, nada de estranho, fausto informa o rei que estava tudo em paz.

No entanto a noite seguinte seria altamente estressante, o povoado, a corte do rei e em especial o delegado passaria por um terror jamais imaginado, estavam diante de um assassino extremamente cruel. Os quatorze tiros das 20 horas foram ouvidos por todos, mas às 22 horas somente quatro foram ouvidos, de pronto o estranhamento tomou conta de todos os que esperavam por mais uma noite de paz.

Fausto estava ainda na delegacia, não conseguia se apartar do serviço até que resolvesse o caso. O silêncio das armas o aterrorizava. Cinco minutos depois um tiro foi ouvido nas bandas da propriedade do falecido Alcides, mas a esperança acabava ali. Ele arregimentou na calada da noite o único que havia ficado de lado do plantão e foram em direção aos que haviam dado o sinal de estar tudo bem, não deveriam largar o posto em situação alguma, e é o que fariam.

Muitos chegados ouviram a orientação dada aos guardas e a essas alturas estavam preocupados também.

Tinha que agir rapidamente. Selaram os cavalos e foram pegar os guardas para juntos irem aos pontos de onde não haviam sido ouvidos os tiros.

Marcos foi o primeiro a ser encontrado, estava preso à árvore com a boca envolvida em um pano e flechas em três pontos mortais no peitoral. Ele era muito forte, concluíram então que não era apenas um que procuravam.

Deixaram-no ali e foram no ponto seguinte, já preparados para outra cena de terror, e assim foi, Daniel estava também amarrado à árvore, mas desta vez de ponta cabeça e com a garganta cortada, o chão recebia seu sangue em uma cova aberta certamente pelo assassino. Ao redor da cova o distintivo, a arma, o cinturão e o óculos adequadamente organizado.

As cenas seguintes foram semelhantes, exceto por Miguel do qual extraíram os dois olhos, ele havia dado um tiro, mas morreu logo em seguida.

Desesperados voltaram à delegacia, a estas horas já tinha mais de cinquenta pessoas querendo saber o que estava acontecendo. Ele nada revelou naquele momento. A cidade não dormiria.

Após dispersarem a multidão reuniram-se, e Fausto repetia: São dois, ou talvez mais, mas por quê?

Como conseguiram fazer isto em tão pouco tempo?

E pior ainda, como chegaram próximo a eles sem resistência alguma?

Deduziram ser mais de um, e conhecidos para que fossem abordados sem resistência.

No dia seguinte todos ficariam sabendo e o caos seria imposto sobre a região, no dia seguinte mudariam as estratégias de investigação. Com dez homens a menos e a situação extremamente agravada D João VI colocou parte de sua guarda pessoal para ajudar nas perícias.

O inferno de Dante se fez presente logo que o dia amanheceu nada tão terrível fora relatado até os dias de hoje.

Fausto enumerou alguns nomes que por mais que fossem improváveis seriam capazes de praticar tais crimes, pela força dos braços e conhecimento dos seus subordinados, tinham que começar por alguém e iria ser frio e calculista com todos, até o Padre Antonio investigará se preciso for, mesmo sendo franzino e extremamente calmo.

Os crimes eram uma afronta direta ao delegado, ele havia prendido alguns criminosos da região e poucos tiveram finais trágicos na prisão, dois enforcaram-se, e poderiam ter filhos traumatizados, mas todos foram para outros lugares após os fatos. Teriam que investigar um a um. Três que eram de seu conhecimento foram espancados por guardas, mas ele abriu processo interno e os mandou para outras delegacias, e os presos recuperaram-se após tratamento.

Outro sinal dado pelo assassino é que ele queria que o encontrasse, afinal de contas não tem como ser diferente.

A fim de não chamar a atenção para pessoas de bem, foram em muitas residências perguntar sobre vir algo suspeito e a tira colo pedido de depoimento, cuidado que Fausto fez questão de tomar a fim de não espantar o verdadeiro assassino.

Havia três salas para interrogatórios, e antes das dez da manhã teriam prováveis assassinos sentados em suas cadeiras.

Matar tantas pessoas em pouco tempo deixa hematomas, logo saberiam quem era.

Assim foi até as 15 horas, exaustos e desanimados pelo intento não estar dando o resultado esperado entrou na sala o último e mais improvável suspeito, ele tinha uns 35 anos, um rosto angelical-marceneiro-ele fazia móveis para o castelo e muitas residências, era muito bem visto por todos, bastante forte e trabalhava junto com seu irmão. Foram chamados pela força e relacionamentos públicos.

Quando entrou e percebeu que se tratava de um inquérito agiu calmamente, mas sabia que seria pego, e a prova estaria em seu corpo todo, muitas marcas de aparentes surras que levava quando criança, e três hematomas recém formados, Fausto percebeu que se entregaria, e logo deduziu que faria parte de uma de suas prisões, mas o sobrenome não batia com nenhum deles.

Estava ele ali diante do assassino e seu irmão na sala ao lado, ouviram suas histórias, mas não podiam se compadecer, a prisão seria o destino de ambos.

Quando o pai deles enforcou-se na prisão, a mãe os levou embora, espancava-os e os deixava passar fome, ela morreu de tristeza três anos depois. Morreu pedindo perdão, mas queria vingança, pois o pai era inocente.

Ferreira e Ferraz trocaram de documentos para não serem descobertos, e foram para a região onde programaram tudo e começaram agir. Fariam o mesmo que o pai na prisão, por isso não ligavam para o fato de serem presos.

A história mudou o modo de agir de guardas e delegacias, pois o erro pode levar a criar novos insanos a cada tempo.

Fausto saiu dali assim que tudo se ajustou, foi para o outro lado da colônia, viveria com esse trauma até o último dia, esse era o objetivo dos irmãos, e certamente o conseguiram.

Namorados conversados

- Não sei como te hei-de contar isto, mas para estar vivo é preciso não morrer.

Olho para ela e faço cara de parvo

- Sim, claro, pois, evidentemente!

Ela insiste.

- Sim, não podes morrer de amores por ninguém. No dia em que te apaixonares, estás desgraçado.

- Mas, balbucio, titubeando.

- É como te digo. Por exemplo se te deixas “abater” por uma doença. Tens os dias contados. Se te zangas com um amigo estás condenado à solidão e ao desaparecimento.

- A vida é malévola, concordo, mas isso de a vida ser o contrário de estar morto, não está cientificamente provado.

Hoje tudo é discussão, duvida, especulação. A frase acima citada foi dita, em tempos por uma socialite portuguesa, e alvo de grande especulação e gozo. Depois, com o tempo, foi perdendo força, mas ganhando credibilidade. É que a socialite continuava viva, mesmo depois de morta, isto é, tinha morrido, mas aparecia nos eventos sociais, dava entrevistas e era capa de revistas.

Afinal, estava viva ou pelo contrário estava morta?

O mesmo se passava com o fugitivo à justiça, estava na África Sul, no Brasil, em Taiwan ou em Cascais? Nunca se sabe. Da África do Sul chegava-nos mutações do vírus para comemorar o Natal. As escolas fecharam mais cedo e tornou-se obrigatório o uso de máscaras e de vacinas e de certificados de imunidade.

- Não te iludas. Ninguém está imune.

- Pára com isso, estou a ficar preocupado. A vida e a morte sempre foram uma inevitabilidade. Não se pede para nascer e ninguém foge à morte.

Ao longe passa um barco com velas ao vento. Um navio de cruzeiro tapa por instantes a vista, com o seu volume de hipopótamo, e quando a paisagem volta ficar visível o pequeno veleiro já não está lá.

- Quem te diz que não se afundou?

- Não! Os veleiros andam rápido, estará além, ali mais abaixo.

Mas, não o consigo descortinar.

- Pode ter ganho asas e ter voado. Diz a minha companheira querendo gozar comigo. Olho-a desconfiado.

- Tu és bonita, mas também és parva, não é?

Ela não se irrita, nem se desfaz.

- Tem dias. Responde.

- Quem tinha razão eram os da idade média que haviam inventado o purgatório, um limbo lamacento onde os seres vegetam. Que afinal, é o que fazemos aqui.

Fica o silêncio entre nós. Sim, não me posso apaixonar por uma pessoa assim, mas o seu olhar, as suas pernas, os seus seios são irresistíveis. As suas teorias estupidas e sem nexos, deixam-me perdido, mas cada vez gosto mais dela. Sei que vou sofrer amando esta mulher.

Olho-a discretamente e ela fixa-me nos olhos, virando-me a cara com as mãos.

- Então, não morras. Gosto de ti!

Beijamo-nos e saímos do cinema de mãos dadas.

Pesadelo Perpetuo

Em um dia qualquer
Acordei assustado
Devido a um pesadelo
Muito atormentado

No triste tormento
Existia uma pandemia
Que em nossa realidade
Ninguém combatia

Falavam de vidas
Com dados de economia
Reinava a intolerância
Governado pela hipocrisia

Famílias destruídas
Luto e dor
Lágrimas derramadas
Eterno clamor

Vozes inclementes
Defendiam um vil senhor
Combatendo a vacina
Que a muitos salvou

Lembrei agora
Nesse fim de tarde
Este pesadelo
É nossa triste realidade.

LIÇÕES DE PARTIR

Talvez tarde
Para a densidade do que somos
(nestas imagens envelhecidas
ou entre os traços delicados
do bordado triste da vida)
estes versos são pra isso:
estilhaços deste vidro.

à luz do instantâneo
na clareira da clareza
a percepção doce da lei
a distribuir o verso hermético
(universo épico
de encavalgamentos)
de sagas extremamente pessoais.

São particulares as linhas
buracos de agruras
tecelagem inescapável,
Penélope.

Hoje admiro concordo aceito
que se façam mesmo as trajetórias
Te perdoo por ter ficado
Me perdoo por ter seguido
O que era estritamente inevitável.

Katiuce Lopes Justino

Biografia: Nasceu na cidade de Sertãozinho – SP, estudou Letras em São José do rio Preto, fazendo Mestrado e Doutorado na área de Literatura, onde reside atualmente. Especializou-se na escrita de Clarice Lispector e na poética de Ana Cristina Cesar. Finalista com o poema “Santa Ceia” no concurso “Poesia na cidade”, promovido pela revista Bem-Estar de São José do Rio Preto. Participa da Antologia “Infâncias”, Copyright © 2021 by Toma Aí Um Poema. É professora universitária e atualmente trabalha na área da educação básica, com formação de professores.

O espírito original do bom Natal

Natal é tempo de forte esperança renascer em cada coração,
Trazendo aos nossos lares, renovadas vibrações de harmonia,
Como uma evocação a fraternidade, ao otimismo e a reflexão,
Guiados pela sua contagiante magia, na mais elevada sintonia.

Que os maiores presentes trocados, sejam de gratidão e amor,
Para que possamos distribuir boas ações e nobres sentimentos,
Partilhando o perdão e a compaixão, como louvor ao Redentor,
Mesmo em meio às adversidades da vida e seus contratempos.

Celebrando ao lado de quem amamos, seja unido ou distante,
Esse momento único, permeado por profunda e preciosa paz,
Espalhando-se por todos os dias, numa emanção constante,
Que somente a revigorante e tão vivaz luz do Natal nos traz!

Que as luzes natalinas reacendam a nossa centelha divinal,
Iluminando os tortuosos, ásperos e endurecidos caminhos,
Crepitando dentro de nós, o esplendor da sua aura imortal,
Deixando para trás, o rastro dos cruéis e nefastos espinhos.

Ouçamos a eloquente, digna e sábia voz, do Espírito natalício,
Para que mesmo em meio as dificultosas provas e tribulações,
Sejamos por ela conduzidos, para enorme e íntimo benefício,
Aprendendo nesse entremeio, valorosas e edificantes lições.

E assim, imersos nessa vibrante energia recém-nascida,
Que nos curará de todo o mal que possa ter acontecido,
Sua Estrela Guia será eternamente admirada e seguida,
Coa presença de Jesus Cristo, tendo em nós ressurgido!

Aline Bischoff

Dezembro mês mágico

Depois de se passar onze meses, chega o tão esperado mês de dezembro. E junto com ele a sua magia que se destaca em duas datas especiais: Natal e Ano Novo! Depois é como (...). Termina um ciclo e inicia o outro. E todos os anos se repete enquanto estivermos vivos, sempre vão existir as mesmas expectativas, o mix de emoções, a magia, a sensação de euforia, as vibrações, novos projetos ou até os mesmos, a esperança de que no próximo ano as coisas se resolvam, que dias melhores serão contemplados. Mal sabemos que tudo isso que sentimos podem ou não acontecer, mas ainda sim anos pós anos. Todos esses sentimentos se renovam dentro de nós. É como na infância ficar a espera do primeiro dente cair e guarda de baixo do travesseiro na espera que no dia seguinte a fada do dente venha buscar e nos deixar uma moeda de presente. Ou bem maior porque à medida que crescemos descobrimos que a fada do dente nunca existiu. Assim como o papai Noel que pegava nossas cartinhas na escola e depois nos entregava o presente. E sabe... não ficamos bravos ao saber que não foi à fada do dente quem deixou aquela moeda ou que o papai Noel nunca esteve na escola para deixar o presente. Porque esses momentos são únicos esses sentimentos, essas emoções que jamais serão apagadas. A felicidade de acordar e olhar debaixo do travesseiro ou de receber aquele presente das mãos do papai Noel, mesmo sabendo que por traz daquelas roupas estava um funcionário da escola. Isso é mágico! Mas o Natal e o Ano Novo são diferentes porque mesmo adultos ainda sim arrumamos um jeito de acreditar na magia. De repente no mês de dezembro o positivismo toma conta da gente, todos os sentimentos bons e pensamos naqueles que são os mais importantes para nós, o amor vem como uma chuva de magia vira festa e alegria. E daí se todos os nossos planos não se realizar depois? Isso não importa! Valeu apenas cada expectativa, cada vibração sentida, cada projeto que foi pensado. Porque o Natal e o Ano Novo tem o poder de renovar isso dentro de nós, guardaremos cada uma das sensações, nossos projetos e ainda trabalharemos neles para o ano seguinte. É por isso que afirmo: Dezembro é um mês mágico!

“ A ESPERANÇA É A ÚLTIMA QUE MORRE”

BRASILEIRO DE CRIAÇÃO, FELIZ COM SEU FONE DE OUVIDO AO SOM DE JINGLE BELLS, NÃO TIRAVA DA CABEÇA A NOTÍCIA DE QUE MAIS UM SORTUDO PERU, RECEBERIA O “ PERDÃO NATALINO”

E SUA VIDA SERIA POUPADA PELO PRESIDENTE AMERICANO DA VEZ.

” ATENÇÃO SENHORES PASSAGEIROS COM DESTINO À WASHINGTON - CAPITAL NORTE AMERICANA -EMBARQUE IMEDIATO”

E LÁ FOI A EXUBERANTE AVE DE “MALA E CUIA” NA MÃO, COM SEU GORRINHO VERMELHO PRA FILA DO CHECK-IN.

Em dezembro

Chegando dezembro, o Natal é espera
Para uns alegria da festa, com reunião
Para outros saudosismo, época triste
Tem amor, brindar ou o aguçar da solidão.

Assim como quando chega o aniversário
Circunspecto, percebe ficar mais velho
A vida ser comemorada, efeito contrário
Findar o ano, será novo após dezembro?

Lembro de quando era criança, a euforia
Hoje, adulta tudo é tão igual, bem ou mal
Será que falta esperança durante os dias
Espero que ela se renove não só no Natal.

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

PERMITA-SE!
PERMITA-SE!
PERMITA-SE!
PERMITA-SE!

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

PROXIMA EDIÇÃO

#21

Fevereiro/ 2022

dartelondrina@gmail.com

insta @dartelondrina